

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Impressor — H. BUSTAMANTE

Secretário — T. A. ARARIPE

Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DO OUVIDOR, 21.

ANO XVII

Brasil — Rio de Janeiro, Novembro de 1929

N. 191

Edição de 56 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

ANTA A LEI DE PROMOÇÕES.....	99
------------------------------	----

COLLABORAÇÃO

<i>ASSUMPTOS NAVAES — As manobras combinadas do Exército e da Marinha — Cmt. Muniz Barreto.....</i>	100
<i>O tipo de submarino adquirido pela Argentina comparado com o tipo brasileiro e o chileno (trad.).....</i>	102
<i>O SORTEIO MILITAR — 1.º Ten. Segadas Vianna.....</i>	103
<i>O que precisa ser feito antes de se cogitar em novo R. S. M. — Cap. Mariano Chaves.....</i>	105
<i>Infantes a cavallo — Ten. Cel. Corbê.....</i>	108
<i>O 4.º Esquadrão do 10.º de Caçadores (trad.).....</i>	112
<i>Táctica de Infantaria — 9.ª Conferencia — Ten. Cel. Hugues.....</i>	116
<i>As pontes reforçadas de equipagem — Maj. Guerriot.....</i>	120
<i>Reflexões sobre a direcção geral da instrução nas unidades de recrutas com o serviço a curto prazo (trad.).....</i>	129
<i>Ante-projecto de lei submettido ao estudo da Commissão de Educação Phisica pelo Gen. Nestor Passos, Ministro da Guerra.....</i>	132

DA PROVINCIA

<i>Inspeção do Chefe do E. M. da 6.ª R. M. ao 20.º B. C.....</i>	136
<i>12.ª R. I. (Bello Horizonte).....</i>	143

SUGGESTÕES

<i>Assumptos omissos.....</i>	145
-------------------------------	-----

SUBSIDIOS PARA A RESERVA

<i>Cavallaria.....</i>	146
------------------------	-----

DA REDACÇÃO

<i>Uniformes.....</i>	149
<i>As manobras da 1.ª D. I. e o excesso de publicidade.....</i>	144
<i>Bibliographia.....</i>	151

EXPEDIENTE

"A Direcção de A DEFESA NA-

CIONAL cabe a responsabilidade

de da edição, aos colaboradores

a das opiniões que emitiram em

seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos

Estatutos.)

ASSIGNATURAS

1º — Officiaes — Anno. . . .	18\$000
Semestre. . . .	10\$000
2º — Sargentos — Anno. . . .	15\$000
Semestre. . . .	8\$000
3º — Avulso e atrasados. . . .	2\$000
4º — Avulsos para alumnos da	
E. M., da E. Av. M., da E.	
Nav. e das C. P. O. R. . . .	1\$200

5º — Todos os assignantes que não pertençam a um dos grupos existentes; isto é, que recebam directamente a revista deverão, além dos preços acima pagar a taxa de 1\$500 por semestre relativa ao registro, caso queiram que esta se responsabilize pelos extravios do correio.

a) — As assignaturas deverão terminar sempre nos mezes de Junho ou Dezembro.

b) — Caso iniciem em meio de semestre serão cobradas a razão de 1\$700 cada exemplar.

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Snrs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da sede da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia deverão propôr um official, para substitui-lo definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legíveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilizem;
- se se tratar de assumpto tecnico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

Secção de Publicidade

Os annuncios e quaesquer publicações pagas, tratam-se com o director de Publicidade Sr. José Menezes.

Correspondencia

Toda correspondencia deve ser despachada para a Caixa Postal n. 1.602 ou Travessa do Ouvidor n. 21 (1º andar).

Mudanca de residencia

Para evitar faltas pedimos aos interessados que comuniquem á gerencia suas mudanças de Corpo, pois dobrando assim a ligação feita por intermedio dos Representantes não deixarão de receber a revista.

ASSIGNATURAS AVULSAS

Prevenimos aos Srs. assignantes avulsos que iremos inclui-los nos grupos dos respectivos Corpos ou Estabelecimentos pois as remessas por intermedio dos representantes, são registradas.

Aos demais assignantes avisamos que não nos responsabilizamos pelos extravios no Correio, salvo se indemnizarem a importancia equivalente ao registro respectivo.

Ver em outra página o aviso Venda de livros

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

H. Bustamante, T. A. Araripe, Alexandre Chaves (Directores) — Muniz Barretto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — Mario Travassos, Bina Machado, Humberto Castello Branco, A. J. Bellagamba, Sevilha, Ajalmar Mascarenhas, Lamartine (da Redacção) — Toscano, Lage Snyão, A. Ancora, He raldo Filgueiras (da Administração).

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

M. G. — 1º Ten. Jair.
E. M. B. — Cap. Pery Bevilacqua.
2º Grupo Regiões — Cap. Aché.
Q. G. 1ª R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. I. G. — Cap. Silva Barros.
Dir. A. — Cap. Aguiar de Castro.
Dir. de Remonta — Cap. Gaudio Ley.
Ars. Guerra — Cap. Guaracy Salgado Freire.
Fabr. Curtuc. — 1º Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — 1º Ten. Sacramento.
S. G. M. — Cap. Heraldo.
S. Radio do E. — Cap. Silva Lima.
E. E. M. — 1º Ten. Barros de Castro.
Ser: Basilio da Silva.
E. A. O. — Cap. Octavio Paranhos.
E. C. — 1º Ten. Pletz Espindola.
E. Av. M. — Cap. Bellagamba.
E. M. — Cap. Cyro de Rezende.
Alumno João Bina Machado.
E. Int. — 2º Ten. Ferriche.
C. M. — 1º Ten. Milton Souza.
E. S. I. — 1º Ten. Ignacio Rolin.
F. R. I. — 1º Ten. Armando Gonçalves.
2º R. I. — 2º Ten. Fabio de Castro.
3º R. I. — 1º Ten. Trajano Monteiro.
P. R. C. D. — 1º Ten. F. A. Rosas.

15ª R. C. I. — 1º Ten. Pletz Espindola.
1ª Dist. A. C. — Cap. François.
1ª G. A. Mth. — 1º Ten. Virgílio de Carvalho.
1ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio H. A. Moraes.
2ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio Maranhão e Ten. Abilio Lopes Mendes.
1ª G. I. A. P. — 1º Ten. Hugo Alvim.
Fortaleza de São João — Cap. H. Portocarrero.
Fortaleza Santa Cruz — 1º Ten. Faustino.
Forte Vigia — 2º Ten. Moyses.
Fortaleza da Lage — 1º Ten. Frota.
Faria de Copacabana — Ten. Faria Albuquerque.
1ª B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1ª Cia. F. Viaria — 1º Ten. Nylson.
C. C. C. —
1ª Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.
F. S. D. — 2º Ten. Waldemar Fretz.
1ª Cia. Adms. — 2º Ten. Othon Barbosa.
Inspeção de Fronteiras — Cap. Lima Figueiredo.
1ª C. R. M. — 1º Ten. Costa e Silva.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. Ss. — Cmt. Christiano de Figueiredo.
P. M. D. F. — 1º Ten. Joaquim M. Amorim.
Corpa Bomb. C. P. — 1º Ten. G. Amado.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. — 1º R. M. — 1º Ten. Sevilha.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 3ª D. I. — São Paulo — 1º Ten. Costa Leite.
Q. G. 5ª D. I. — Porto Alegre — Cap. Teixeira Braga.
Q. G. 4ª D. I. — Juiz de Fôra — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5ª R. M. — Curitiba — 2º Ten. Bunes.
Q. G. 6ª R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7ª R. M. — Maj. João Facó.
Q. G. 8ª R. M. — Cap. Veríssimo.
Q. G. Circums. — M. Grosso — Campo Grande — 1º Ten. Jandyr.
Fab de Polvora — Estrella —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. C. na Europa — Paris — Cap. J. B. Magalhães.
C. M. — Ceará — 1º Ten. Túlio Belleza.

1ª C. M. — Porto Alegre — 1º Ten. Marques Santiago.
4ª R. I. — Quitana — 1º Ten. Lengleberto.
5ª R. I. — (sede) Lorena — Cap. Flov.
5ª R. I. — II Btl. — Pinda — Asp. Bayard.
6ª R. I. — Cacapava — 1º Ten. Arlindo Nunes.
7ª R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.
8ª R. I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.
9ª R. I. — Rio Grande — Ten. Octacilio Silva.
10ª R. I. — Juiz de Fôra — 1º Ten. Armando B. Moraes.
11ª R. I. — S. João d'El-Rey — 2º Ten. Hup Faria.
13ª R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonar de Campos.
1ª B. C. — Petropolis — 2º Ten. Amílcar Duk.
2ª B. C. — S. Gonçalo — 2º Ten. Francisco P. Guedes.

(Continúa)

- 3^o B. C. — Victoria — 2^o Ten. Pio Borges.
 4^o B. C. — S. Paulo — 1^o Ten. Saboya.
 6^o B. C. — Ipameri — Ten. João C. Gross.
 7^o B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
 8 B. C. — S. Leopoldo — 2^o Ten. A. Vianna.
 9^o B. C. — Caixias — Cap. Maciel.
 10^o B. C. — Ouro Preto — Cap. Mariano Chaves.
 13^o B. C. — Porto União — Cap. César Gonçalves.
 15^o B. C. — Curitiba — Ten. Domingues dos Santos.
 16^o B. C. — Cayabá — Major Rabello.
 17^o B. C. — Corumbá — 2^o Ten. A. Xavier.
 18^o B. C. — Campo Grande — 2^o Ten. Alves de Lima.
 19^o B. C. — Bahia — 2^o Ten. Joaquim Monteiro.
 20^o B. C. — 2^o Ten. Vieira de Azevedo.
 21^o B. C. — Recife — 1^o Ten. Oliveira Leite.
 22^o B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa.
 24^o B. C. — S. Luiz — 2^o Ten. José Maria Rodrigues.
 25 B. C. — Therezina — 1^o Ten. Moysés.
 27^o B. C. — Manaus — Cap. Salgado dos Santos.
 28^o B. C. — Aracaju — 1^o Ten. Isaias.
 2^o R. C. D. — Pirassununga — Cap. Alcides Lauriodó.
 3^o R. C. D. — Jaguarão — Cap. Auréliano.
 4^o 3^o R. C. D. — Porto Alegre — 2^o Ten. Galvão Menezes.
 4^o R. C. D. — Tres Corações.
 1^o R. C. I. — Boqueirão — 1^o Ten. Ortegal Novaes.
 2^o R. C. I. — São Borja — 1^o Ten. Herclydes.
 3^o R. C. I. — S. Luiz — 2^o Ten. Fraaklin.
 4^o R. C. I. — Sto. Angelo — Maj. Soares da Silva.
 5^o R. C. I. — Uruguayana — 1^o Ten. Sá e Souza.
 6^o R. C. I. — Alegrete — 1^o Ten. Cunha Garcia.
 8^o R. C. I. — Rosario — 2^o Ten. Pontes.
 10^o R. C. I. — Bella Vista — Cap. Serra.
 11^o R. C. I. — Ponta Porã — Ten. Henrique Rodrigues.
 12 R. C. I. — Bagé — 2^o Ten. Emilio Medici.
 13^o R. C. I. — Ten. A. S. Vargas.
 14^o R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Herólio Lemos.
 R. A. Mirto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.
 4^o R. A. M. — Itu — Cap. Manoel Nobrega.
 5^o R. A. M. — Santa Maria — Ten. Amyr Borges Fortes.
 6^o R. A. M. — Cruz Alta — 1^o Ten. Frederico Drumond.
 8^o R. A. M. — Foz de Alegre — 2^o Ten. Clovis S. Barros.
 9^o R. A. M. — Curitiba — 1^o Ten. Oscar G. Amami.
 2^o G. I. A. P. — Quitânea — Ten. Horacio Gonçalves.
 3^o G. I. A. P. — Cachoeira — Ten. Newton Mesquita.
 5^o G. A. Mih. — Guarapuava — 1^o Ten. Figueiredo Cardoso.
 1^o G. A. Cav. — Itaquí — Cap. Euclides Sarmento.
 2^o G. A. Cav. — Uruguayana.
 3^o G. A. Cav. — Bagé — 2^o Ten. Balhazar.
 5 G. A. Cav. — Sta. Anna do Liv. — Forte de Itaipús — Santos — 1^o Ten. Hugo.
 4^o B. E. — Ten. Figueiredo Lobo.
 5^o B. E. — Palmas — Ten. Jurucy.
 1^o B. F. Viario — Jaguarão — Ten. Paulo Leite.
 Forte de Itaipús — 2^o Ten. Abelardo Marcondes.
 Guarnição de Bello Horizonte Ten. Coelho dos Reis.
 Guarnição de Florianópolis — 2^o Ten. Orlando Gomes.
 Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
 Força Publica — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.
 Força Publica — R. de Janeiro — Cap. Colares Moreira.
 Brigada Militar — R. G. do Sul — 1^o Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1 Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Acaçio F. Oliveira.
 Força Estadual — Ceará — Cap. Rodolpho Jourdan.
 Força Estadual — Sta. Catharina — 2^o Ten. João Walheimer.
 Força Publica de Matto Grosso — Maj. Daniel Queiroz.
 Força Policial — Bahia — 2^o Ten. Anísio.
 C. P. O. R. 3^o R. M. — Porto Alegre.

DIRECTOR DE PUBLICIDADE — SR. JOSE' MENEZES

NUMEROS ATRAZADOS

Avisamos aos nossos assignantes que cedemos, gratuitamente, áquelles que desejarem, exemplares de numeros atrasados correspondentes á antiga phase de "A Defesa Nacional".

Todos os pedidos devem ser dirigidos á "Gerencia" até 15 de Dezembro proximo.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. Bustamante

Secretario — T. A. Araripe

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

BRASIL — RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 1929

N. 191

EDITORIAL

Ainda a Lei de Promoções

A "A Defesa Nacional" tem tratado largamente em suas paginas deste magno assumpto a nossa solução adequada á existencia actual do nosso Exército e aos seus elevados destinos, em accordos modernos attributos de vida e organização, fervorosamente almejam os que dignamente labutam nos mistérios da profissão.

Voltamos hoje a cogitar da momentosa questão. Não nos cansaremos de martelar a tábua, porque estamos certos de que trabalhamos por interesse superior, de classe, de collectividade, dignos melhor — por um interesse nacional, porque que anseiam os que exclusivamente dedicados ao serviço da Patria, dentro dos moldes das imposições profissionais, — e constituem a nação, — despresam os favores que se achem intercessos menos elevados de ascender e progressos.

Já temos dito que uma **Lei de Promoções** atenciosa, justa, que regule imparcialmente o certo sem predilecções pessoais condemnaveis, que não vise o premio muitas vezes immerecido, os indivíduos, mas sim a satisfação de funções e cargos para os quaes devem ser destinados os mais capazes, os que mostram de modo real, industrial e inophismavel possuir as qualidades de intellecto, moraes e physicas requeridas, constituirão um dos esteios ou fundamentos da instituição talvez o mais indispensavel á garantia de indubitabilidade nos laços da solidariedade e disciplina que representam as duas mais fortes características da inquebrantabilidade e eficiencia das forças armadas.

Uma Lei estabelecida dentro de taes condições deve garantir o accesso sem a dependencia da variabilidade de opiniões, gostos e sympathias pessoais, porque esta variabilidade constitue o maior mal, o maior impedilho á distribuição da tarefa tendo em vista somente a satisfação das necessidades da organização decorrentes das funções, cargos, comissões e desempenhos a preencher.

Em regra, dois principios de accesso devem ignorar numa boa Lei de Promoções: o da antiguidade e o de **merecimento**. As correntes de opinião não são unânimes em considerar a in-

dispensabilidade de cada um destes principios; ha mesmo a respeito uma variabilidade tal de conceitos, que desconcerta o espirito que investiga o assumpto. E' fóra de duvida que cada um delles tem as suas vantagens e inconvenientes, mas esses ultimos são mais de organização e regulamentação, que mesmo intrinsecos. Dizem uns que o principio da antiguidade faz subir automaticamente, independentemente de qualquer embargo; é realmente muito grave que assim persista o principio em sua applicação, despojado dos requisitos mais indispensaveis á propria essencia da personalidade do official indispensaveis mesmo que della se separe o cunho de brillantismo ou de excelsas qualidades, não imprescindivel, mas proprio das individualidades de escolha ou selecção.

Outros affirmam que o principio do merecimento é como que um mal irremediavel que se adaptou ao organismo da instituição, porque effectivamente conduz a descontentamentos, desanimos, intrigas, vinganças, afinal indisciplina e desorganização. Uns e outros não deixam de ter razão; mas são extremados, não conhecem o meio termo, mostram ignorar que ha perfeita possibilidade de supprimir o automatismo no ascender, e de debelar o mal, contra o qual o vozario é mais insistente, mais renitente, teimoso.

Não somos partidarios exclusivistas de um ou outro dos principios. O de merecimento é o mais justo, mais adequado aos destinos geraes; é a meta a attingir depois de uma cuidadosa preparação em que, por phases, se vá adaptando a mentalidade ao designio final, que é o predomínio desse principio, talvez a sua utilização exclusiva, ao menos para a formação dos quadros de certos postos da hierarchia, aquelles para os quaes as responsabilidades de direcção e commando sofram accentuado accrescimento, e vão sempre e cada vez mais, se complicando. E' sobre tal principio que as vistas devem especialmente voltar-se, porque é o principio ideal, o principio **objectivo final**. Mas estamos convencidos de que uma só primeira tentativa de transformação do actual estado de cousas, isto é, com uma só modificação da Lei vigente, — certo não poderemos attingir o

Assumpios Navaes

AS MANOBRAS COMBINADAS DO EXERCITO E DA MARINHA

Pelo COMMANDANTE MUNIZ BARRETO

Aproveitando o período annual de manobras do Exercito e da Armada, resolveu desta vez o Governo que uma acção combinada das forças de terra e mar fosse levada a effeito nas proximidades da Capital.

Não é mister encarecer o grande alcance de que operações simuladas dessa especie hão de sempre revestir-se, como valioso exercitamento para o Commando, a tropa e os serviços, mesmo quando apenas se desenvolvam com o caracter elementar das que pela primeira vez foram agora realizadas segundo um methodo preestabelecido logicamente.

A imprensa diaria já se tem occupado, mais ou menos noticiosamente do assumpto, interessando o grande publico no desenrolar progressivo das differentes phases da acção conjuncta.

Não vamos, por isso, adiantar grande coisa, mas apenas coordenar um pouco os acontecimentos, proporcionando aos leitores uma idéa mais exacta do thema desenvolvido.

A HYPOTHESE ESTRATEGICA

A hypothese formulada foi a de uma guerra entre os partidos Vermelho e Azul, em que o primeiro — representando o inimigo — depois de uma victoria naval resolveu operar um desembarque a léste da Ilha Grande.

Alto principal, o definitivo desideratum, porque é necessario marchar por etapas, caminhar por lances, a cada um dos quaes corresponda um aperfeiçoamento sensível, sem retrocesso. O que é forçoso, é iniciar a marcha, olhos ou attenção voltados para o ponto de direcção que é affastado, mas não é inatingível. Por mais bem regulada que seja na actualidade a questão das promoções o principio do merecimento não poderá por enquanto, e por algum tempo ainda, prevalecer em absoluto. Tal seria provavelmente desastroso, de consequências incalculavelmente nocivas, dissolventes, porque o meio ainda não amadureceu sufficientemente, não tem o preparo, a predisposição e o desprendimento necessarios a tão elevados objectivos, pelo que não pode experimentar, sem transições bem marcadas, medidas, dosadas, um choque de mutação que seria fatal. Por isso, a antiguidade bem firmada, supprimindo as inutilidades manifestas por incapacidade intellectual, physica, ou moral, ainda constituirá o elemento moderador por excellencia.

Temos indicado, numa serie de escriptos a respeito, muitas maneiras de conduzir á boa elaboração de uma nova Lei, sempre lembrando e insistindo que a Lei actual é archaica, falha, insubsistente, conduz a arbitrariedades, não devendo afinal perdurar por mais tempo.

A actual Lei de Promoções, além de notoriamente inadequada á epoca, tem outros motivos, também preponderantes e imperiosos, para ser reformada.

A esquadra Azul, desbaratada, recolhera-se parte á Guanabara rumando outros navios para o norte, e deixando livre o mar ao antagonista que, depois de uma demonstração ao largo da barra do Rio, pôe em terra mais a oeste a tropa de um comboio que se mantinha á distancia, — effectuando as operações preliminares indispensaveis e precavendo-se na medida aconselhavel, dada a importancia e a natureza dos elementos defensivos do partido Azul.

AS FORÇAS EM PRESENÇA

Vermelhos

- a) Esquadra:
 - 1 — Divisão de Encouraçados: "Mivas" e "São Paulo".
 - 2 — Divisão de Cruzadores: "Bahia" e "Rio Grande do Sul".
 - 3 — Flotilha de Contra-Torpedeiros: 6 navios.
 - 4 — Elementos da Aviação Naval.
- b) Comboio:
 - 1 — Transportes: Navio-motor "Itaguassú".
 - 2 — Tropa: Contingentes de infantaria, cavallaria e artilharia.
 - 3 — Navio-auxiliar: Navio-Mineiro "Heitor Perdigão".

A Lei do Ensino, reorganisadora dos processos de formação dos quadros, exige, como complemento inadiável e condição para subsistir, um conjunto de novas disposições reguladoras da selecção e acesso dos officiaes. Verifica-se actualmente o contraste de uma lei obsoleta, arbitraria e retrograda completar a acção de uma outra, moderna, justa e que veio methodizar um assumpto intimamente ligado á primeira. O sistema de promoção em vigor é, pois, por mais esse aspecto, incompatível e de consequências inconvenientes e prejudiciaes ao Exercito.

Ahi, no entretanto, não ficam os seus prejuizos. A ausencia de uma verdadeira Lei de Promoções dá ensejo a que, de vez em quando, appareçam projectos opportunistas, de caracter eminentemente pessoal, dando providencias parciaes e esdrúxulas sobre acesso, formação de quadros, etc. Esses verdadeiros assaltos ao interesse colectivo do Exercito, e que trazem a feição peculiar do commodismo anarchico, só cessarão quando uma lei completa vier satisfazer uma das partes vitais da efficiencia militar — a selecção rigorosa e honesta da officialidade.

A esse anseio do Exercito corresponde, sem duvida, intuitos pottricticos dos nossos dirigentes para levar o problema ao justo termo que a classe almeja e merece.

E aqui expressamos os nossos votos para que, muito e muito breve, tenhamos plenamente satisfeita a mais organica das necessidades do Exercito — uma nova Lei de Promoções.

Azres

a) No Rio:

- 1 — 4 submarinos na defesa local.
- 2 — Campos minados ao largo.

3 — Fortificações permanentes da barra.

b) Na Ilha Grande e litoral adjacente:

- 1 — Fortificações nas pontas Grossas da Marambaia e Castelhanos.

2 — Elementos esparsos de defesa do litoral da bahia de Sepetiba.

3 — Campos minados entre a restinga de Marambaia e a Ilha Grande, e nas aguas interiores da bahia de Sepetiba.

O PLANO GERAL DE OPERAÇÕES

Pode ser, em suas linhas geraes, condensado da seguinte modo:

1ª Phase

a) Ao clarear do dia 22 de Outubro, demonstração da Esquadra em frente á Capital.

1 — Varredura dos campos minados mais avançados, pelos Contra-Torpedeiros.

2 — Cobertura anti-submarina do Corpo Principal (Encouraçados), pelos Contra-Torpedeiros.

3 — Cortina de fumo, pela Aviação.

4 — Ataque ás fortificações e bombardeio do porto, pelo Corpo Principal.

b) Ataque á Esquadra, pelos Submarinos do partido Azul.

2ª Phase

a) Forçamento da barra lêste do golfo da Ilha Grande, no dia 23.

1 — Ataque ás fortificações das pontas Grossa da Marambaia e Castelhanos, pelos Couraçados e Cruzadores.

2 — Varredura dos campos minados, pelos Contra-Torpedeiros.

3 — Cobertura anti-submarina dos Couraçados, pelos Contra-Torpedeiros.

4 — Escolta do comboio, pelos Cruzadores e Contra-Torpedeiros.

b) Desembarque no interior da bahia de Sepetiba, depois de vencida á viva força a entrada do golfo.

1 — Os Couraçados batem o litoral, por cima das terras baixas da restinga.

2 — Os Cruzadores e Contra-Torpedeiros escoltam o transporte e batem as defesas esparsas na Sepetiba.

3 — Operação methodica do desembarque da tropa, por meio de embarcações miúdas adequadas.

O DESENVOLVIMENTO DAS OPERAÇÕES

Taes foram, em synthese, as disposições que nortearam a manobra.

O mau tempo reinante, com frequentes aguaceiros e forte cerração, impedio sobretudo a intervenção da Força Aerea e fez transferir o desembarque para o dia subsequente ao que estava previsto.

E isso mesmo já constituiu um detalhe digno de apreço nos ensinamentos colhidos.

A 1ª phase desenvolveu-se inteiramente no

dia 22, havendo zarpado a Esquadra da sua base na vespera. Á tarde, para vencer durante a noite a distancia que a separava do porto a atacar.

Os submarinos, dispostos em patrulha ao largo do Rio, desfecharam o contra-ataque aos Vermelhos quando estes evoluíam na zona de bombardeio.

A diversão contra a Capital uma vez realizada, voltou a frota ao poente, percorrendo á noite de 22 para 23 o caminho da Ilha Grande, onde ia desenrolar-se a acção principal.

Apoiado pelo fogo dos Encouraçados e Cruzadores, e através da area varrida pelos Contra-Torpedeiros incumbidos da recêga, o comboio representado pelo "Itaguassú" forçou a barra lêste irrompendo na bahia de Sepetiba em direcção ao local designado para o desembarque, no litoral do Districto Federal abrigado pela restinga da Marambaia.

Nessa posição já as baterias da barra transposta, mesmo ainda em acção, não poderiam mais obstar-o. E os couraçados, mudando o alvo, postados no mar alto e por cima da restinga, ainda o apoiavam com o seu fogo, batendo as organizações defensivas atacadas a menor distancia pelos Cruzadores e Contra-Torpedeiros que se internavam com o comboio, pela bahia de Sepetiba a dentro.

Seguiu-se então o desembarque, organizado e executado de accordo com as prescripções aconselháveis ao genero da acção amphibia.

Não obstante o tempo chuvoso que reinava impedindo a participação da Aviação, que seria bastante interessante, e o exercitamento das organizações de direcção de tiro dos navios e fortalezas por occasião do ataque naval ao porto do Rio de Janeiro; mesmo levando em conta as proporções mínimas do comboio representado por um unico transporte — e a limitação dos effectivos empenhados na expedição, estão de parabéns, sem duvida, o Exercito e a Marinha pelo aspecto palpitante do thema desenvolvido pelo contacto estabelecido entre as duas corporações e pela oportunidade que se lhe apresentou de pôr em evidencia uma das formas em que a acção combinada das forças de terra e mar offerece os aspectos de maior importancia e variedade.

A demonstração da Esquadra contra a Capital, o contra-ataque da defesa movel do porto, o forçamento da entrada do golfo da Ilha Grande, a passagem de viva força pelas aguas de Sepetiba, o apoio que os diferentes typos de navios prestaram á acção do desembarque e, finalmente, a execução methodica deste ultimo fixaram bem a attenção, certamente, sobre esses aspectos, tanto na sua complexidade como na delicadeza e na precisão das medidas essenciaes á sua coordenação.

As falhas e as deficiencias que não poderam deixar de ser notadas na execução de alguns detalhes foram perfeitamente naturaes, até certo ponto. Ellas pertencem á critica autorizada dos Estados Maiores.

Revelam, porem, antes de tudo, a necessidade inilludivel de exercicios frequentes, methodicamente orientados.

O tipo de submarino adquirido pela Argentina comparado com o tipo brasileiro e o chileno

TRADUÇÃO DO ARTIGO PUBLICADO EM "LA PRENSA" DE BUENOS AIRES, DE 18 DE AGOSTO DE 1929, POR NICOLAS BARBARA.

A recente incorporação à frota do Brasil do primeiro submarino de grande tonelagem e a aquisição feita pelo Chile de tres submarinos do tipo e dimensões muito semelhantes ao anterior, despertarão em nossos leitores curiosidade logica em conhecer os dados comparativos entre estes navios e os que se constroem na Italia para o nosso paiz.

A reserva que sobre taes assumptos é commun e o impenetravel mysterio com que o governo actual rodeia as suas decisões, não nos impedirão de satisfazer de modo completo essa justa e natural curiosidade. Para isto, valer-nos-emos, em parte, de dados consignados nos annuarios navaes, no que respeita a algumas das características das unidades estrangeiras e de informações sobre as argentinas, obtidas de fontes bem informadas.

As características principais dos tres tipos de navios, que servem para determinar seu valor militar e seu emprego tactico e estrategico, bem como suas condições de navegabilidade, figuram no quadro seguinte:

novidade nas installações dos diversos serviços de ar, agua, luz, força motora, oxygenio e outros. Ao determinar estes serviços levaram-se em conta todas as circumstancias que poderiam contribuir para facilitar o salvamento do material em caso de accidentes e muito especialmente a vida dos tripulantes, muito embora, desgraçadamente a experiencia o demonstra, só em casos verdadeiramente excepcionaes tal se conseguisse.

E' sabido que o Ministerio da Marinha argentina, quando preparou a lei de esforço para a armada em virtude da qual se constróem actualmente nossos navios, frescas ainda as impressões da Grande Guerra e quicá influenciado pela efficacia da campanha submarina allemã, viu a possibilidade de adquirir para a nossa frota navios semelhantes ao U. B. de 500 toneladas e tal se teria realizado si estudos posteriores não demonstrassem a inconveniencia de semelhante eleição. Com effeito, si se observar o caminho seguido pelos allemães nos ultimos tempos da guerra, verificar-se-á que a tonelagem dos submarinos soffreu grande e decidido augmento:

DESCRIÇÃO	BRASILEIRO	CHILENO	ARGENTINO
Deslocamento na superfície.....	toneladas 1.390	toneladas 1.400	toneladas 900
Deslocamento em imersão.....	toneladas 1.884	toneladas 1.900	toneladas 1.123
Motores thermicos.....	cavallos. 4.900	cavallos. 2.700	cavallos. 3.000
Motores electricos.....	cavallos. 2.200	cavallos. 2.000	cavallos. 1.400
Velocidade na superfície.....	nós..... 17,5	nós..... 14	nós..... 17,5
Velocidade em imersão.....	nós..... 8,5	nós..... 9	nós..... 9
Tubos lança torpedos.....	 6	 6	 8
Torpedos a bordo.....	 16	 16	 16
Artilharia.....	1 de 105 mm.	1 de 105 mm.	1 de 105 mm. 1 de 40 mm.
Raio de acção na superfície.....	milhas.. 9.000	milhas.. ?	milhas.. 9.000
Raio de acção em imersão.....	milhas.. 90	milhas.. 96	milhas.. 75
Reserva de fluctuabilidade.....	35%	35%	36%
Tripulação.....	50 pessoas	60 pessoas	40 pessoas
Preços em libras esterlinas.....	330.000	400.000	200.000

Do exame do quadro acima, deprehende-se immediatamente o acerto com que procederam nossos marinheiros na escolha do tipo de deslocamento médio. Dentro das 900 toneladas de um destes tipos, obteve-se um navio mais bem armado, com igual autonomia, com mesma ou maior velocidade e por preço igual á metade do chileno e quasi a metade do "Humaytá" (brasileiro).

Podemos acrescentar que o tipo "Salta", como se chama agora o primeiro submarino argentino, uma vez terminado será um navio de excepcionaes qualidades, não tanto pelas minucias que acabamos de mencionar e que se avantajam sobre os seus similares que possuem um deslocamento de 60% maior, mas também por sua distribuição interna que representa grande

o submarino de 500 a 600 toneladas, foi substituido pelo de 900 toneladas, dos quaes, somente nos estaleiros da Germaniawesft foram construidos 47 correspondendo em geral, a um tipo muito semelhante ao que actualmente se constróe para nós, em Taranto.

Este novo tipo allemão levava seis tubos e dez torpedos de 50 cm. de diametro, em lugar de cinco tubos de oito torpedos que possuia o anterior; sua velocidade na superfície e em imersão era de 16 e 8,6 milhas respectivamente, em vez de 13,5 e 7,5 do antecessor; o raio de acção se manteve quasi igual. Evidentemente, o tipo allemão mais moderno ao terminar a guerra, era sensivelmente inferior ao nosso em armamento e velocidade.

Tanto o submarino allemão de 500 tonela-

O sorteio militar

Pelo 1.º Ten. SEGADAS VIANNA

A *Defesa Nacional* publicou em seu numero de Setembro, as palavras pronunciadas pelo chefe da 1.ª C. R. por ocasião do sorteio militar da juvenia a serem incorporados no anno vindeiro, chamando a attenção de seus leitores para as apreciações nellas contidas, a respeito da difficuldades que se encontram na applicação da nossa lei de sorteio.

E' incontestavel que a lei do sorteio militar, por sua má elaboração ou por não ser cumprida como devia, não tem produzido os fructos da ella poderíamos esperar. O numero de alistamentos annualmente tem sido ridiculo em todas as partes do paiz e a percentagem de insubmissos, grande que só pôde ser attribuida ou á má elaboração da lei, ou á falta de patriotismo do povo brasileiro, causa que logo em principio expone a afastar pois, mesmo que não haja pagamento, é preferivel servir um anno incorporado do que se submeter ás penalidades que são impostas a um insubmisso, quando é capturado e quando a lei é applicada...

Nos paizes europeus onde em lugar do sorteio existe o serviço militar obrigatorio, considera-se que annualmente no minimo meio por cento da população do paiz é composta de homens que completaram 21 annos, o que permite a França manter um exercito de 600.000 homens, incorporando todos os annos mais de... 30.000 de seus filhos, para uma população ap-

proximada de 40 milhões de hab., isto é, igual á nossa.

A 1.ª região militar contando com cerca de 4 milhões de habitantes, tomando a percentagem franceza, deveria alistar 36.000 jovens; entretanto, no presente anno depois de feita a revisão este numero orçou por 14.500 (incluindo mais de uma classe), dos quaes, se excluirmos os insubmissos depois de feito o sorteio, restarão talvez menos de 10.000, ou cerca da quarta parte dos rapazes que neste anno completaram a idade legal para o sorteio, donde se conclue que 75% ficaram fóra do alcance da lei do serviço militar.

Se isto acontece na 1.ª região, onde a população não se acha disseminada pelos sertões, onde existem fontes numerosas de alistamento, onde a instrução se encontra muito desenvolvida e onde o serviço de alistamento se acha sob a chefia de um official reconhecido por todo o nosso meio militar como um profissional honesto, trabalhador e competente, o que não acontecerá nas outras C. R. onde as condições acima citadas nem sempre se encontram, por motivos muitas vezes independentes de seus chefes?

Dentro da percentagem de 1/2%, o Brasil deveria alistar annualmente 200.000 jovens, dos quaes somente 25.000 seriam sorteados (lei de fixação de forças); entretanto sabemos nos corpos que, apesar de ser tão pequeno o sacrificio

de como o que o succedeu de maiores dimensões, em construídos para uma immersão maxima de 50 metros, enquanto que, de accordo com as clausulas do contracto, o "Salta" fará provas de profundidade de 100 metros, como se procede na marinha italiana com o "Marmelli" e o "Capponi" que pertencem ao typo daquelle, chegado-se aos 117 metros de profundidade, rees mantido actualmnte. Qualidade esta, da maior importancia, pois della dependerá, em varios casos, o salvamento do navio e seu pessoal em accidentes de navegação e o exito de determinadas operações de guerra.

Os ensaios de velocidade, de immersão e navegação feitos recentemente com os submarinos italianos "Marmelli", "Capponi" e "Speri" que realizaram viagem oceanica (*) para apreciar suas condições nauticas, supportando fortes temperaturas, entre outros o que se verificou quando o dirigivel "Graf Zeppelin" aterrou em Marsella em Maio ultimo, asseguraram o maior exito nos nossos submarinos, que, mais moder-

nos, ainda receberam aperfeiçoamentos em portmenores e caracteristicas, figurando entre os principaes o alargamento do casco e o augmento de accumuladores.

Em prazo relativamente curto, a marinha argentina contará com dois cruzadores de 8.000 toneladas, com o armamento mais poderoso em navios de tal typo hoje em uso, em substituição dos "Diomedes" de 5.000 toneladas, de pequeno valor militar, dado o seu deslocamento; tres destroyers de 40 nós, com 7.500 milhas de raio de acção, em vez de igual numero de "Brookes" com a modesta autonomia dos do typo "Cervantes" (por seu pequeno raio de acção); e finalmente, tres submarinos muito poderosos, attendendo-se ao seu deslocamento, em lugar de tres allemães, ou "Adriadnee", de 500 toneladas e apenas de 5.000 milhas de raio de acção na superficie.

Não desejamos terminar esta correspondencia sem mencionar antes que o submarino adquirido por nós nos estaleiros italianos de Taranto é o typo que a marinha italiana adoptou para seu serviço, depois de ter estudado os diferentes typos de navios similares allemães, usados durante a grande guerra. Quanto ao preço pago pelos mesmos, é sabido que foi consideravelmente diminuido á ultima hora, porque se supprimaram as commissões que deveriam perceber os intermediarios.

(*) Os submarinos italianos "Goffredo Mameli" e "Domenico Millicore", sob o commando, respectivamente, dos capitães de corveta Valerio della Campana e Parenti, que sahiram de Spezia a 14 de Abril, viajaram durante 35 dias, tocando nos portos de Alemanha, Funchal, Cadiz e Cartagena, ou seja um percurso total de 4.000 milhas. Durante esta viagem, experimentaram forte temporal desde Cabo Bojart até a ilha da Madeira.

pedido á nação, quão numerosos são os claros motivados pelo sorteio, os quaes são preenchidos em parte por voluntarios vindos do norte.

Pela argumentação acima, e pelo juizo pessoal que cada um dos leitores certamente possui sobre as difficuldades motivadas pelo sorteio, vemos que a lei que o regula deve quanto antes ser modificada.

Conforme nossa modesta opinião, tres pontos essenciaes devem ser levados em conta em qualquer modificação da actual lei:

1° — Simplificação dos processos de alistamento.

2° — Regulamentação mais precisa dos casos de isenção.

3° — Simplificação dos processos juridicos para a captura e applicação das penalidades em que incorrem os insubmissos.

Em seu primoroso discurso, o Maj. Ascendino Mello chama a attenção para que apesar da lei exigir que todo o cidadão se aliste ao completar a maioridade, entretanto não prescreve as penas correspondentes á infracção desse artigo.

O alistamento mediante o registro civil é falho devido aos obitos occorridos durante os 21 annos anteriores. A notificação ao alistado, exigida por lei, é um problema difficilissimo pois raro é o individuo que aos 21 annos ainda mora na casa onde nasceu. Os outros processos de alistamento são falhos e dependem da honestidade daquelle que fornece as informações; as listas distribuidas nas residencias particulares, casas commerciaes, fabricas etc., ou não são devolvidas, ou contêm informações falsas, e assim acontece tudo o mais.

O conhecimento da existencia de uma lei de sorteio militar é um verdadeiro mytho para a maioria dos brasileiros. Deveria existir permanentemente um serviço de propaganda do sorteio, dando a conhecer á massa do nosso povo os intuitos altamente patrióticos da instituição, o dever moral para com a Patria que tem o sorteio de se apresentar, os artigos essenciaes contidos na lei, e principalmente as penas a que ficam sujeitos todos aquelles que por qualquer modo contribuem para difficultar a execução da mesma.

A propaganda mediante cartazes, nos bonfins, nos trens, nos cinemas, por meio de boletins distribuidos na época opportuna nas grandes reuniões de individuos do sexo masculino, taes como as fabricas, fazendas, escolas superiores, etc., talvez produzisse algum resultado para o alistamento e o cumprimento da lei.

Compulsando as leis de sorteio de outros paizes Sul Americanos e em especial a da republica Argentina, bem como aproveitando alguns sábios artigos já contidos em nossa lei actual, afigura-se-nos que talvez pudessamos simultaneamente resolver o problema do alistamento e o das penalidades a applicar não só aos insubmissos como tambem aquelles que se leixam de alistar.

O que abaixo vamos propor não constitue uma novidade, pois é uma pequena variante das leis de que acima falámos.

Afim de simplificar o alistamento, um unico

processo seria empregado: o alistamento feito pelo proprio individuo.

Dentro de um prazo de 6 mezes após completar 21 annos, todo individuo seria obrigado a comparecer á C. R. onde seria alistado, recebendo um titulo de alistamento valido somente até os 23 annos. No caso em que fosse sorteado o titulo seria substituido pela caderneta de reservista fornecida pelos corpos e registrada na C. R.; no caso em que não fosse sorteado, o titulo deveria ser levado á C. R., ao completar 23 annos, onde seria substituido por uma caderneta de reservista da 2ª linha, de maneira que todos os brasileiros com mais de 23 annos deveriam possuir caderneta de reservista.

Os reservistas das linhas de tiro seriam obrigados igualmente a comparecerem á C. R. ao completarem os 21 annos, afim de terem as suas cadernetas registradas, sem o que perderiam de valor.

O processo como vemos é mais que si^{as} 14, porém não produziria resultado algum se iniciadas mitantemente não fossem votadas as leis^{as} 14, tornassem o alistamento expontaneo uma n^{as} 14, sidade para todo cidadão. Assim teriamos: ladas

a) Todo cidadão com mais de 23 annos^{as} 14, menos de 44, que não possuir caderneta de eme^{as} 14, servista, será considerado insubmissos e s^{as} 14, as penas da lei.

b) Todo cidadão para se casar é obri^{as} 14, dos a juntar aos seus papeis a caderneta de re^{as} 14, vista caso tenha mais de 23 annos, e o ti^{as} 14, de alistamento ou caderneta caso tenha i^{as} 14, menor.

c) Nenhuma transferencia de bens in^{as} 14, veis poderá ser feita sem que o comprador ou herdeiro, e o alieneador ou doador, apresen^{as} 14, m os documentos da letra b, os quaes são igual^{as} 14, mente indispensaveis para:

d) Entrada ou sahida do territorio nacional (passaportes).

e) Nomeação para emprego publico de q^{as} 14, quer natureza: federal, estadual ou munic^{as} 14,

f) Ser eleito para as assembléas federa^{as} 14, e estaduais.

g) Ser alistado eleitor.

h)

i)

E assim haveria uma série de exigencias graças ás quaes o numero de insubmissos de não alistados ficaria reduzido ao mínimo, pois qualquer individuo não poderia dar um passo em sua vida publica sem que lhe surgisse pela frente a exigencia inflexivel da caderneta de reservista ou do titulo de alistamento caso fosse menor de 23 annos.

Este processo é usado em quasi todos os paizes onde ha o serviço militar obrigatorio.

O alistado aos 21 annos que fosse sorteado teria interesse em se apresentar pois saberia que aos 23 annos o seu titulo de alistamento perderia o valor, só sendo substituido pela caderneta de reservista da 2ª linha caso não tivesse sido sorteado.

O alistamento voluntario tornar-se-ia uma necessidade indispensavel tal como o registro civil. Caso se quizesse, poderia mesmo ser determinado em lei que a partir de 23 annos, a ca-

demeta de reservista substituiria a certidão de idade em todos os casos em que esta é exigida.

Pensamos que com as presentes sugestões resultantes não só de nossa observação pessoal como de documentos do valor do discurso feito

pelo chefe da 1ª C. R., temos contribuído, ainda que modestamente, para que sejam coroados de successo os esforços daquelles que vêm na solução do problema do sorteio militar a mais premente necessidade do Exército Nacional.

SORTEIO MILITAR

II

—O que precisa ser feito antes de se cogitar em novo R. S. M.

Pelo Cap. MARIANO CHAVES

Eis-me de novo entre os leitores de "A Defesa Nacional" por motivos alheios a minha vontade.

E' que mal foi conhecido meu primeiro artigo, quizevi para ser o unico, recebi de um collega e amigo da guarnição do Rio, moço de intelligencia brihante e vasta cultura, seus emboras pela ideia expedita capeando, porém, algumas perguntas.

Fiquei na obrigação de attende-o não só pelo prazer de me sentir comprehendido na magnitude do assumpto, como tambem porque confirmo-lhe minha consideração pessoal, tão grande que a deixo sem individualizal-o.

MODIFICAÇÃO DO LIVRO PARA REGISTRO DE NASCIMENTOS E OBITOS

Não é passivel de discussão a necessidade de existir um novo Livro, dentro dos moldes da ideia de inserir o Alistamento só no livro de Registro de Nascimentos e Obitos.

Tambem não padece duvida que a divisão desse assumpto em dois Livros diversos, implicaria na possibilidade de um extravio. Logo, convem que se crie um livro de accordo, por exemplo, com o MODELO n. 1. Fica ali a ideia que será desenvolvida e detalhada pelos peritos no assumpto.

COMO EVITAR O ALISTAMENTO DE INDIVIDUOS JA' FALLECIDOS

Nada mais facil de resolver. Será apenas necessario que exista a obrigatoriedade de ser communicado todo o obito occorrido ao cartorio do lugar de nascimento. E' muito difficil acontecer que entre os amigos de cada um, não exista quem conheça os detalhes necessarios ás declarações que deverão ser feitas na occasião em que se comunica um obito á repartição competente. Resolvam-se os casos de individuos desconhecidos, fallecidos na via publica ou não, por diferentes motivos. Mesmo esses inconvenientes podem ser removidos porquanto é muito facil ser creada com caracter de Lei uma ficha individual, de condução obrigatoria permanente, fichas essas que serão fornecidas pela Policia, por exemplo, a todos sem excepção, mesmo aos estrangeiros em transito.

Em consequencia:

Occorrido um obito em um determinado lugar X, desde que o nascimento se tenha dado em um lugar Y, o cartorio de X fará a devida communica-

ção ao cartorio de Y e ali será feita a respectiva alteração.

Por taes processos nunca poderão ser alistados os individuos já fallecidos.

COMO EVITAR A DUPLICIDADE DO ALISTAMENTO

E' uma consequencia do que ficou esclarecido acima e que nunca será demais repisal-o.

Calcado que seja o alistamento exclusivamente no Registro Civil e satisfeita a exigencia das communicações de obitos feitas entre si pelos respectivos Cartorios, é evidente que não poderá haver duplicidade de alistamento, pois, achando-se em dia a escripturação do Livro (modelo n. 1), evitada está a possibilidade de ser computado no alistamento o nome de qualquer individuo já fallecido.

COMO RESOLVER OS INTERESSES PESSOAES DE QUALQUER CIDADÃO, NA DATA DO SEU SORTEIO

Já vaé longe, felizmente, a época em que a Lei do Sorteio Militar era ignorada por grande numero dos que habitam a vastidão do Brasil.

O que se vê hoje em dia é a preocupação de burlar a Lei, por todos os modos, alguns mesmo até indignos de um raciocinio coerente e no entanto expendidos, defendidos e explorados por individuos não menos indignos. Está ainda na memoria de todos a plethora dos "habeas-corpus", quasi em massa, de que faziam verdadeira industria até pessoas respeitaveis, a titulo de exercicio de sua profissão, em que se explorava, até no ridiculo de toda a sensatez, a minima falha da Lei de então. Muito em tempo, porém, foi dado pelo governo o golpe de morte nessa *Societas sceleris* de vendições dos interesses da Patria, braço dado com os ignorantes por conveniencia propria, quando não criminosos por deslavadas mentiras. Passemos, porém, uma esponja desinfectante nesse passado purulento.

A ninguém será licito desconhecer a Lei, uma vez que o Governo se esforce por tornal-a conhecida por todos os meios a seu alcance: jornaes, libretos, pequenos resumos, conferencias, explicações até nos pulpitos. A época é de propaganda a *yankee*; façamol-a nós tambem.

Assim, pois, do novo R.S.M. será preciso que se retire, desde já, dois dispositivos actualmente existentes:

1º — Não será mais permitido o Alistamento voluntário;

2º — Não mais será exigida a Notificação ao alistado.

Porque:

1º — Desapparecerá fatalmente, pelo processo exposto, a possibilidade de deixar de ser alistado qualquer cidadão e dahi se infere que só poderá causar irregularidades no serviço a permissão de alistamento voluntário. Bastará que se conserve essa faculdade de alistamento voluntário pelo prazo maximo de tres annos, a contar da data em que entrar em execução a nova Lei do Sorteio, tempo mais que sufficiente para que todos os Cartorios façam as devidas corrigendas e additivos no Registro actualmente existente, encerrando desde logo os actuaes Livros de Registro e iniciando nova escripturação nos que fôrem creados, lançando tambem nelles todos os Registros de individuos que até agora não tenham sido devidamente registrados.

2º — Todo o cidadão brasileiro, conhecedor de modo absoluto dos seus deveres para com a Patria, não poderá allegar ignorancia no assumpto e saberá que, ao attingar a idade de Alistamento, será fatalmente alistado pela Junta do Municipio em que tiver nascido e que, caso não apresente, em tempo util, as objecções enquadraes nos casos de isenção, estará em condições de ser sorteado, passando automaticamente a insubmisso, na falta de apresentação. Desapparecerá assim a Notificação ao alistado como cousa pernicioso ao cumprimento do Dever além da perda de tempo, acrescimo de despesa e margem á allegação de ignorancia, as mais das vezes, redondamente falsas.

Isto dito, exemplifiquemos:

Um cidadão *A*, nascido em São Sepé (Rio Grande do Sul), e que, na idade de seu alistamento, reside em Manaus (Amazonas).

Ora, o cidadão *A* tem certeza que será alistado em São Sepé e sabe tambem que não será acceto seu alistamento voluntario em Manaus.

Dahi, duas hypotheses:

1ª — O cidadão *A* quer servir, caso seja sorteado, em sua terra natal;

2ª — Ao cidadão *A* não convém sahir do Amazonas.

Vejam os:

Como todas as C.R. têm franquia telegraphica e postal, é facil ao cidadão *A* conhecer sua situação perante a Lei, uma vez entrando em contacto com o Chefe da C.R. onde se acha, dentro de um prazo a arbitrar em regulamentação.

Resolvida tal situação elle:

— ou viajará para S. Sepé (quer por conta ou não do Governo);

— ou declarará que deseja servir no Amazonas (o que seria mais economico).

Bastará pois um entendimento entre as C.R. de S. Sepé e a de Manaus, seguida de uma exclusão e inclusão de uma lista para outra.

Por este mesmo entendimento entre as C.R. se resolverão os casos de isenção, apresentados os necessarios documentos em tempo util.

Até a propria viagem do cidadão *A* de Manaus para S. Sepé, admittida esta hypothese, só se realizará depois da Inspeção da Junta Militar de Saude em Manaus.

Todos os casos de incapacidade definitiva, temporaria, isenções e outras informações, redundarão no caso geral: "Entendimento entre as C.R."

Estará, pois, morta a questão de dualidade de alistamento e a possibilidade de ser o cidadão *A* insubmisso em um Estado, estando já incorporado ou já tendo servido em outro Estado.

Ficarão tambem dest'arte resolvidos todos os casos de interesses pessoas que possam surgir, bastando para isso conhecer a Lei, querendo cumpril-a dentro dos prazos estabelecidos.

EXCLUSÃO DOS RESERVISTAS DE QUALQUER CATEGORIA POR FALLECIMENTO OU OUTROS MOTIVOS

a) Reservista de 2ª categoria.

Exemplifiquemos, desde logo:

Um cidadão *B* obtem a caderneta de reservista de 2ª categoria em qualquer parte do Brasil. Nesse documento ficarão constatados: Local do nascimento, idade, filiação, etc., etc. Assim que a C.R. do Estado em que o cidadão *B* obteve a caderneta receber os papeis enviados pelo Instructor da E.I.M. em questão, essa C.R. fará o respectivo registro e si o cidadão *B* nasceu em outro Estado, esta C.R., que primeiro o registrou, communicar-se-ha immediatamente com a C.R. do Estado onde nasceu e a que pertence o cidadão *B*.

Recebida esta comunicação pela C.R. do Estado em que nasceu esse cidadão *B*, esta lançará seu nome em livro especial, creado para tal fim, ou fará apenas a devida alteração caso esse cidadão *B* já esteja alistado.

Assim acontecerá que no anno em que o cidadão *B* for alistado pela Junta do Municipio de nascimento, a Junta de Revisão, á qual deverão ser presentes todos esses documentos, apresentará a lista definitiva para o sorteio levando já em conta todas essas alterações.

Caso o cidadão *B* já tenha passado da idade do sorteio, mas tenha querido, por qualquer circumstancia, tornar-se reservista, na lista dos alistados daquelle classe, deverá conter, após seu nome, essa alteração, sendo mesmo incluido em tal lista si algum motivo tiver occasionado a falta de seu nome.

Observação importante — Será considerada como não existente toda a caderneta de reservista de 2ª categoria que não estiver devidamente registrada na C.R.M. respectiva.

Essa falta importa em desidia ou do Instructor que não remette os papeis em tempo, ou do reservista que se descurou de verificar a legalidade do registro, ou da C.M.R. que, tendo registrado a caderneta, não fez a devida comunicação.

Si a falta fôr do instructor ou da C.R.M., qualquer delles será punido com as penalidades previstas em Lei; si a falta fôr do reservista, esse terá de ser incorporado como qualquer outro sorteado, pelo tempo minimo do 1º periodo de Instrucção.

Esta medida se impõe immediata porque é irritante o descaso geral do individuo que *pilha* (é o termo), uma caderneta de reservista de 2ª categoria. Ainda no corrente anno assisti a um caso triste: Um moço formado, reservista de 2ª categoria, morador nesta cidade, em contacto diario com elementos do B.C. em que sirvo, sabedor de que fôra sorteado (naturalmente pela falta pessoal de registro de sua caderneta, como verifiquei), deixou que primeiro fosse feita a declaração de sua insubmissão para só então se apresentar declarando que nunca pensara que seria sorteado já sendo reservista.

E' patente a má fé desse moço.

LIVRO PARA REGISTRO DE NASCIMENTOS E OBITOS

Perdoem-me os leitores, supportem-me os técnicos.

[illegible]

INFANTES A CAVALLO

Pelo Tenente-Coronel CORBÉ

(Da M. M. F.)

A infantaria moderna, desde que a arma automática lhe foi imposta, ao mesmo tempo, como seu principal meio de acção e como inimigo capital, viu transformar-se inteiramente a sua constituição íntima.

Em lugar de ser, como outr'ora, uma reunião de homens se deslocando a pé, e todos providos de um fuzil semelhante e d'uma bayoneta identica, a unidade de Infantaria se tornou um conjunto de grupos cujos componentes visam assegurar o funcionamento d'uma arma automatica (F.M., Mtr.) ou d'uma contra-metralhadora (canhão de 37 m/m, morteiro stokes). Do infante de outr'ora, apenas subsistem alguns especimens, os volteadores; ainda se mantem, distribuidos pelos g.c., onde têm por missão proteger a arma do grupo, o F.M.

Esses volteadores terão, entretanto, na Infantaria, que cumprir todas as missões de exploração e de ligação; e como elles são pouco numerosos, seu trabalho não será facil.

No entanto, parece que ninguém se preocupa com isso.

Os espiritos mais avançados se preocupam

principalmente com a arma automatica e seus serventes, sonhando tornar-a invulneravel com os seus deslocamentos, protegendo-a com couraça: o carro individual, não teve, num momento, logo após a guerra, os seus partidarios?

Parece admittir-se, entretanto, que, si o trabalho da arma automatica tem necessidade de ser facilitado, em compensação o infante estará sempre em condições de satisfazer as necessidades da exploração e da ligação.

Receio que não venha a incorrer n'um erro; aliás, na organização actual da Infantaria, está previsto um pessoal montado para ajudar o infante nessas missões, mas, como que parcimonia!

Na França, um pelotão de cavalleiros reservistas no Regimento mobilizado; no Brasil, 12 cavalleiros regimentaes e um esclaecedor montado por Companhia e este, igualmente na unidade mobilizada sómente.

Poder-se-ia dizer, seguramente, que, se elle tem o direito de empregar viaturas, bicycletas, e até mesmo carros de combate, ha no entanto, para o infante, interdição absoluta de se servir d'um cavallo.

Modelo N° 2

ALISTADOS EM 19....

NOME	Filiação	Classe	Município	Local do Sorteio	Sorteado	Categoria	OBSERVAÇÃO	EXCLUSÃO
M. S. P.	Y. P. e M. P.	1892	PELOTAS	P. ALEGRE	Sim	1.ª	9.º B. C.	Transferido para a 2.ª Linha em 1922
J. K.	L. K. e V. K.	1892	S. SEPÉ	MANAOS	Sim	1.ª	C. R. M. Transferido para a 8.ª C. R. M.	Fallecido em Diamantina em 1922
S. M.	D. M. e C. M.	1892	BAGÉ	—	—	2.ª	9.º R. I. Transferido para o 7.º R. I.	Transferido para a 2.ª Linha em 1922
D. L.	S. L. G. L.	1892	PELOTAS	P. ALEGRE	Não	3.ª	Transferido para a 1.ª C. R. M.	

Ora, a meu ver, o Regimento de Infantaria tem uma necessidade absoluta de homens montados; e esta necessidade se faz sentir desde o tempo de paz. Um effeito:

1- NECESSIDADES DO REGIMENTO DE INFANTARIA, EM HOMENS MONTADOS, EM CAMPANHA

Não ha official de infantaria, que, tendo commandado uma pequena unidade em movimento (vanguarda, marcha de approximação) não tenha tido, num momento dado, o sentimento da impotencia de sua pessoal, em presença das missões que lhe eram attribuidas.

Em toda tropa de Infantaria que marcha, o patrulheiro é, ao mesmo tempo, a obsessão de quem desempenha a missão, como de quem o envia.

O bom soldado e o graduado devotados, que se encaixam em patrulha, á direita ou á esquerda, enquanto seu pelotão e sua companhia continuam a marchar, têm a preocupação constante de não poderem retornar ao seu seio, e a attenção incessantemente concentrada no esforço supplementar que será preciso fazer para não os perder.

O graduado e o soldado duvidosos, esses encontram ali um excellentes pretexto para só se reunirem ao anoitecer ou na manhã seguinte e fugir a outra fadiga nova, da mesma ordem, senão ao exebate que se anuncia, sem todavia faltar ao "rendez-vous" do carro-cozinha.

Quanto ao chefe que envia a patrulha, elle sabe que corre o risco de só tornar a ver a longo tempo depois, e que, de qualquer modo, impõe aos seus homens uma fadiga supplementar consideravel que, se repetida frequentemente, não tardará arruinar physicamente a sua unidade.

Todo chefe de Infantaria, zeloso em economizar seu pessoal e em conduzi-lo ao combate perfeitamente integrado e em boas condições physicas, hesita sempre em destacar alguns homens para um lado, um g.c. para o outro, para cobrir um flanco ou rasenhar uma cobertura. Elle o faz, quando necessario, mas, como a galinha, é sempre com desgosto que elle espalha os seus pintos.

E quando uma patrulha assim enviada obtém uma informação, quando o commandante de pelotão, que marcha na vanguarda de sua companhia através dos campos, tem alguma coisa para transmittir para trás, é ainda um homem carregado com 26 kilos que deve, na terra lavrada, fazer 800^m, 1 kilometro, supplementares, para que a informação chegue ao destino — e com que lentidão!

Porque no decurso do movimento, apesar das tentativas dos signaes e do luxo theorico das transmissões, que só existe realmente na guerra de estabilização, é ainda, quasi que unicamente, com o genio humano de transmissões que nos resta contar. Igualmente não ha, eu penso, um só official subalterno de infantaria, que no correr de certas phases da guerra, é actualmente no decurso de exercicios, não tenha experimentado o sentimento, de que lhes bastará dispor de alguns homens a cavallo, para que seu papel fosse largamente simplificado, e melhor desempenhadas as missões que lhes forem attribuidas.

Qual a importancia numerica dos homens montados de que seria vantajoso para dispor, assim, no ambito de um Btl. de 1.?

Para fazer esta estimativa, tomemos o caso em que sua utilidade é maxima, isto é, o de uma marcha de approximação nas proximidades do inimigo.

O Btl. é precedido, é bem verdade; pelo Grupo de reconhecimento da D.I., mas este, operando adiante da frente da D.I., deixa, forçosamente, para traz zonas não exploradas, o que impõe á Infantaria que marcha em primeiro escalão, a obrigação de vasculhar todo o terreno.

O Regulamento Francez prevê, por sua vez, frentes de cerca de 500 metros por companhia, 1000 metros e mesmo mais por Batalhão. Sobre esses 500 metros, a Companhia terá, no maximo, em 1.º escalão, dois pelotões, sejam cerca de 5 g.c., cada um dos quaes deverá, assim, vasculhar uma centena de metros, admitindo-os repartidos uniformemente sobre o conjunto da frente.

Ora, ha um incontestavel interesse em conservar os g.c. mais ou menos grupados, marchando na direcção que lhes foi fixada; teremos, portanto, necessidade, para assegurar a ligação entre esses g.c., assim como entre os pelotões e entre as Companhias de uma dezena de cavalleiros; acrescentemos 4 ou 5 para as transmissões em profundidade, e chegamos a um total de cerca de 15 homens.

Si se considera uma unidade que tenha seu flanco descoberto, será preciso, ainda, contar com uma dezena de homens para constituir as patrulhas necessarias, e ligar ao grosso da Companhia os g.c. deslocados para o flanco.

No total, pôde-se conceber que, para economizar as pernas dos infantes, cumprindo correctamente sua missão, um Batalhão que marcha ao encontro do inimigo, tem necessidade, pelo menos, de um pelotão de 15 a 20 homens montados.

Mas, ainda mais: o serviço de observação é assegurado, actualmente, na infantaria, de accordo com o Regulamento, por sargentos e observadores a pé.

E' razoavel, quando se estaciona; mas, que serviços se podem esperar deste pessoal, em periodo de movimento?

O commandante do Btl., que deve ver mais do que qualquer outro, se transporta, praticamente, do ponto de observação em ponto de observação, mas elle é forçado a se conservar, mais ou menos, sobre uma direcção fixa, com a obrigação de se manter em condições de commandar seu Batalhão, isto é, permanecer nas proximidades de seus Capitães de 1.º escalão, conservando-se em ligação facil com a sua companhia de metralhadoras, que elle pôde ter necessidade de empregar, de um momento para o outro e com a sua companhia de reserva.

Ora, é frequente, na guerra de movimento, que os observatorios que offerecem boas vistas sobre a zona de acção de um Btl., sejam situados no limite dessa zona ou mesmo na de um Btl. vizinho.

No actual estado de cousas, um Commandante de Btl. está na impossibilidade de utilizar observatorios assim collocados, porque não lhe é possível ir aos locais onde estão installados, não podendo enviar lá os seus observadores que, por se deslocarem a pé, chegarão muito tarde e não terão nenhum meio rapido para transmittir as informações recolhidas. Muito differente se apresenta a situação, se o Commandante do Btl. dispõe de uma turma de observadores montados (1 sargento e 3 s.ºs enaleiros agentes de ligação, por exemplo), porque poderá utilizar, assim, todos os observatorios favoraveis e assegurar rapidamente um systema de transmissões das informações; pôde, igualmente, assegurar a continuidade da observação, enquanto que elle se desloca, pessoalmente, de um observatorio para outro.

Somos, assim, levados a estimar numa vintena de homens e graduados, o pessoal montado necessa-

rio a um Btl. de Infantaria, em marcha de aproximação.

O R.I. engaja, em geral, 2 Btls. em 1ª linha; contencor-lhe-á, frequentemente, engajar à direita ou à esquerda delles, seu 3º Btl., que terá as mesmas necessidades; e, é preciso admittir que o Coronel terá uma necessidade especial, para suas ligações com seus Btls. e com os R.I. vizinhos, de uma quinzena de cavalleiros igualmente.

Chegamos, assim, á conclusão seguinte:

Para poder assegurar, sem fadiga excessiva para a Infantaria, uma marcha de aproximação de R.I., o pessoal montado a lhe attribuir, deverá comportar:

Cada pelotão comportando por sua vez:	Pessoal especialista de observação	1 sargento 3 ou 4 soldados
	Pessoal de reconhecimento e de ligação.....	2 graduados 12 ou 14 soldados

Tres dos pelotões seriam, em principio, attribuidos, cada um a um Batalhão, o quarto ficando mais especialmente á disposição do Coronel, o que não o impediria, em caso de necessidade, de dispor em proveito de um Batalhão, do pessoal de ligação e reconhecimento do pelotão pertencente a outro.

Estabeleci este effectivo tomando por base o caso em que o emprego do pessoal a cavallo, é ao mesmo tempo, facil e o mais efficaz.

Em estação, nos postos avançados, eu penso que ninguém contestará por mais tempo, o interesse de dispor de agentes de ligação a cavallo, e de homens capazes de fazer, mais rapidamente e com menos fadiga do que simples infantes, uma patrulha de um certo raio de acção. Uma vez a Infantaria em contacto, o emprego de patrulheiros montados é evidentemente reduzido, mas, encontra ainda sua utilidade nas ligações lateraes, cobertura dos flancos, e em todos os casos, o pessoal montado pôde ser vantajosamente empregado nas ligações.

Objectar-me-ão, certamente, a visibilidade e a vulnerabilidade do cavalleiro; concordo, mas no territorio da França, e mesmo em todos os paizes, as oberturas são numerosas e, em muitos casos, nada impedirá um homem isolado a cavallo de approximar-se muito perto da linha de fogo. Os riscos que elle corre são, por vezes, maiores, é possível, não é certo; em todo caso elles são menos duradouros, o que conta.

E, não ha como me convencer de que, mesmo nos períodos de estabilização, no correr dos ataques do inimigo, por exemplo, um bom numero de Coroneis e Infantaria, chegasse a recusar, para organizar e melhorar suas ligações por corredores, um reforço de homens a cavallo que lhes pertencessem.

— NECESSIDADE NO TEMPO DE PAZ DE PREPARAR OS INFANTES MONTADOS

Insufficientes, a meu ver, em quantidade, o pessoal de reservistas previsto para o Regimento de Infantaria francez mobilizado, como os esclarecedores montados, igualmente cavalleiros, igualmente reservistas para a Infantaria brasileira, prestarão elles, o menos em parte, os serviços que enumeramos acima? Não o creio. O que se pede aos homens mon-

tados da Infantaria, não é agir como cavalleiro, mas realizar, a cavallo, um "metier" de infante.

E' fóra de duvida que os cavalleiros são instruidos para desempenhar um metier comparavel, mas, não exactamente semelhante.

E', portanto, pouco mais ou menos certo, que cavalleiros reservistas e, principalmente os seus graduados, só serão susceptiveis de um bom rendimento após um período de adaptação.

Não é ali que reside, entretanto, o ponto fraco do emprego de um pessoal reservista; está antes, a meu ver, no facto de, mesmo que esse pessoal seja capaz, pouco mais ou menos, de desempenhar correctamente seu metier de "infantes montados", ninguém se sentirá com animo de lh'o pedir.

Acostumado a só dispor de homens a pé, o official subalterno de Infantaria, ao qual se venha attribuir, da noite para o dia, alguns homens montados para utilizar, ou os esquecerá ou não saberá como empregar-os; e o resultado pratico é que se verá simplesmente arrastar, atraz das unidades de infantaria, alguns homens a cavallo, inuteis ou embaraçosos.

E' talvez usar de um chavão, repetir que, só se executa bem na guerra, o que se aprendeu a fazer bem em tempo de paz, mas, é a propria expressão da verdade: e eu duvidarei sempre, por principio, do rendimento de todo órgão cujo funcionamento não foi previsto, estudado e applicado em tempo de paz.

Emfim, e sobretudo, o papel dos observadores montados, cuja utilidade e importancia crescem a todo instante, estou convencido, não pôde ser desempenhado por um pessoal não instruido, do mesmo modo que só é susceptivel de rendimento se os chefes de Infantaria sabem utilizal-o e delle tirar todo o rendimento desejavel.

Consequentemente, chego ás conclusões seguintes:

a) O pessoal montado de um R.I. mobilizado, tal como está previsto actualmente, é absolutamente insufficiente; deveria constituir, pelo menos, uma Companhia montada de 4 pelotões de 20 a 25 homens.

b) O nucleo desta Companhia deve existir em tempo de paz, para que possam ser formados:

- os observadores montados da Infantaria;
- os patrulheiros montados da Infantaria, que viriam completal-a na mobilização.

A organização da Companhia montada do R.I. em tempo de paz, tal como me parece convir, poderia, portanto, ser a seguinte:

Commandante — um 1º Tenente;

2 Pelotões, constituidos cada um:	1 sargento commandante de Pel.
	1 sargento especialista-observador
	1 cabo especialista-observador
	1 cabo especialista patrulheiro
	4 soldados observadores
	12 soldados patrulheiros, agentes de ligação.

Total:

1 official
8 graduados
32 soldados
41 cavallos.

Deste modo, em tempo de paz, a Companhia montada poderia fornecer a todo exercicio de Regimento:

— por Btl.: — 1 turma de observadores de 1 graduado e 2 soldados;

— para o Coronel: — 1 turma de observadores de 1 graduado e 2 soldados;

— por Btl.: — 2 patrulhas de 1 graduado e 6 soldados;

— para o Coronel: — 1 grupo de agentes de ligação de 1 graduado e 6 soldados.

Em tempo de guerra, completada como vimos, a Companhia montada destacaria à disposição do Coronel de cada Batalhão:

— 1 pelotão de 20 soldados, dos quaes 4 observadores.

Transportemos, agora, para este lado do Atlântico, esta mesma ideia, estudada até aqui, do ponto de vista francês, e vejamos se o que nós consideramos como extremamente desejável em França, não seria no Brasil, o caracter d'uma necessidade.

No Brasil, na maioria dos casos, o que caracteriza as operações, será "o espaço", tanto em largura como em profundidade, d'onde grandes frentes, geradas entre as unidades, flancos frequentemente sobrios, grandes distancias a percorrer, e, ao mesmo tempo, insegurança constante das retaguardas, em vista das possibilidades para o inimigo de atuar, ao menos como elementos ligeiros de cavalaria, um dispositivo descontínuo.

Não é, pois, evidente que estas condições particulares não fazem reforçar as razões expostas para uma infantaria de um pessoal montado?

Qualquer que seja a situação que se considere, a existência deste pessoal se impõe como uma necessidade.

Em effeito: na marcha de aproximação, muitas vezes, não serão mais 1000" e mais que um batalhão deverá cobrir, mas, talvez 2000 ou 2500"; e, se que elle disponha actualmente de uma Companhia mais que o Btl. francês, a densidade dos m. C. sobre esta frente não será considerável; noutros intervallos, elles não serão mais bem baixos do que na França, porque, onde quer que seja, o infante está sempre carregado e só dispõe de suas pernas; além disso, principalmente na noite de duas unidades (companhias, batalhões) os intervallos serão, certamente, mais consideráveis do que na França.

Se um flanco descoberto, as facilidades de manobra através do territorio, obrigam a procurar para se conservar ao abrigo das incursões uma cavalaria inimiga audaz, a se cobrir mais que o melhor, d'onde a necessidade de homens a nua.

No combate, as difficuldades do terreno (matas impenetráveis, zonas pantanosas, etc.) conduzem muitas vezes, duas unidades vizinhas e bem ligadas, a tomar, apesar das precauções, direções divergentes. Como manter entre ellas uma ligação mesmo precária, com homens a pé? Julgamos, talvez, que um esquadrão do R.C.D. se encontra sempre, justamente à mão, para socorrer a situação periclitante?

Em estacionamento, mesmo a uma certa distancia do inimigo, será preciso se guardar, sob pena de ser um fiasco, o acampamento tomado, a curta stand, sob o fogo de um ou varios F.M. de Cavalaria inimiga que terão conseguido se insinuar até proximidades, e, dado o golpe, desaparecerão sem deixar vestígios, a menos que seu chefe, aproveitando o pânico causado por sua intervenção inesperada, não provoque o cumulo da desordem, lançando a sua tropa em repouso, um ou dois pelotões a lopo.

Não quero ainda argumentar com a necessidade de se apresentar em numerosos casos, de fazer atuar os trens de combate, de procurar-lhes itine-

rario, e mesmo, por vezes, escoltar os T.E. nos seus deslocamentos. Estes dois ultimos serviços só poderão ser executados por pessoal montado. Será preciso, ainda desta vez, appellar para o R.C.D. e transformá-lo, assim, todo ou em parte, em escolta de comboio?

Emfim, para o que diz respeito á observação, cuja solução está fundamentada no que foi dito acima, se applica, muito especialmente ao caso da Infantaria brasileira, que terá, não raras vezes, de operar em zonas muito compartimentadas, e mesmo, frequentemente, bastante accidentadas.

Por todas estas razões, não resta duvida que, mais do que qualquer outra, a Infantaria brasileira tem necessidade de dispor de um pessoal que possa se deslocar mais depressa e durante maior tempo do que o simples infante.

Seria difficil lh'o fornecer? Não, com a condição de só pedir a esse pessoal montado, o que foi indicado acima e que pôde se resumir em 3 pontos:

- patrulhas de curto raio de acção;
- observação;
- ligações.

Para isso, não ha necessidade de cavalleiros de concurso hippico, nem de cavallos de sangue: o minúsculo "burro" é sufficiente. Levando-se em conta que, no sertão brasileiro, o burro ou o pequeno cavallo do interior, animaes particularmente sobrios, solidos e rusticos, são o modo de transporte normal dos individuos, porque não são utilizados no Exercito, não como cavalleiro, o que seria impossivel, mas como infante montado, o sertanejo e sua montada?

Os espiritos demolidores, sem duvida, se apressarão em ridicularizar a instituição, vendo, pela primeira vez, desfilar na testa ou na cauda de um R.I. uma companhia de 80 homens, montados em burricos. Que importa! Se essa tropa, apesar de sua falta de esthetica, representa exactamente o que convém para os serviços que della se espera.

E' fóra de duvida, porém, que no fim de um certo tempo, todos se acostumarão, na Infantaria, a ver e utilizar esse pessoal; sua existência parecerá muito natural e ninguém pensará mais em ridicularizá-la.

A cantineira de outr'ora, que, empoleirada no seu asno, acompanhava através da Europa os regimentos do 1º Imperio, não offerecia um espectáculo infinitamente mais humorístico? E, no entanto, estava-se de tal modo acostumado a vê-la, que todo mundo achava isso natural, e essa instituição perdurou por mais de meio século.

O temor do "o que não dirão?", não constitue de modo algum o começo da sabedoria, é, de um modo geral, justamente o contrario. Deixemos, portanto, de lado este aspecto da questão, e indagemos de nós mesmos, se realmente não conviria substituir na Infantaria brasileira os 12 esclarecedores montados das companhias, de efficacia nulla, por uma companhia montada, cuidadosamente organizada e instruída no seu serviço de reconhecimento, observação e ligação?

Isto não apresentaria, creio, nenhuma difficuldade material, poucas despesas supplementares, para um rendimento que, a meu ver, poderia ser muito considerável, principalmente se, organizando desde o tempo de paz essa companhia montada do R.I., nos obrigássemos, no decurso de todos os exercicios de Btl., a empregar seu pessoal e, sobretudo, a fazer funcionar, com o maior cuidado, o serviço de observação.

O 4º Esquadrão do 10º de Caçadores

O 30 de Maio de 1918

(Traduzido da "Revue de Cavalerie")

O esquadrão passara a noite ao Sul de Chaudun, no campo circundante da fazenda Maison-Neuve. Noite doce e suave de primavera, noite agitada pelo terrível canhão que ha tres dias fazia tremer o céu e a terra e que levava o terror até Paris. Noite de insomnia e espera para o capitão d'Avout e seus officiaes. Chama-las-iam ao alvorecer para levar o apoio de sua fraca força ao esforço titanico que realiza a França para organizar uma comporta á alluvião allemã? Desde 27 de Maio os allemães romperam a frente entre Anizy-le-Château e Berry-au-Bac. Trinta divisões submergiram as fracas unidades francezas e inglezas; ellas apoderaram-se de Chemin des Dames, após de Fismes, Crousy-en-Tardenois, Soissons; quasi que attingem o Marne.

A 74ª divisão, da qual fazia parte o 4º Esquadrão do 10º de caçadores, fôra retirada a 17 de Maio do sector de Godat e transportada para o norte. Logo alertada, ella foi lançada na fornalha sobre a linha Fort de Condé — Marginal. Ha tres dias ella luta em horrozas condições, esmagada pela artilharia, sem pontos de apoio, sem trincheiras, em uma região que não conhece. Na noite de 29, seus dois regimentos de infantaria dispõem só de cerca de um milhar de combatentes; quanto aos seus tres batalhões de caçadores, é com grande difficuldade que elles põem em linha 500 fuzis. Até agora, o esquadrão não foi empregado como unidade constituida. Isto não quer dizer que elle tenha ficado inactivo. Desde que sua divisão foi lançada na linha de fogo, o esquadrão não cessou de fornecer elementos á infantaria, ligações, patrulhas. Até o tenente Cacciaguerra e seu pelotão, com todas as armas automaticas, foram postos, no dia 28, á disposição do 299º.

Durante cerca de quarenta e oito horas ficou-se sem noticias delle; os seus camaradas acreditaram-no anniquilado ou prisioneiro. Reuniu-se ao esquadrão, na noite de 29, após um penoso desaferimento. Os cavallos, desde 26, apenas, foram desencilhados por algumas horas; homens e animaes estão excessivamente fatigados. Mas que importa! Todos têm um desejo, uma esperança: levar aos seus camaradas a força de seus braços, de suas armas, reentrar na tempestade para ser util, para salvar a Patria tão horivelmente ferida.

Saudado por um redobrar da fuzilaria e do bombardeio, começa o alvorecer; os homens, endurecidos pelo frio, movem-se e batem os pés enquanto os officiaes, reunidos em um grupo tiritante, contemplam com tristeza a extensa planicie coberta de esplendida messe. Subindo das ravinas, uma tenue cerração os alfofra. Todas estas riquezas, estes trigaes, estes aveaes, estas immensas fazendas irão soffrer o tragico destino desta magnifica região em que, ha tres dias, o odio dos homens semeia o incendio, a

ruína e a morte? Ao longe, para o nordeste, onde quer que o olhar descance, erguem-se densas nuvens de fumo, arrastam-se, dissipam-se. A carnificina continúa.

Subito, um cyclista. Aos saltos sobre sua machina, elle apparece no caminho afundado que corre entre os campos e conduz á fazenda Cravançon. E' ahi, por ora, o posto de commando do general de Lardemelle, commandante da divisão. Imobiliza-se o esquadrão; todos erguem a cabeça, paralyzam-se as respirações. Uma ordem! O capitão d'Avout, a meia-voz, lê o amarfanhado papel: "Desde o recebimento da presente ordem, o esquadrão se transportará para a cota 158, na estrada Villers-Cotterêts-Soissons, a 3 kilometros ao sul da fazenda Cravançon, e ahi aguardará novas instrucções".

E' tudo. O esquadrão monta e, ao passo, attinge o local fixado, onde apea. A espera recomeça; na estrada é o crebro e taciturno pêsar dos estropiados, estafetas, carros de munição, todo o reverso sinistro da batalha, acompanhado pelo troar da artilharia. De repente, cerca de 6 horas, surge um auto da divisão; para na altura do esquadrão e o capitão Fleury, do estado maior, salta e encaminha-se rapidamente para o capitão d'Avout vindo ao seu encontro. Pelo rosto do recém-chegado, um pouco pallido, depreheende-se que se vae ter algo. Onde? Como? Angustiante mysterio da batalha. Os dois officiaes estreitam as mãos. Com voz suave, o official do estado maior diz:

— "Meu caro camarada, o general me envia para lhe expôr a situação e dar suas ordens. Eil-as. O 299º acaba de soffrer um sério ataque na garupa ao sul de Berry-le-Sec. Teve de recuar com onerosas perdas. Seus homens estão exgotados, e novo ataque se prepara.

E' preciso desembaraçal-o incontinenti. O general lhe determina transportar-se com seu esquadrão da maneira a atacar, a cavallo, o flanco direito do inimigo e de o desorganizar na ravina.

Ha necessidade em se permittir ao 299º que se reagrupe e se aferre ao terreno".

Detem-se um momento; em seguida junta estas palavras que caem como uma cutilada:

— Execução immediata.

Debalde o capitão d'Avout procura obter alguma precisão sobre a posição do inimigo, sobre a de nossos infantes. Como saber?... No chaos resultante desta desesperada luta, a situação se modifica de minuto em minuto. Ha uma hora o 299º estava estabelecido de modo a interditar o accesso do planalto, mas os allemães, durante a noite, conduziram para este ponto uma divisão descansada que, em seguida a uma curta e violenta preparação de artilharia, apôsouse da altura. O 299º foi obrigado a ceder terreno com grandes perdas. Agora elle deve estar em um ponto qualquer entre Prévisy e

a cabeça da ravina de Chazelle; impossível pre-
clar mais. O capitão d'Avout não insiste:

— Está bem, faremos o que melhor puder-
mos.

O capitão é um brilhante official, de espí-
rito lucido e temperamento calmo. Ha cinco an-
nos commanda um esquadrão e seus quatro an-
nos de guerra acostumaram-no a encarar o de-
ver, qualquer que seja, com alma impassível.

Pede-se-lhe esta cousa, dado o estado actual
das armas, considerada loucura: atacar a ca-
vala uma tropa de infantaria victoriosa. Não
se discute; executa-se; este é, todavia, o papel
historico do cavalleiro: Essling, Walterloo;
Königshtoffen, mil exemplos perpetuam a admi-
rada tradição da arma.

Elle volta, sem precipitar-se, para o grupo
de commandantes de pelotão e lhes diz em voz
basta:

— Nós vamos carregar.

Carregar!... São os que fizeram a guerra
e os que fizeram a cavallo, podem sentir o que
esta palavra encerra de excitante e prodigioso.
Nã mais se trata de uma patrulha abor-
dando um e lançando-se-lhe de espada ou lança, como
inumeros cavalleiros o fizeram com embriaguez
em 1914. Trata-se de desembocar na planície;
o esquadrão desenvolvido, e atirar-se, em ga-
lope louco, sobre uma invisível linha, onde
sua aos milhares, metralhadoras, canhões irão
imediatamente varrer, sem piedade, tudo que
suar acima do solo.

E' a carga, mas a carga sem esperança,
o sacrificio, para salvar os extenuados compa-
nheiros. Seja!

Os quatro commandantes de pelotão emper-
ligam-se, sem uma palavra, trocando um olhar
que poderia dizer: estamos promptos. Ha ali o
primeiro-tenente Richert, velho official oriundo
das fileiras, modelo de bravura e devotamento,
o tenente Cacciaguerra que, na vespera e ante-
vespera, praticou prodigios apoiando a infantaria,
o aspirante Letellier de Brothonne e o sar-
gente Jaspard. O capitão sabe que pôde contar
com elles; sabe igualmente poder contar com
seus homens. Estes, sua metade de reservistas
promoveidos do recrutamento de Paris, sempre
se testaram admiráveis no fogo. Um pouco
"paladores", um pouco "resmungadores", en-
tretanto elles sempre ficaram bem na mão do
chefe e, nas horas criticas, sempre produziram
o máximo.

Ao commando, o esquadrão monta e desfila
em columna por quatro na estrada; o capitão
d'Avout galgava uma bangueta e inspeciona
uma ultima vez os seus homens. Estes nada ou-
tiram mas adivinham que algo de extraordinario
lhes vai ser pedido. Na hora da acção a atmos-
phera do campo de batalha é suçada por im-
perceptíveis ondas que apenas o excitado cerebro
do combatente pôde captar e interpretar.

Os caçadores do 4º esquadrão sentiram a
passagem do terrível aviso. Graves, emocionados,
prezaram ler nos olhos do seu chefe e, ao mesmo
tempo, seus olhares lhe dizem: "Nós vos per-
seccionos, dispende de nós até a morte".

E agora, para a frente! Ao trote, na grande
estrada, o esquadrão attinge rapidamente a fa-
zenda Cravignon, ultrapassando-a de quasi um kilo-

metro e se arromessa para a direita, através o
campo.

Está-se na zona de combate; o capitão for-
mou sua unidade em linha de pelotões por qua-
tro. Trata-se de encontrar-se a linha mantida
pelo 299º, afim de, em sua frente, tentar-lhe a
limpeza.

Felizmente o terreno ligeiramente desen-
fiado e os centeios muito altos dissimulam a
marcha da tropa. E, facto estranho, neste canto
do campo de batalha, um mortal silencio seguiu-
se ao anterior tumulto. Nem um tiro de canhão;
de quando em vez um tiro de fuzil.

Dir-se-ia que os milhares de homens re-
unidos para o massacre, neste ponto da França,
escutam, diligenciam perceber o ruido do esqua-
drão deslisando entre os flexíveis caules, com
apenas, de tempo a tempo, o estalido de armas
ou ferros; ninguém se illude no esquadrão. De
um lado ha os assaltantes que se infiltram, se
agrupam para uma nova avalanche, do outro as
exhaustas tropas francezas, deitadas no solo e
aguardando o ataque.

O capitão d'Avout, ao galope, alcançou a
patrulha de ponta que, uma centena de metros
na frente, bate a estrada. Detem-se por alguns
instantes e, erguido sobre os estribos, procura
ver, comprehender. Nada. Uma grande extensão
ondulante e verde e, um pouco mais longe, para
Berzy, capões coroando a ravina; ainda mais
longe, para nordeste, negras nuvens sobem;
fazendas e casaes que queimam.

Carregar?... Onde? Quem?...

Inopinado, chega um cavalleiro a galope,
gesticulando; é um sub-official de artilharia.
Brutalmente, para sua montada.

— Meu capitão, cuidado! O senhor está no
campo de tiro da artilharia da divisão marro-
quina... O commandante manda prevenir-lhe
que, se continuar por aqui, não se responsabi-
liza pelo succedido ao se reabir o fogo...

Bom! A divisão marroquina, desembarcada
de noite, devia apoiar a esquerda da 74ª.

Eis, dissimulado na colheita, um pequeno
posto do 7º de atiradores. Interrogado o sargen-
to, nada sabe. Ah! um official!... E' um te-
nente do mesmo regimento e sua força está
deitada ao longo de uma imperceptível dobra do
terreno.

— O 299º? Não vi. Acabamos de entrar em
posição. Diz-se estar o inimigo ali na direcção
de Berzy, mas desde que chegamos, calma abso-
luta... Veja um pouco mais para a direita,
meu capitão; encontrará o commandante da
companhia... Talvez elle saiba...

Impossível proseguir esta marcha cega. O
capitão d'Avout abriga o esquadrão em uma
dobra do planalto onde escapará às vistas do
adversario. Confiar ao tenente Richert. Que
se fique a cavallo, prompto a todas eventuali-
dades, e ao primeiro signal, para frente! Em
seguida, ao trote largo, seguido do sargento-
ajudante, se alasta.

Utilizando os menores accidentes que o ter-
reno apresenta, deitados em pequenos grupos,
outros atiradores marroquinos surgem. Levanta-
se seu capitão.

— Sim, o 299º está ali, em qualquer ponto,
na nossa direita. Ha uma hora soffreu vio-

lento ataque. Pesadas perdas. O senhor está bem orientado. A uma centena de metros daqui encontrará elementos daquelle regimento.

O capitão d'Avout parte ao galope. Está penalizado; quantos minutos decorridos desde o recebimento da ordem do general da divisão, esta ordem que deve ser executada immediatamente: *carregar!*

Afinal, physionomias conhecidas! Em uma sinuosidade cavada pelos primeiros declives da ravina de Chazelle, estão assentadas secções de metralhadoras. Proximo, o posto de soccorro do 299° está instalado; eis o major medico Ayrolles, um amigo.

— Ah! doutor... O coronel? Depressa! Onde está o coronel?

Um rapido aperto de mão.

— O coronel? Encontral-o-á na linha de postos. Espere. Apele. Vou mandar conduzi-lo.

De um salto o capitão apeiou e agora corre através os contornos atrás do agente de ligação. Por pequenas fracções, os infantes do 299°, macilantes, hirsutos, a cara negra e fatigada, as vestes em trapos, estão deitados no chão. Nelles se percebem homens quasi exgotados, tendo dado tudo quanto um ser humano pôde pedir aos musculos, ao coração, ao cerebro, tendo supportado durante alguns dias e algumas noites, sem dormir, os mais rudes padecimentos physicos e moraes.

De longe em longe um observador ergue o rosto desfigurado, volta os vermelhos olhos na direcção do leste, donde, a cada segundo, pôde surgir o ataque.

Por fim eis o coronel Vidal e seu grupo de commando. Elle, igualmente, tem em sua face estereotypado o que acaba de viver nestas horrificas jornadas, mas conserva a sempre energica physionomia, a calma, o olhar voluntario que d'Avout muito conhece. Não deixa presuppôr a agonia que certamente o atenua, pois está seguro do que para elle e para algumas centenas de bravos que permanecem reunidos em torno delle, o mysterio do minuto seguinte reserva. O coronel Vidal se espanta de ver em tal lugar o capitão do esquadrão divisionario, mas sua acolhida é muito cordial. Dirige-se-lhe, a mão estendida, com affavel sorriso.

— Que diabo vem fazer aqui, meu caro? Não é lugar para cavalleiros.

O capitão d'Avout, em algumas rapidas palavras, põe-no ao par da ordem recebida e solicita-lhe precisar a situação. Apenas, ligeiramente, as feições do coronel se contrahiram. Incontinenti arrasta o capitão para uma pequena elevação donde se abrange todo o planalto.

— Fomos atacados cerca de 4 horas da manhã, diz elle.

Tenho na minha frente elementos inimigos desenvolvidos de um e outro lado da arvore isolada que ali vê, a quasi cem metros. Sei, entretanto, que reforços allemães vindos de Berzy se estendem e se repartem ao longo da crista. O ataque vai recommençar e então...

Elle faz um meneio de cabeça que traduz tudo quanto de amargo seu pensamento encerra; depois, em voz quasi baixa, prosegue:

— Imagina!... Desde 27 os meus homens lutam, sem treguas, um contra dez. Nem um minuto de folga, o que equivale a dizer ausen-

cia de reabastecimento; perdi dois terços do meu effectivo. Se cedermos, Chaudun está perdida, o caminho da floresta de Villers-Cotterêts aberto...

Mas elle se empertiga. Já que o general lhe envia o apoio do esquadrão divisionario, é preciso tentar-se o impossivel para restabelecer-se a situação. Carregar a linha allemã de flanco! E' mistér nem mais se pensar nisto. Tal proceder seria jogar-se no campo de tiro da artilharia vizinha que pôde, de um para outro momento, ser um precioso auxilio.

Impõe-se, portanto, atacar de frente, nas peores condições!

Que importa! Ha uma possibilidade de salvação, é preciso exploral-a de qualquer maneira.

O coronel approva tudo quanto lhe propõe o capitão d'Avout e promette apoiá-lo. Elle explica:

— Em seu flanco direito, nada a temer: as metralhadoras do 299° baterão os declives da ravina de Chazelle... Dou-lhe minha palavra de coronel que, em sendo minha linha ultrapassada por seus cavalleiros, de bayoneta, desferro meu regimento e o sigo. Por maior que seja a fadiga dos meus Saboianos, respondo por ella como por mim mesmo. Elles não deixarão sê no perigo os seus camaradas.

A mão do infante estreita forte a do cavalleiro, como para sellar o pacto, e o capitão dirige-se aos cavallos; determina ao sargento-ajudante ir, a galope, em busca do esquadrão. Dizer ao tenente Richet que o conduza rapidamente, dispersado por pelotões, para a direita, a 50 metros de intervalo e de distancia. A proporção que chegarem, os lançará ao ataque. O ajudante parte velozmente.

Durante este curto intervalo, o esquadrão não se mechera. Esta parada, esta espera antes do ataque — em que os nervos se intensam, em que o espirito trabalha e onde as vezes os corações mal firmados fraquejam — era o momento critico. Os officiaes não abriram a bocca. Observam seus homens, seus olhares e receam mormente que um ou outro apeie sob um pretexto qualquer. Tornaria a montar?... Nem um só cavallariano pensa em tal proceder.

Uma esquadriha inimiga passa a pequena altura, lobriga a tropa amontoada e desencadeia na sua direcção um tiro mal ajustado de metralhadoras. Os homens, encurvando-se, contentam-se em resmunear algumas injurias.

Ah! Eis o sargento-ajudante! Agora a sorte está lançada. Todos se exaltam, todos almejam a acção. Nem uma hesitação nem um lamento. Uma intensa aspiração de gloria sublima os corações.

Guiado pelo sargento-ajudante, o esquadrão, na formação prescripta, encaminha-se ao trote para o pequeno bosque em que o capitão os espera.

Neste deslocamento alguns cavallos se emaranham nas linhas telephonicas estendidas pelos artilheiros; é preciso apeiar para os desembaraçar, ficando assim alguns homens atrás — mão inicio! Mas não, com extraordinario ardor, os caçadores saltam a cavallo e, ao galope, reoccupam seus logares.

O capitão, com a espada desembainhada, acolhe seu esquadrão. Uma breve parada.

— Os cargueiros e os homens que não estão armados de espada, fóra de fórmula!

Instantaneamente é cumprida a ordem. Entretanto, no pelotão Brothonne, o enfermeiro — ainda desarmado — não quer ficar para trás.

— Meu tenente, peço-lhe, quero ir com os meus camaradas...

E Brothonne finge não ver.

O esquadrão está agora reduzido a oitenta cavaleiros.

Que esperar de uma tão fraca força lançada contra uma infantaria em marcha victoriosa? Mas, isto não tem importância.

— Descobrir espadas!

Oitenta lâminas fulguram como relâmpagos. Oitenta peitos offegam.

— Richert, em uma fileira, com dois metros de intervallo. Sobre a infantaria alemã. Ao galope Direcção: a direita da arvore isolada em sua frente!

O tenente Richert, com a espada, saúda o coronel e o estado maior do 299°. Os infantess, pallidos de emoção, retribuem-lhe o cumprimento. Para elles, esta carga é uma corrida para a morte e é por elles — bem o sabem — que estes bravos vão tentar o impossível.

O pelotão se desenvolve como em exercicio, ultrapassa a linha do 299°, cujos homens se espantam e com olhos angustiados, acompanham a galopada heroica. Elle parte...

Agora crepitam as metralhadoras allemãs. Ellas atiram baixo, felizmente, ceifando os centuros. Apenas dois cavallos caem.

— Carga! Carga!

A artilharia allemã se revela. Rajadas de shrapnells cortam o ar com seus estridentes estalidos.

— Caccia-guerra, sua vez!

Atroja-se o 2° pelotão, em seguida o 3°. O capitão d'Avout se colloca na frente do ultimo pelotão, o do sargento Jaspard.

— Na minha direcção!

Na passagem, como os outros commandantes do pelotão, elle abate sua espada deante do coronel Vidal. Este, com vibrante voz, lhe grita:

— Em nome do 299°, obrigado! Cavalleiros, segue-vos-emos!

A carga varre o planalto. Em largo galope, inclinando sobre o pescoço de suas montadas, os cavaleiros repetem o grito dos officiaes:

— "Carga! Carga!"

De todos os lados, atiram as metralhadoras; metralhadoras allemãs em primeira linha, metralhadoras do 299° apoiando na direita o movimento.

Outros cavallos e alguns homens caem.

Após os cavalleiros, o coronel Vidal, com o seu regimento de bayoneta armada, partiu. Ouviu-se o grito:

— "Avança! Avança!"

Os allemães não tiveram tempo de reconhecer a situação.

Surprehendidos pelo inopinado ataque, não imaginando a que reduzido numero de cavalleiros devem fazer frente, os officiaes não tiveram tempo de dar nenhuma ordem. A primeira linha, sem resistencia. Seus atiradores deitaram-se no solo e acaparam-se atrás dos saccos. O esquadrão como uma tromba, passa por cima delles.

Agora continúa a corrida para a ravina a pique em que passa a via-ferrea Vierzy-Soissons. O esquadrão cobre no planalto, em linha escalonada, uma frente de quasi 300 metros. Até o presente momento, suas perdas são insignificantes. Do ultimo pelotão, que dirige, o capitão viu que, cahiram, no maximo, uns dez cavallos e isto apesar do fogo intenso das metralhadoras, apesar da barragem de shrapnells desencadeada pela artilharia allemã. Que se irá passar ao abordarem os pelotões a segunda linha, linha invisivel e que teve tempo de analysar a situação?...

Os caçadores, embriagados pela carga, não pensam nisto. Só têm uma esperança: alcançar o inimigo e acutilal-o.

Subito, deante do primeiro pelotão, proximo ao bordo da ravina, uma secção de infantaria allemã se levanta acima do centeal. Um official commanda fogo. Os fuzis detonam, as balas sibilam. O cavallo do tenente Richert, ferido, cae. Momento de afflicção. Percebe-se um ligeiro titubear no pelotão, mas é questão de um segundo. Logo de pé, o bravo Richert brandindo a espada:

— Para a frente! Para a frente! grita.

E o pelotão o excede, proseguindo a carga, enquanto o official salta sobre o cavallo que se erguera.

Então, vê-se este estranho facto. No bordo da ravina e de todos os lados, apparecem soldados allemães, não para atirar, mas para fugir. Uns se precipitam pela ravina, arma em bandoleira. Outros, jogando o capacete e o fuzil, correm o mais que lhes permittem as pernas. Não se pôde cuidar em perseguil-os no ingreme declive dirigido para a via-ferrea...

Sob o commando do capitão d'Avout, o esquadrão se reúne frente para o norte. Nesta parte do planalto ha ainda secções allemães prolongando a linha que o esquadrão, ha pouco, passou. Apavorados, por esta galopada que lhes chega pela retaguarda, pela vista do regimento de atiradores que progride para apoiar o movimento do 299°, os homens abandonam as armas e levantam as mãos. Os marroquinos só têm o trabalho de os acolher.

A carga, em alguns minutos, percorreu cerca de 2 kilometros, varrendo o planalto, primeiro, de oeste para leste, posteriormente, do sul para o norte. Em seguimento ao esquadrão, os bravos infantess do 299° atiraram-se a bayoneta. Apenas tiveram de enviar para trás os homens do 7° de granadeiros, sobre os quaes passara a carga e que se entregaram sem resistencia. Não ha mais um só allemão armado no planalto. O 299° guarnece a ravina. Retomou a posição de que fóra repellido pela manhã. O inimigo não reagiu e não reagiu durante a jornada.

O esquadrão d'Avout, ao passo, alcançou novamente o pequeno bosque donde partira para esta maravilhosa carga.

Ahi se procede á chamada. Quatorze cavallos e respectivos cavalleiros faltam; ha uma dezena de animaes feridos. E' um momento pungente. Quantos, entre os ausentes, jámais voltarão?

Entretanto não vae tardar a que se fique tranquilisado. A um e um, os cavalleiros que

Tactica de Infantaria (*)

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten. Cel. Hugues.

9ª CONFERENCIA

Os contra ataques

SUMMARIO

I — **Seu objectivo:** Retomar por meio do movimento apoiado pelo fogo o terreno perdido.

II — **Differentes especies de contra-ataques:**

— Immediatos, executados pelas unidades de 1ª linha;

— Contra ataques executados por tropas de reserva;

— Passagem da defensiva á offensiva.

III — **Principio geral de execução:** Só será executado contra inimigo previamente detido pelo fogo.

IV — **Contra-ataques immediatos**

a) Apoio de fogo da Infantaria e eventualmente da Artilharia (apenas fogos já preparados com antecedencia);

b) Preparo previo e minucioso;

c) **Rapidez** de concepção e de execução

V — **Contra-ataque de tropas de reserva**

1 — Intervenção do factor tempo imposta:

a) pela collocação das tropas de contra ataque nos logares;

b) pela organização de uma nova base de fogo;

c) pela organização da preparação de Artilharia.

2 — Condições de execução:

a) escolha do compartimento do terreno;

b) ter em mira os flancos;

c) base de partida: com a frente para o objectivo; itinerarios desenhados; vistas;

d) objectivo nitidamente determinado.

VI — **Conclusão:** A theoria do **tapamento** (colmatage) da frente opposta á do contra ataque.

I — Vimos na conferencia precedente que a estabilidade é a condição principal do successo porque permite realizar a efficacia prevista para deter o inimigo.

Porém, se, apesar dos meios poderosos empregados pela defesa, o inimigo conseguir penetrar na posição, o terreno perdido deverá ser retomado pelo movimento, que, por sua vez, será preparado e apoiado pelo fogo.

Tal é o fim do contra ataque que desde modo é um acto offensivo na batalha defensiva.

II — Ha tres especies de contra ataques:

a) **Os contra-ataques immediatos** ou executados por fracções das unidades de 1ª linha, desencadeados automaticamente antes que o inimigo tenha conseguido restabelecer a ordem e recobrar energia e executados com o apoio das armas automaticas.

b) **Os contra-ataques de maior importancia** ou executados por tropas de reserva e desencadeados por ordem do commando desde que, após rapida organização e preparação de fogos de Infantaria, Artilharia, e Aviação, estejam realmente promptos; os carros podem prestar um apoio muito efficaz á semelhante acção;

c) Finalmente, a **passagem da defensiva á offensiva pelo conjuncto das tropas.**

(*) Ver os ns. 173-177, 178, 179, 180 e 181.

faltavam, se reúnem ao esquadrão, varios entre elles trazendo ao hombro — prova do elevado moral desta bella tropa — o arriamento do cavallo morto. Apenas um ferido. Nem um morto.

Como, após este exemplo, affirmar-se que jámais a cavallaria carregará a infantaria? Sem douda, serão raros taes casos. E' mister que o chefe aproveite o momento preciso em que aquella intervenção será necessaria, será possível. A surpresa do inimigo, sua surpresa total é-lhe condição indispensavel. Igualmente será indispensavel o conduzir-se esta carga a fundo, sem titubeação, com ardor, por uma tropa de moral elevado, conduzida por um chefe de golpe de vista seguro e de absoluto vigor.

Antes de tudo, é essencial produzir-se sobre o inimigo uma acção moral fulminante. Foi o resultado obtido pelo esquadrão d'Avout surgin-

do de improviso e a toda velocidade na frente da infantaria adversa victoriosa. O communicado allemão do dia seguinte fazia referencia a "cargas da cavallaria franceza no planalto de Chaudun".

Esta cavallaria franceza era representada por menos de oitenta caçadores de França. Mas, que brava gente!

Em alguns minutos não só elles tinham posto fóra de acção uma infantaria que, ha tres dias, marchava de successo em successo, como levado a derrota, apenas pela sua attitudo, ás companhias vindas em reforço.

Nunca foi realizada uma carga em condições mais perigosas e que obtivesse exito com perdas menores. Ella será uma eterna honra para o capitão que a conduziu, para os officiaes, graduados e caçadores que a executaram.

III — Convém destacar que essas operações defensivas, realizadas contra o inimigo que penetrou na posição de resistência e forçou o defensor a recuar e a **desorganizar o seu systema de fogo**, têm, em ultima analyse, como objectivo estabelecer este systema de fogo desorganizado.

Porém só poderão ser executados depois que o inimigo tiver sido detido pelo fogo da defesa.

A idea do contra ataque sem que o inimigo estivesse detido, como previam os regulamentos anteriores á Guerra 1914-1918, desapareceu completamente dos regulamentos que surgiram de seguida. Com effeito, não ha razão para que tropas mais ou menos abrigadas **desorganizem** espontaneamente o **systema de fogos** que lhes vale a victoria e se lancem na incerteza de um **combate de choque**, em que as suas probabilidades de exito não serão maiores do que as do atacante.

IV — **Contra-ataques immediatos.** — O seu nome indica que devem ser desencadeados quasi no **momento preciso** em que o inimigo, por qual que motivo, se detem em sua progressão; então este não dispoz ainda de tempo para organizar nova base de fogo que lhe permita regressar em boas condições ou preparar a continuação de seu movimento para a frente.

Trata-se de saber qual é esse instante do desencadeamento; o que exige espirito de decisão e golpe de vista: — enquanto o inimigo está avançando, é, como vimos, muito cedo; — quando ele já se acha detido ha muito tempo, é muito tarde.

O chefe deve tomar a decisão instantaneamente e por iniciativa propria, porque muitos vezes está só e completamente isolado; é, então, unico **Senhor da Hora**. Por isso, na maioria das vezes, a sua decisão deve ser, pôde-se dizer um acto reflexo.

Porém para que a sua decisão seja immediatamente executada é necessario que não só haja fracções promptas para isso, como ainda que cada chefe tenha perto de si, ao alcance de sua voz ou gesto, a sua reserva para lançar-a immediatamente no contra ataque.

É necessario tambem que as fracções em reserva não se revelem ao inimigo, porque neste acto offensivo o factor **surpresa** tem importancia capital.

Finalmente, é ainda necessario que, como em todo o ataque, o movimento seja apoiado pelo fogo, de acção preponderante neste caso e que leve ser poderosissimo principalmente no inicio. Toma-se, com effeito, preciso neutralizar o mais rapidamente possivel o inimigo victorioso, prevenir a perturbação no esboço de organização de fogos e destruir quasi instantaneamente esse estado de equilibrio instavel em que se encontra. É o caso de aproveitar o estado em que se acha o assaltante que acaba de conquistar a posição; este se assemelha ao caso do gato que acaba de penetrar em uma casa por meios furtivos e que de inicio não se sente muito á vontade nesse terreno desconhecido, de que está de posse, mostra-se inquieto e os seus gestos demonstram falta de confiança.

Na maioria dos casos os contra ataques desta especie só serão apoiados pelos fogos de infantaria, isto é, fogos das armas automaticas. Porque a artilharia não terá conhecimento da situação devido a falta de meios de transmissão e de tempo para ser informada.

Entretanto, a artilharia poderá intervir com os fogos já previstos, no caso das forças serem ainda visiveis. Porém, então, não poderá fazer tiros muito proximos da infantaria e, ao contrario, se contentará em enquadrar o ataque de largo, renovando os tiros de deter. se estes ja tiverem cessado. Aliás, estes tiros terão grande utilidade porque deterão os reforços e isolarão o atacante.

Para remediar os inconvenientes apontados torna-se necessario preparar os contra-ataques methodica e minuciosamente, isto é, reconhecer a fundo o terreno e organizar systematicamente a base de fogo que permittirá á infantaria lançar-se para a frente.

E se o inimigo se apresentar em situação diversa da prevista pela preparação, o chefe não deve hesitar em improvisar, mesmo com unidades misturadas e com um commando summariamente organizado, essa especie de operação.

V — **Contra-ataques de tropas de reserva.** — Se o contra-ataque não puder ser executado por tropas collocadas de proposito, deve ser então organizado com tropas da retaguarda e precedido de completa preparação de artilharia. Será o caso de preparar uma verdadeira operação, o que exigirá bastante tempo.

Esta operação comportará a collocação das tropas de reserva nos locais iniciais, a organização da preparação da artilharia e, se possivel, o emprego dos carros. Estes contra ataques são organizados pelos commandantes de Divisões ou de Exercito em tempo minimo e lançados logo que estejam promptos. São dirigidos e executados segundo os mesmos principios que regulam a offensiva.

O emprego das tropas em reserva põe em relevo a acção do **tempo**, noção esta que estabelece nitida distincção entre estes contra-ataques e os immediatos. Sendo a acção do contra ataque retardada, o inimigo que foi detido como no caso precedente, terá tempo para se restabelecer e aproveitar a tregua para organizar nova base de fogos de infantaria e reajustar seus fogos de artilharia.

O defensor terá que se haver desde o começo do contra-ataque contra uma barreira de fogos combinados de infantaria e artilharia. Te-

“Ha duas grandes queixas contra a nossa actual lei de promoções. A primeira é simples — a lei não sabe EVITAR OS INSUFFICIENTES; a segunda, com exigencias maiores, accusa o mecanismo della de INADAPTAÇÃO ÁS CONDIÇÕES NOVAS DO EXERCITO.”

rã então que montar e executar um verdadeiro ataque, ataque este que lhe será de execução tanto mais fácil quanto menor tempo tiver decorrido do momento em que o atacante tiver sido detido.

Porém, a rapidez não deve ser conseguida em detrimento da organização e da preparação; deverá resultar exclusivamente da rapidez na colocação da infantaria nos locais iniciais e da preocupação de fazer coisa simples e com o mínimo de preparação, aproveitando os tiros de infantaria e artilharia previstos. Isso exige uma nitida organização do commando das tropas — infantaria e artilharia — que tomam parte no contra-ataque e na fixação precisa da hora em que esse commando entra em função. Se não houver essa precaução poderão surgir tiros desastrosos dos visinhos, capazes de fazer abortar a operação no nascedouro.

Esses contra-ataques serão executados nas condições já estudadas para o caso do ataque. Entretanto devemos destacar alguns pontos interessantes da execução:

a) O terreno do contra-ataque deve ser fácil e sem obstáculos que exijam longa destruição;

b) O contra-ataque deverá permittir a posse de posição particularmente favoráveis ao inimigo para a continuação da offensiva; deverá então ser desencadeado em um **compartimento** de terreno em que se possa applicar o mais cedo possível o maximo de fogos de infantaria e artilharia para apoiar o movimento; quanto mais reduzido for o compartimento mais poderoso deverá ser o flanqueamento pelos fogos de metralhadoras e de artilharia, porque essa "cunha" penetrando na posição inimiga fica exposta a ser contra atacada;

c) O contra-ataque deve visar os flancos da progressão inimiga.

Na offensiva as forças inimigas têm toda a sua atenção presa no objectivo e por isso as operações que alcancem seus flancos têm grandes probabilidades de éxito. O ataque de flanco, além disso aproveitará o auxilio das organizações existentes nas zonas visinhas e não atacadas pelo inimigo; principalmente a artilharia disporá ali de todas as facilidades (observatorios, ligações, etc.).

Assim Procedendo o defensor terá ainda a vantagem material e moral de poder apoiar um dos flancos do contra-ataque em uma zona que se mantem.

d) Por outro lado a base de partida deverá satisfazer as seguintes condições:

— ter itinerarios de approximação desenhados das vistas terrestres e aerias do inimigo afim de poder realizar a surpresa;

— possuir observatorios terrestres afim de assegurar a acção da artilharia (preparação e apoio) nas melhores condições possíveis;

— collocar a infantaria exactamente com a frente para o seu objectivo (as diagonaes se prestam bem para isso e são ainda boas bases de fogo nos contra-ataques);

e) A infantaria do contra-ataque deve ter um objectivo preciso a attingir e cuja **profundidade** será função do terreno e das possibilidades de apoio de artilharia. Para attingir grande profundidade é necessario ter reservas para alimentar o esforço e muita artilharia para deslocar por escalões, afim de apoiar o ataque de compartimento a compartimento. Naturalmente não se escolherão para objectivo as organizações existentes ou mal conhecidas do inimigo e em pontos importantes do terreno como sejam fazendas, povoações, elevações, estradas, etc.

Em summa, é preciso fazer coisa simples.

f) O emprego dos carros é util quando estes possam ser trazidos á frente em tempo porque então a defesa anti-carros não deve estar organizada. Do mesmo modo a aviação pôde intervir para facilitar a surpresa encobrendo os aviões e balões inimigos á approximação da infantaria e acompanhando a sua progressão pelo fogo.

Tem-se discutido e ainda se discute o valor do contra-ataque. Preconizam uns propositadamente o restabelecimento de uma linha continua de fogos nos locais ainda mantidos quando o inimigo se deteve; é o que se chama o **tamento** (colmatage) da frente.

Em muitos casos isso pôde ser bastante para restabelecer o systema de fogos, mas nem sempre isso é realizavel, principalmente em terreno não organizado; mesmo porque não se pôde sempre abandonar terreno ao inimigo.

Outros regeitam o contra-ataque sob o pretexto de que as perdas são grandes e de que muitas vezes se arrisca a um desastre.

Não creio que esses riscos sejam maiores do que um ataque ordinario; negar o valor do contra-ataque é esquecer o effeito moral produzido no defensor pelo successo obtido, e no atacante pela manifestação de uma liberdade de acção que elle julgava não existir.

Segue-se a apresentação de dois exemplos de contra-ataques immediatos e de tropas de reserva durante a guerra de 1914-1918.

"A actual lei de promoções data de 1891 — é antiquada, por isso que tudo se tem modificado, menos ella; é anti-militar porque os seus processos entretêm o espirito politico nos quadros."

U N I F O R M E S

Do nosso collaborador Sr. Major Luiz Correia em um artigo publicado no numero de Outubro desta Revista, localizou a questão dos uniformes em relação ás forças policiaes e aos estabelecimentos civis de ensino.

Imitação do fardamento do Exercito aparece cada vez mais, já existindo corporações já identifiçadas com os nossos uniformes que revelam o cuidado notorio de copiar as peças das vestimenta militar.

Acada mudança decretada para o plano dos uniformes dos officiaes corresponde, immediatamente, alteração igual nas forças policiaes e nos estabelecimentos de ensino secundario do paiz, de modo particular nos do Rio de Janeiro.

Este aspecto nacional de **trajes militarizados** sobre ao nosso povo e ao elemento estrangeiro, fomenta a desordem e a existencia de cores indistinctas, na sua vida exterior.

E ali, indiscutivelmente, uma flagrante manifestação de **indisciplina nacional**.

Trudo isso, não fazemos nenhum exaggeramento, apenas, o que é bem visível e

prova mais evidente do que acabamos de ver, é a verificada inefficacia das circulares expedidas do Ministerio da Guerra e até o não cumprimento de um decreto presidencial sobre o fardamento do Exercito.

São, vejamos:

"As corporações dependentes da Prefeitura do Districto Federal e a policia dos Estados, creadas para funções que lhes são inherentes, não podem usar uniformes nem distinctivos marcados nos planos para o Exercito". (Decreto de 4 de Janeiro de 1890).

"Sendo inconveniente o uso pelas forças estaduais de uniformes e distinctivos identicos aos da força federal, solicita-se dos presidentes e governadores dos Estados para que elles providenciem afim de que as forças policiaes não usem uniformes e distinctivos que se possam confundir com os do Exercito." (Circular do Ministerio da Guerra de 20 de Janeiro de 1899).

"Pede-se a diversos Ministerios e aos governadores e presidentes dos Estados que seja prohibido o emprego da cor kaki, quer na viatura, quer no fardamento, nos corpos de policia, de bombeiros e outras corporações e quer nas vestes civis de funcionarios." (Circular de 9 de Abril de 1907).

"A promoção não é um direito; nem constituição premio, mas deve seleccionar capacidades em cada um dos pontos da hierarchia".

"Sendo o laço hungaro distinctivo de official do Exercito combatente, não poderá ser usado pelos socios das sociedades de Tiro e outras corporações a que pertençam os reservistas do mesmo Exercito" (Aviso de 11 de Janeiro de 1917).

"Solicita-se as necessarias providencias ao Ministerio do Interior para que não se adoptem nos estabelecimentos ou em outras corporações uniformes em condições de confundir os seus portadores com os membros do Exercito." (Officio do Ministerio da Guerra de 12 de Dezembro de 1927).

Até hoje, infelizmente, não se sentiram os efeitos desses justos pedidos de providencias e tudo leva a concluir que o mal inveterado da imitação só tem tendencias a se generalizar.

Tudo indica que processos mais energicos se tornam necessarios para pôr termo ao abuso crescente, parecendo-nos que a prohibição categorica ás policiaes e collegios deve ser acompanhada de sanções exequiveis.

Parece-nos tambem que, caso não seja possível, achar-se um meio pratico e legal para extinguir o abuso, é preferivel e vantajoso, apesar das despesas decorrentes para a officialidade, mudar o plano dos nossos uniformes, mediante uma conveniente transição, e ali decretar uma prohibição formal ás imitações dos novos fardamentos.

Junqueira & Cia. Ltda.

(Terrenos e predios á vista e em prestações)

Rua da Quitanda n. 113

RIO DE JANEIRO

TELEPHONE NORTE 7253

Comprar um terreno é segurar, é valorisar as proprias economias.

As guerras, as revoluções, os máus governos desvalorizam tudo, menos os terrenos que sempre augmentam de valor.

TERRENOS EM TODOS OS BAIRROS:

Cattete, Gloria, Tijuca, Engenho de Dentro, Irajá, Sapé e Colégio

As pontes reforçadas de equipagem

Pelo Maj. GUERRIOT (Da M. M. F.)

TITULO I

Cargas das pontes e tipos de pontes militares

1) Cargas das pontes

As cargas que devem passar nas pontes militares tendem a augmentar de maneira bem pronunciada.

Os comboios, que acompanham os exercitos, futuramente serão constituídos de numerosos vehiculos automoveis cujo peso excederá, geralmente, de 3.500 kg. Não poderão, portanto, transitar pela ponte normal. E' conveniente, por conseguinte, estudar tipos de pontes que satisfaçam ás necessidades das futuras guerras.

2) Tipos de pontes militares

Os tipos actuaes de pontes militares de equipagem são:

1ª) A **ponte leve** que, especialmente destinada á cavallaria e ás columnas ligeiras, permite, entretanto, a passagem de vehiculos cuja carga não ultrapasse ao maximo de 2.000 kg.;

2ª) A **ponte normal** que, permitindo a passagem ás tropas de todas as armas e aos seus comboios, comprehendidas as viaturas de dois eixos, não admite carga superior a 3.500 kg.

3ª) A **ponte reforçada** que dá passagem aos carros de combate e vehiculos automoveis de características seguintes:

carros pesando 7.200 kg. dos quaes 4.500 kg. sobre o eixo trazeiro;

caminhões industriaes pesando 8.600 kg., igualmente repartidos sobre os dois eixos.

A distancia entre os eixos, trazeiro e dianteiro, nesses dois tipos de vehiculos, deve ser, pelo menos de 2m,90.

4ª) **Pontes de grandes lances** — O emprego eventual, para as cargas reduzidas, das pontes de equipagem de lances de 5m,40 e de 5m,90 far-se-á de accordo com o regulamento de pontes, livro official (em preparação).

TITULO II

Ponte reforçada de equipagem

CAPITULO I

DESCRIPÇÃO DO MATERIAL ESPECIAL NECESSARIO A' CONSTRUÇÃO DA PONTE REFORÇADA

Braçadeira de rodapé — As braçadeiras de rodapé (fig. 1) permitem apertar, á vontade: 3 vigotas e uma espessura de pranchão; 4 vigotas e uma espessura de pranchão; e, no maximo, 4 vigotas e duas espessuras de pranchões.

Tendo em vista a sua utilização nos dois primeiros casos (figs. 2 e 3), as cadeias que reúnem o estribo á alça podem encurtar-se.

A cadeia fixa tem um elo reforçado que não pôde sair do gancho, mas os elos seguintes po-

dem firmar-se nesse gancho ou delle sair. No primeiro caso, quando a braçadeira deve apertar somente tres espessuras de vigotas e uma espessura de pranchão (ponte de portadas), reúnem-se a alça ao estribo por um unico elo de cada (fig. 2).

No segundo caso (fig. 3), as cadeias são penduradas pelo terceiro elo.

No terceiro caso (fig. 4), as cadeias são enpregadas com todo o comprimento.

Esticadores de parafuso — Os esticadores

BRAÇADEIRA DE RODAPÉ

Escala 1/10

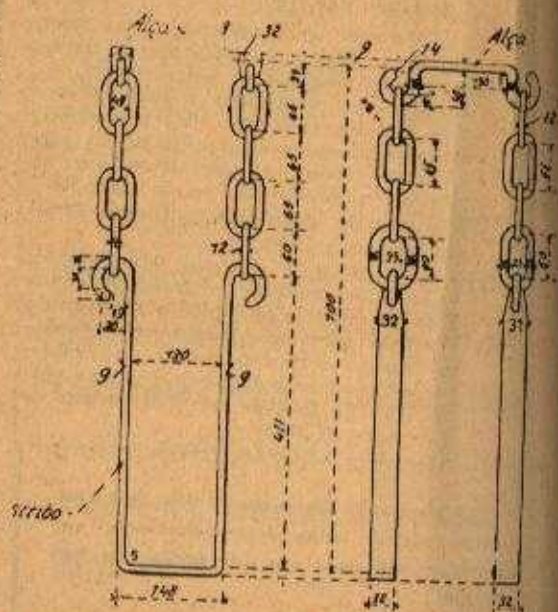
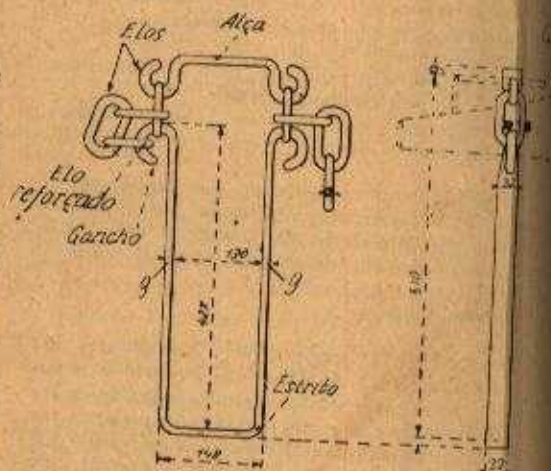


Fig. 1

de modelo já descripto á pag. 32 do Regulamento de Pontes de Equipagem.

Vigotas de garras de um metro de comprimento, para cavalletes conjugados (fig. 5).

Vigotas de garras, de dois metros de comprimento, para rampa movel (fig. 6).

Dormentes — Os dormentes são munidos nas duas faces oppostas de gatos de pontagem.

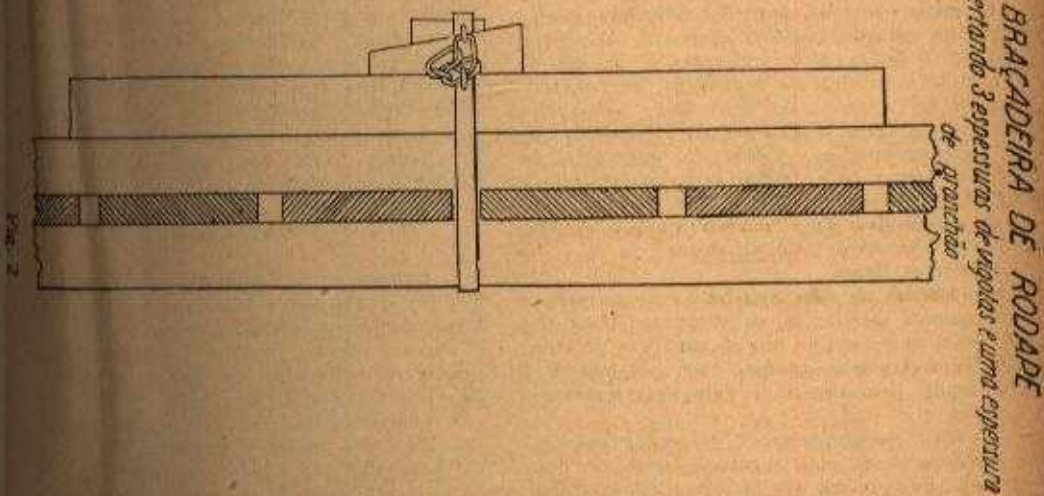
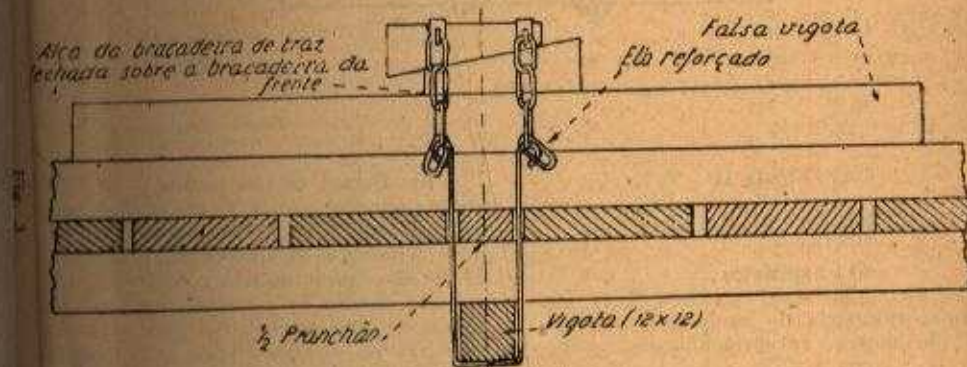
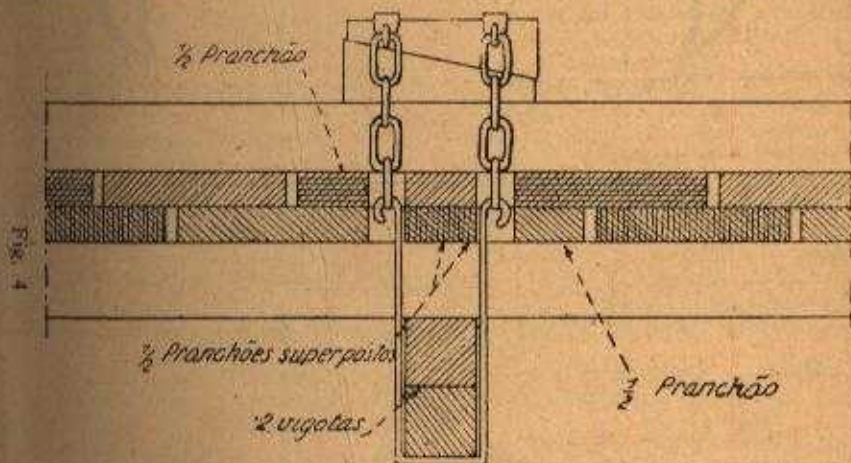


Fig. 6

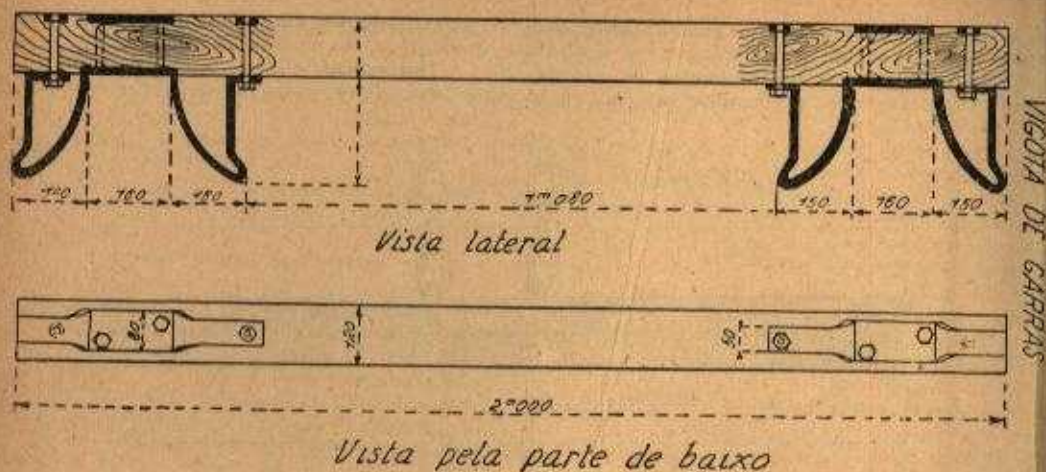
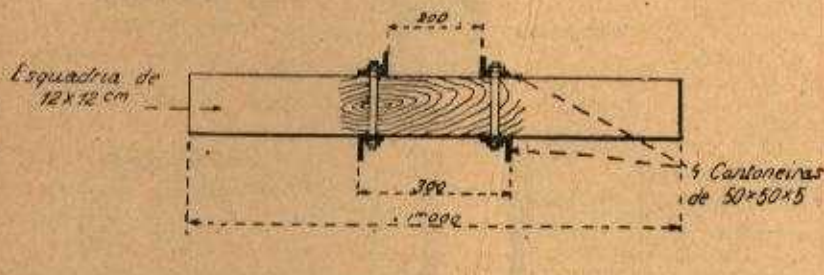


Fig. 5



CAPITULO II

DESCRIPÇÃO SUMMARIO

a) Supportes

A ponte reforçada de equipagem comporta supportes fluctuantes; excepcionalmente, supportes fixos.

Supportes fluctuantes (fig. 7) — Os supportes fluctuantes são constituídos por dois pontões, conjugados, consoante o dispositivo regularizar. Completam este dispositivo: uma vigota de quatro metros, entre os pontões; quatro vigotas, de quatro metros, dispostas sobre as bordas, ficando as duas extremas a prumo de extremidade dos tubos de pontagem, as duas outras a 0m,25 de um e do outro lado do gancho médio de pontagem. Estas quatro vigotas são ligadas solidamente aos tubos de pontagem de maneira a tornar bem solidários os dois pontões.

Os pontões, além disso, são ligados: por meio de cordas de rodapé, passando nas toleiras, pelas amarras, envolvendo as abitas, em 8.

Supportes fixos:

a) **Pernas de dois metros** — Se as pernas de dois metros satisfazem, os supportes fixos são constituídos por meio de um só cavalete de equipagem, reforçando-se, porém, este, por um dormente ligado pelo centro e pelas extremidades, ao chapéu.

A cadeia de suspensão é reforçada pelo esticador de parafuso, cuja regulação deve ser bem assegurada, de maneira que as duas cadeias trabalhem igualmente.

b) **Pernas de tres metros** — Se for necessário empregar pernas de tres metros, construir os supportes fixos de dois cavalletes de equipagem collocados parallelamente, a uma distancia de 0m,55 a 0m,60, de eixo a eixo.

As cadeias de suspensão, como no caso das pernas de dois metros, são reforçadas pelos esticadores de parafuso. Sobre as faces superiores dos chapéus, bem horizontaes e no mesmo nível collocam-se perpendicularmente áquelles, a prumo dos ganchos, cinco vigotas de garras, de um metro, para cavalletes conjugados. — as garras menores voltadas para cima. Estas vigotas são ligadas aos gatos dos chapéus e recebem, na parte mediana, parallelamente aos chapéus dos cavalletes, um dormente (com gatos nas duas faces) que é solidamente ligado nellas; os gatos devem ficar a prumo da face jusante das vigotas de um metro.

Nota — Em caso algum utilizar-se-ão as pernas de cavalete de 3m,90 na ponte reforçada.

b) Lance

Lances entre conjugados de pontões (figs. 8 e 10) — **Formar o lance** por meio de nove vigotas communs, assim repartidas:

cinco vigotas communs, acima dos gatos de pontagem, collocadas, em relação a esses, como na ponte normal;

quatro vigotas communs supplementares, soltas, dispostas de um e de outro lado e a 0m,18 de intervalo das vigotas do carril (vigotas ns. 2 e 4, da ponte normal. Conjugar as vigotas do lance ás do lance seguinte, fazendo-as repousar, em

na supporte, sobre tres bordas consecutivas, de modo que suas extremidades ultrapassem, de 15, as duas bordas juxtapostas. Ligar somente as cinco vigotas que se acham acima dos raios de pontagem.

Reforçar o lance, com o dispositivo de reforço (fig. 4) collocado no meio do lance e sob as vigotas do mesmo.

O dispositivo de reforço, para este caso, é constituído de duas vigotas, de 12×12 (de encontro ou de quatro metros), superpostas, fixadas por quatro bráçadeiras de rodapé, especiezas, como no caso da ponte normal.

Todavia, em virtude da espessura a apertar, bráçadeiras das bráçadeiras são empregadas com todo o comprimento. Além disso, as cunhas repousam directamente sobre as vigotas de rodapé, sem interposição da falsa vigota.

Lances entre dormente e pontões conjugados (fig. 9).

O lance comprehende nove vigotas, a saber: cinco vigotas de encontro, ligadas aos gatos de pontagem do dormente e a montante dos gatos de pontagem dos pontões;

quatro vigotas de garras, repousando, cada um, sobre o dormente e a segunda borda do

primeiro conjugado de pontões. Estas vigotas são collocadas, respectivamente, a 0m.18 a montante e a jusante da segunda e quarta vigota.

O lance é consolidado por um dispositivo de reforço, igual ao do caso precedente.

Lances entre dormente e cavallete — O lance comprehende nove vigotas:

cinco de encontro;

e quatro de garras.

E' sustentado, na parte média, por um cavallete reforçado (cavallete simples ou cavalletes conjugados, consoante o comprimento das pernas) cujo chapéo (ou o dormente, se é um cavallete conjugado) é fixado ás vigotas de garras por meio de gatos.

Lances entre cavalletes e pontões conjugados — O lance é constituído como no caso do lance entre dormente e pontões conjugados; mas as vigotas de garras são substituídas por vigotas de encontro.

Lance de cavallete a cavallete — Como o lance de dormente a cavallete.

c) Taboleiro

O taboleiro é formado de duas camadas de pranchões regulamentares, cobrindo a segunda camada as juntas da primeira.

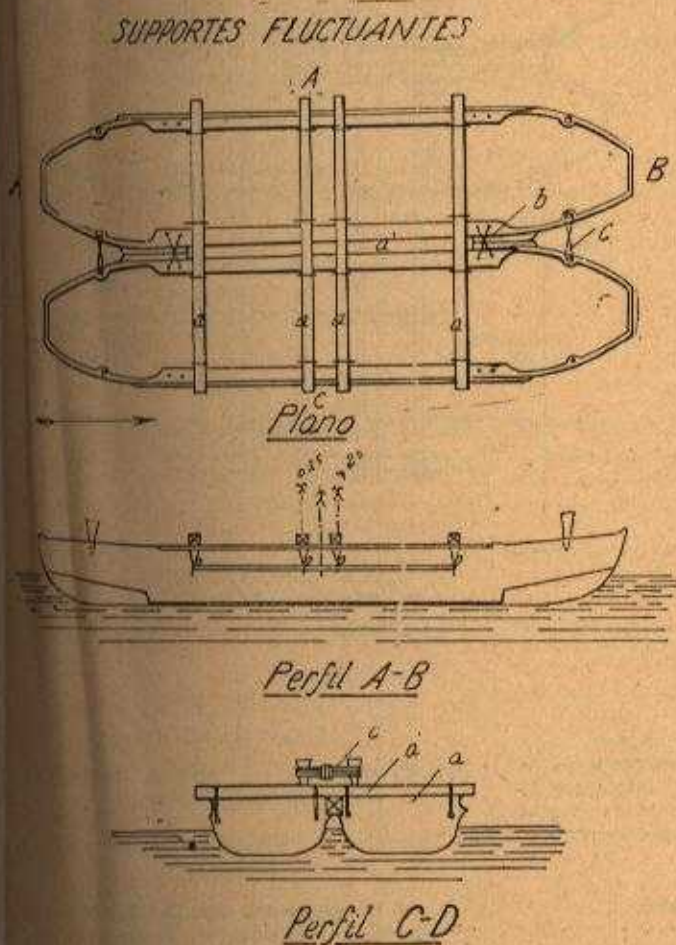


Fig. 7

REPARTIÇÃO DAS VIGOTAS no lance reforçado

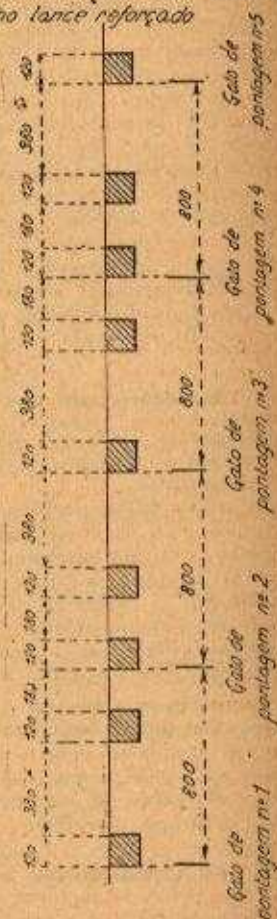


Fig. 8

Para que isso seja obtido, se deverá começar a camada inferior por meio pranchão.

Devendo receber a parte mediana do lance um dispositivo de reforço (lances que não tenham suportes fixos), substitue-se, em cada camada, um pranchão comum por dois meios pranchões como o indica a fig. 4. Os dois meios pranchões, superpostos, se acham a prumo das vigotas do dispositivo de reforço. Os pranchões vizinhos são afastados um pouco, afim de permitir a passagem dos ganchos das braçadeiras.

O caminho a seguir pelos vehiculos é limitado, a montante e a jusante, por filas de pranchões, paralelas ao eixo da ponte, em contacto com as vigotas de rodapé e dispostas em uma só ordem ou em duas (as juntas não se correspondendo), no caso de haver um numero sufficiente de pranchões. Esses pranchões são pregados no taboleiro.

Na falta de pranchões, empregam-se meios pranchões, ou vigotas.

Rodapé — Além do dispositivo de reforço, cada lance comporta, ainda, um dispositivo de cordas com arrocho, a prumo dos eixos dos pontões, na vizinhança dos suportes fixos.

Colocar as duas ligações das vigotas de rodapé, que ficam a montante e jusante do lance, abraçando de um e do outro lado o mesmo pranchão da camada inferior, fazendo afastar, prévia e alternadamente, a jusante e a montante, os dois pranchões da camada superior, de maneira a descobrir sufficientemente as juntas abertas da camada inferior, passando por ali as cordas de vigotas.

d) Disposições especiais

Os suportes fixos só devem ser empregados na falta de suportes fluctuantes.

A utilização delles, para constituir rampas, não deve ser admitida senão a título inteiramente excepcional e sob condição de se lhes assegurar o contraventamento longitudinal muito solido.

Todas as vezes que a ponte possui, perto das margens, sup-

portes fixos, deve assegurar-se entre estes e a margem uma ligação perfeita, amarrando-os a estacas ou a solidos pontos fixos; além disso, o numero de estacas para o dormente é elevado a 10, e as extremas são amarradas, se houver necessidade, a estacas de retém.

e) Circulação dos vehiculos

A circulação das viaturas automoveis na ponte reforçada deve fazer-se em andadura lenta;

o intervalo de quatro lances, pelo menos, deve ser deixado entre os vehiculos.

Toda a viatura cujo eixo trazeiro tiver carregado com mais de 4.500 kg. deve ser aliviada antes de ingressar na ponte.

f) Condições de emprego

A ponte reforçada não deve ser utilizada no caso de vehiculos pesados (carros de 7.200 kg. e caminhões de 8.500), senão quando a cortezeta for inferior a dois metros.

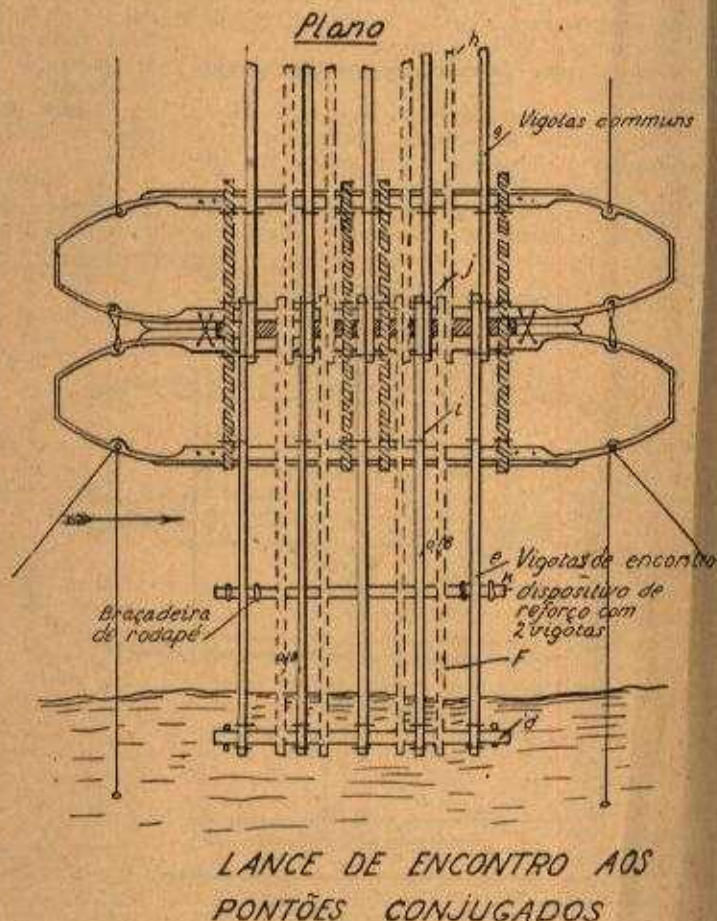


Fig. 9

CAPITULO III

CONSTRUÇÃO DA PONTE REFORÇADA DE EQUIPAGEM

1) Lances — Repartição e funções do pessoal

a) Comprimento dos diversos lances

O quadro seguinte dá o comprimento dos diversos lances, bem como o numero de vigotas utilizadas.

QUADRO I

DESIGNAÇÃO DOS LANCES	Natureza e numero de vigotas empregadas						Comprimento dos lances	Distancia de eixo a eixo do corpo do supporte	Alcance das vigotas	Observações
	De supporte			De rodapé						
	De garras	De encontro	Communs	De encontro	Communs	Vigotas de quatro metros ou de encontro				
De dormente a cavallete.....	4	5	...	2	...	...	5,84	5,57	5,40	(*)
De dormente aos pontões conjugados.....	4	5	...	2	...	2'	5,99	5,72	3,86	
De cavallete a cavallete.....	4	5	...	2	...	...	5,57	5,57	5,40	(*)
De cavallete aos pontões conjugados.....	...	9	...	2	...	2	5,70	5,70	3,84	
De conjugado a conjugado.....	...	...	9	...	2	2	7,25	7,25	3,76	

(*) As vigotas são sustentadas, na parte central, por um supporte fixo intermediario

b) Repartição e funções do pessoal

O pessoal, commandado por um capitão, comprehende: tres officiaes, 14 sargentos ou cabos e 158 homens.

QUADRO II

DESTACAMENTOS

Números	DESIGNAÇÕES	EFFECTIVO			FUNÇÕES
		Officiaes	Inferiores	Homens	
1	Dos encontros.....	1	1	8	Construir os encontros. Cravar as estacas de amarração. Amarrar as cordas de ancora ás margens.
2	Das ancoras e dos pontões.....	1	3	21	Conduzir os pontões conjugados. Lançar as ancoras.
3	Das vigotas.....	...	2	36	Conduzir as vigotas. Impellir, ao largo, os pontões conjugados.
4	Da ligação.....	1	3	31	Receber as vigotas; mantel-as enquanto os pontões são impellidos ao largo. Fazer as ligações. Fixar os cabos de ancora e os passadores. Collocar o dispositivo de reforço. Cobrir.
5	Dos pranchões.....	...	2	44	Transportar os pranchões.
6	Do rodapé.....	...	3	18	Igualar os pranchões e assentar o rodapé.

DESTACAMENTOS

SUB-DIVISÕES (SECÇÕES)

EFFECTIVO

Numero	Inferiores	Homens	FUNÇÕES
1 ^a	—	4	Fixar o dormente.
2 ^a	1	4	Cravar as estacas de amarração; amarrar os cabos de ancora ás margens.
1 ^a	1	7	Conduzir os pontões conjugados.
2 ^a	1	7	Conduzir os pontões conjugados.
3 ^a	1	7	Conduzir os pontões conjugados, e lançar as ancoras de jussante se houver necessidade.
1 ^a	1	18	
2 ^a	1	18	
1 ^a	—	4	Alternar 2 a 2, para fixar os passadores.
2 ^a	—	8	Actuar nos cabos de ancoras e fixal-os.
3 ^a	3	15	Receber as vigotas; passal-as no dispositivo de reforço; acabar de impellir ao largo o pontão. Fazer as ligações.
4 ^a	—	4	Cobrir.
1 ^a	1	22	
2 ^a	1	22	
1 ^a	1	2	Igualar os pranchões.
2 ^a	1	8	Transportar e collocar as vigotas de rodapé. Fazer as ligações por meio de cordas.
3 ^a	1	8	Fazer as ligações por meio das braçadeiras.

2) Construcção, por conjugados successivos, de uma ponte reforçada de pontões de equipagem

a) Summario da Manobra

Nota — As operações que não são mencionadas abaixo são analogas áquellas que se effectuam na construcção da ponte normal.

Qualquer que seja a corrente, todos os conjugados de pontões vêm de montante, e são ancorados, a montante, por uma ancora, se a corrente é inferior a 1m,50; por duas, se ella é superior a 1m,50.

Preparar os conjugados de pontões — Conjugue dois pontões como o indica o Livro do Official.

Além disso, reforçar a rigidez do conjunto, com vigotas de quatro metros, dispostas sobre as bordas e entre os pontões, como já foi dito linhas acima.

Apparelhar cada conjugado com:
duas ancoras, dois cabos de ancora (1);
duas amarras;
20 cordas de vigotas.

Um dispositivo de reforço, preparado da seguinte maneira:

Dois meios pranchões, superpostos, collocados sobre as extremidades das vigotas de quatro metros, fóra da borda interior do conjugado, supportando em cada extremidade duas braçadeiras de rodapé, espaçadas de uma espessura de vigota, e nas quaes são introduzidas as duas vigotas superpostas (cada uma de 12 × 12).

As braçadeiras, fechadas sobre si mesmo, por cima dos pranchões, são dispostas de modo que possam ser fechadas de um e do outro lado do rodapé, isto é: o par de braçadeiras deve ser collocado de tal maneira que a corrente que possue um elo reforçado, de uma dellas, e a corrente simples da outra estejam sempre do mesmo lado do rodapé.

b) Construcção da ponte

(Figs. 19 e 11)

Pontagem de conjugado de pontões — Deslocar de montante o conjugado de pontões apparelhado para a pontagem. Lançar a ancora. Deixal-o descer até a altura do conjugado precedente e nelle jogar os passadores. Actuar nos cabos de ancora e nos passadores.

Transportar cinco vigotas communs, introduzilas entre a borda e os dois meios pranchões do dispositivo de reforço; fazer passar as vigotas extremas nas braçadeiras do rodapé correspondentes.

Impellir o conjugado ao largo, até que as extremidades de traz das vigotas ultrapassem de 0m,15, na margem de partida, as bordas juxtapostas do conjugado precedente; fazer ultrapassar da mesma maneira, a outra extremidade das vigotas, de 0m,15, para o lado da margem de chegada além das bordas juxtapostas do conjugado já recém-collocado na ponte.

Ligar as vigotas, atraz, nas tres bordas do conjugado precedente.

Amarrar os passadores.

Ligar as vigotas na borda isolada do pontão interior do conjugado.

Transportar as vigotas supplementares: collocal-as no respectivo local, fazendo-as deslizar sobre as vizinhas e entre a borda e os dois meios pranchões.

Por meio de croques, manobrados por dois homens do rodapé, collocados a montante e a jussante do pontão exterior do conjugado precedente, conduzir para o meio do lance o dispositivo de esforço, fazendo escorregar os meios pranchões sobre as vigotas.

(1) Se a corrente é inferior a 1m,50, os conjugados de pontões não recebem senão uma ancora e um cabo de ancora.

Transportar os pranchões.

Cobrir simultaneamente, com os pranchões superpostos, de maneira que os de cima cubram as pontas dos de baixo (1).

Do um e outro lado dos meios pontões do dispositivo de reforço, colocar dois meios pranchões, correspondendo à camada inferior e outro à superior (fig. 4).

Montar o rodapé, para ligar os meios de cordas, a prancha do eixo de cada pontão (ou pontões supportes fixos, como é indicado acima).

Fixar o dispositivo de reforço, como a ponte normal, directamente sobre a vigota de rodapé, sem interposição de falsa vigota.

CAPITULO IV

PONTE MIXTA

O lançamento de cavalletes mistos (com pernas de dois meios ou conjugados (com pernas de tres metros) faz-se pelos mesmos descriptos no Regulamento de Pontes, utilizando-se, para isso, um conjugado de dois meios.

Os cavalletes intermediarios são lançados no respectivo local, depois da terminação dos lances intermediarios: collocar primeiramente o chapéu sob o lance, mantê-lo n'água; introduzir as vigotas, suspender o chapéu (ou o dormente se o mesmo estiver sobre o chapéu) por meio do escador de parafuso, de maneira que elle fique em contacto com as vigotas.

Colar o chapéu, sob a vigota, de um e de outro lado, de maneira mantê-lo fixo.

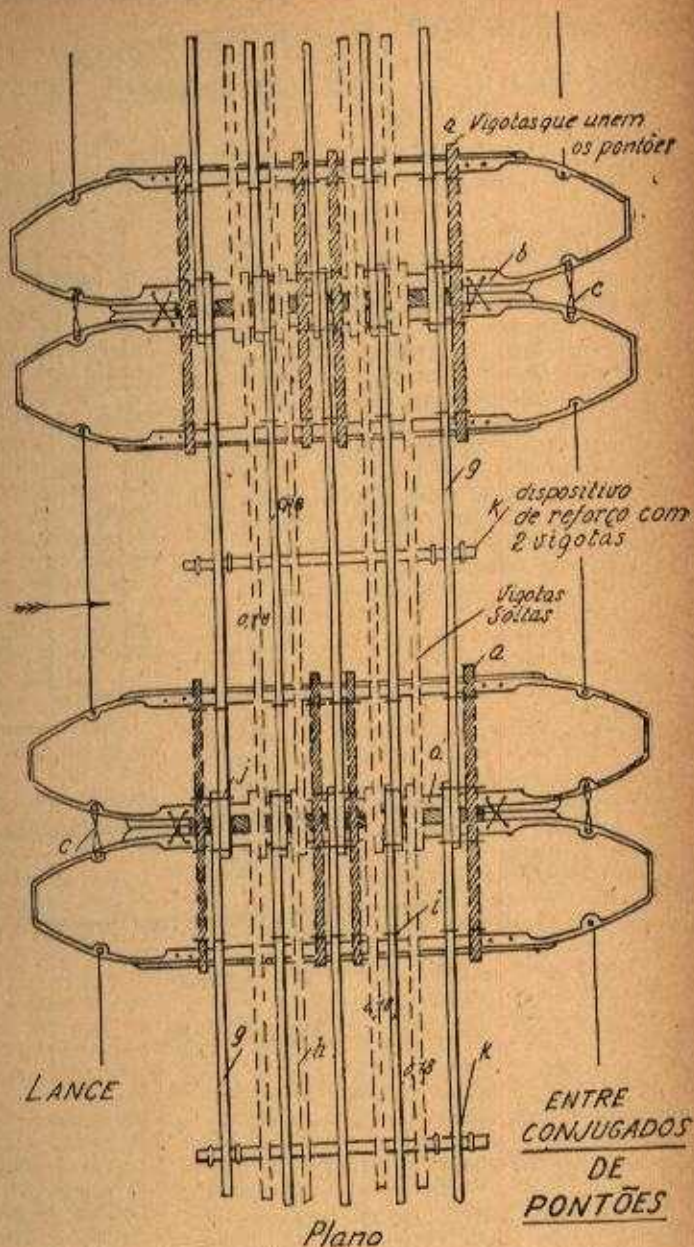


Fig. 10

LEGENDAS

Figs. 8, 9, 10 e 11

SUPPORTES FLUCTUANTES

a' — Vigota de quatro metros entre os dois pontões.

a — Vigotas de quatro metros reunindo os dois pontões: duas no exterior a 0m.25 do eixo do gato de pontagem e duas nas extremidades dos tubos de pontagem e ligadas.

b — Cordas de rodapé entre os dois pontões, unindo-os.

c — Amarração, em 8, das abitas.

LANÇE DE DORMENTE A PONTÃO

d — Dormente fixado no solo com estacas.

e — Cinco vigotas de encontro, ligadas, por cima dos gatos do pontagem do dormente e a montante dos gatos de pontagem dos pontões.

f — Vigotas de garras (quatro) collocadas

MINUCIA DO TABOLEIRO E DO RODAPÉ

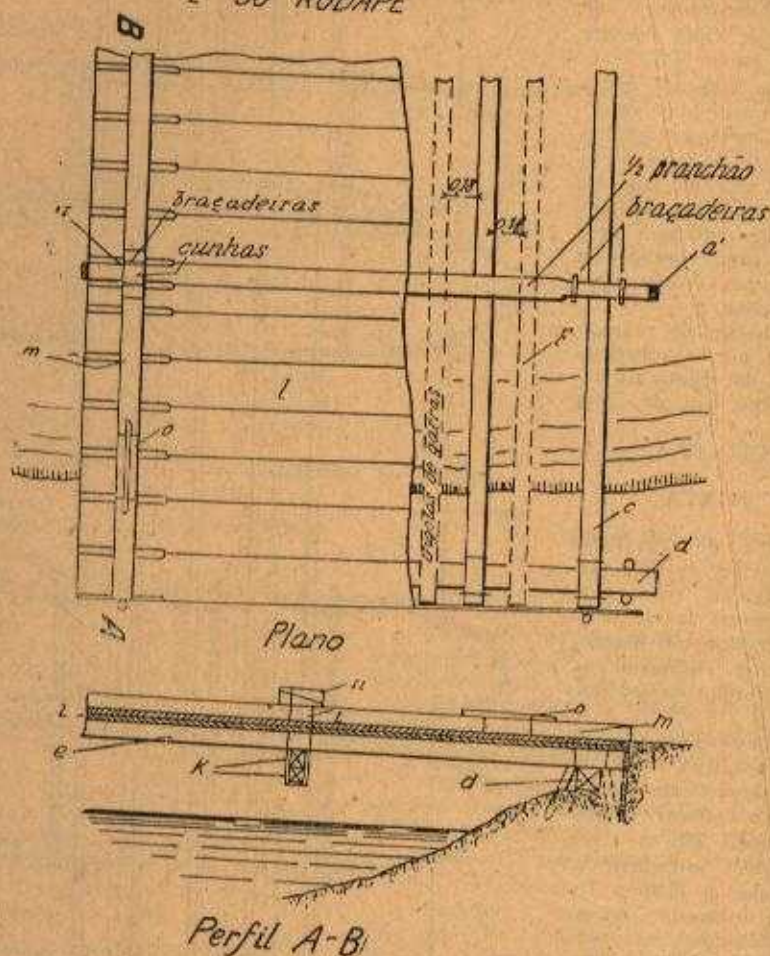


Fig. 11

a 0m,18 a montante e a jusante das vigotas segunda e quarta.

LANCE ENTRE DOIS CONJUGADOS DE PONTÕES

- g — Cinco vigotas comuns e ligadas.
- h — Quatro vigotas comuns collocadas a 0m,18 a montante e a jusante das vigotas segunda e quarta (sem ligações).
- i — Ligações das vigotas isoladas.
- j — Ligações das vigotas juxtapostas

k — Dispositivo de reforço: duas vigotas de quatro metros, quatro braçadeiras de rodapé, dois meios pranchões.

l — Taboleiro com duas camadas de pranchões.

m — Vigotas de rodapé (de encontro para o primeiro lance, comum para os lances seguintes).

n — Cunhas.

o — Ligações por meio de cordas de rodapé.

(Continúa).

“Actualmente, quando os quadros começam a valer por suas características profissionais e técnicas, o espirito e a letra da lei de promoções ainda autorizam processos pessoais de promoções”.

Reflexões sobre a direcção geral da instrucção nas unidades de recrutas com o serviço a curto prazo

CMT. GUIGUES

TRADUZIDO DE "LA REVUE D'INFANTERIE" PELO TEN. DURVAL M. COELHO

I

Ganhar tempo em todas as materias de importancia secundaria ou nas que se tiver oportunidade de repetir durante todo periodo de serviço, eis o principio fundamental da conducta da instrucção. Seguindo essa norma ficar-se-á habilitado para fazer frente, sem atropelo ás necessidades de tempo inevitaveis que decorrem da instrucção e das más quadras (fardamento, visitas medicas, vacinação, medidas, revistas de aspersão, dias de doença, de epidemia, mau tempo, etc.). Poder-se-á igualmente consagrar o tempo indispensavel aos exercicios que requerem adestramento minucioso e para cujo ensinamento nunca serão demasiado o cuidado e o tempo que se lhe dispense.

Para isso é preciso, previamente, proceder á sua classificação geral dos exercicios a realizar, levando em consideração:

- 1. a sua importancia,
- 2. o grão de urgencia do seu ensinamento,
- 3. a possibilidade de repeti-los com maior ou menor frequencia.

Examinemos successivamente os motivos da classificação.

a) A sua importancia

Convem buscar a importancia dos exercicios na necessidade de formar em poucos mezes homens aptos a entrar em campanha, isto é, em condições de:

- marchar de dia e de noite;
- estacionar,
- combater.

Há, uma serie de exercicios technicos e tacticos de primeira importancia e que devem ter precedencia sobre os demais.

Mas isto ainda não é tudo. É indispensavel igualmente e parallelamente adestrar estes homens nos pormenores dos exercicios e theorias necessarias á sua iniciação nos rudimentos da habilidade necessarios para permittir a sua evolução no meio novo que para elles constitue a guerra.

Portanto, desde o começo da instrucção, ha uma dupla exigencia que é conveniente attender.

- instruir o mais cedo e inteiramente os homens tendo em mira o combate;
- adestrar-os ás exigencias da vida militar quotidiana.

Accentuemos, de passagem, que este ultimo adestramento é capital para o estabelecimento e a manutenção da disciplina. Com um pouco de habilidade poder-se-á, sem grandes esforços, combater esta dupla exigencia desde que se estabeleça um grão de urgencia no ensinamento.

b) Grão de urgencia no ensinamento

Espontaneamente reconhecemos que aqui nos achamos face a um problema de delicada resolução visto como se deverá, apesar de tudo,

attender a diversas obrigações que desencaminham as intenções e as previsões. Ter-se-ão inspecções imprevistas, revistas e exercicios que torção os quadros indisponiveis, reparações dos stands e campos de tiro, intemperies prolongadas, ás vezes epidemias, etc. São imprevistos, não ha duvida, mas que não deverão, entretanto, impedir que o chefe, responsavel pelo estabelecimento da ordem de urgencia, modifique as previsões de accordo com as circunstancias particulares. Estas modificações não acarretarão, de mais, perturbações serias desde que se tenha encarado, com sabedoria, algumas variantes.

Ao nosso ver ha urgencia em adaptar o mais cedo possivel o homem á sua nova existencia é portanto ensinar-lhe a:

reunir-se,

saudar,

marchar a passo, formado,

conhecer os seus officiaes e graduados bem como os deveres essenciaes que lhes incumbem,

manter a sua arma e transportal-a correctamente, etc.

Esta adaptação constituirá o periodo de "desbaste" inevitavel, porém necessario e que convirá reduzir ao minimo indispensavel adaptando-o ás multiphas formalidades de incorporação: visitas, pesagens, vacinação, fardamento, etc. Desde que a instrucção technica comece, e o mais cedo possivel, tudo será assim aproximadamente regulado e em consequencia só será consagrado a este "desbaste" o tempo indispensavel á sua consolidação e á obtenção progressiva de um ligeiro aperfeiçoamento.

É preciso admittir que não será interdito, no decurso deste "desbaste" iniciar, na medida que for possivel, as partes da instrucção que as circunstancias e os meios de instrucção permittam abordar. Isto se verificará, por exemplo, quando os terrenos circumvizinhos ao quartel prestem a certos exercicios taes como os de utilização do terreno e os seus obstaculos, ou quaisquer outros, e quando, da mesma forma, os stands fiquem proximos.

Terminado o "desbaste", o que se vai fazer? É imprescindivel indicar ou continuar, na sua ordem chronologica, os movimentos da escola do soldado ou do atirador, ensinando-os com methodo e perfeição e só abordando o seguinte quando o procedente estiver conhecido? É indispensavel esperar que a escola do soldado ou a do atirador seja conhecida antes de abordar a instrucção de combate? Evidentemente, não!

Antes de tudo é preciso pensar no combate e portanto adestrar o homem em tudo que d respeito a este. "Fazer resaltar, desde o inicio o espirito do combate que deve dominar a instrucção", diz-nos o regulamento de Infantaria. Então tratemos logo do combate e dos exercicios adequados á formação de combatentes, isto

homens que saibam atirar, utilizar e organizar o terreno, observar, marchar, viver em campanha.

Por conseguinte, o nosso "desbaste" deverá ser, se possível, acompanhado, mas certamente seguido, sem perda de tempo do adestramento tecnico e tactico do tirador e do combatente e do adestramento tendo em mira o serviço em campanha, adestramentos que se misturarão e se penetrarão no decurso de cada sessão.

Notemos de passagem que muitos exercicios que interessam respectivamente cada uma das partes da instrucção são parentes muito proximos e que não tem cabimento executar exercicios especiaes para estudar cada uma das suas partes. E' assim que o estreito parentesco entre o adestramento tactico do atirador e a utilização do terreno, a apreciação das distancias, a observação, a busca e a transmissão das observações, etc. faz com que estes ensinamentos possam, conforme as circunstancias e as facilidades do terreno, ser dados por assim dizer indifferente-mente, quer num, quer noutro caso encarado acima. Não se terá, por exemplo, necessidade de fazer um exercicio especial para ensinar a utilização do terreno para o tiro ou para ministrar o seu aproveitamento sob o ponto de vista da protecção. Ensinar-se-á primeiro a utilisar-o, depois mostrar-se-á como certos obstaculos, certos abrigos, devem ser utilizados para o tiro, para a observação, para abrigo, etc. Cada um desses ensinamentos terá igualmente a sua applicação particular na instrucção da sentinella, do escla-recedor, do atirador, do observador, do soldado em combate, etc., mas, permanecendo constante o principio, será pois, uma simples questão de adaptação.

E' um erro, commumente ainda muito commettido e que temos frequetemente occasião de constatar, julgar que deve existir uma compartimentagem particular, um muro, entre cada um desses ensinamentos.

Desta affirmacção que parece evidente, resulta que, em uma mesma sessão de exercicios, poder-se-á e dever-se-á variar o trabalho afim de:

- tornar-o mais attraente,
- não fatigar a attenção,
- evitar os resfriamentos no inverno e o excesso de calor no verão mantendo por muito tempo os homens immoveis,
- aproveitar ao maximo o tempo consagrado á instrucção,
- aproveitar todas as particularidades que oferecem os terrenos dos differentes exercicios sem perda de tempo.

c) Possibilidade de repetir os exercicios com maior ou menor frequencia.

Póde-se classificar entre os exercicios que e terá possibilidade de repetir amiudadamente, por assim dizer, a cada instante da vida militar, os da escola do soldado com e sem armas, os da escola do grupo e do pelotão em ordem nida.

Estes exercicios não são, sem duvida, de uma importancia capital no combate, mas desempenham um papel de primeiro plano no moldamento physico e moral de uma tropa e

a sua execução reflecte a disciplina e o gráo de instrucção desta. Importa pois dar-lhe um lugar, vamos escrevendo um grande logar porém não queremos desagradar a alguns. Mas como?

Antes de tudo, digamos com o regulamento de infantaria "não se consagram sessões especiaes á ordem unida", e digamol-o bem alto bem forte, na esperança de ver emfim encerrado o habito, desgraçadamente ainda muito em auge, que consiste em fazer executar, durante os 30 ou 40 minutos de uma sessão, um mesmo movimento de manço d'armas ou qualquer outro de importancia secundaria. Esta pratica desagradavel não deixa de se tornar fastidiosa para o recruta e traduz-se, em definitivo, por uma perda de tempo. Seja qual for o recurso de que se lance mão, não se impedirá, com effeito, o relaxamento consecutivo a uma grande tensão muscular assim como a desattenção decorrente da grande tensão nervosa que se produz. Donde uma execução feituosa que retarda a correcção, isto é, um resultado contrario ao que se esperava atingir. Como proceder?

Durante o periodo de "desbaste" de que temos falado, ensinar-se-á, summariamente de officio, os movimentos indispensaveis que permitam ao soldado deslocar-se formado ou individualmente, manter a sua arma e conduzi-la, manobrar, etc.; de modo que "approximadamente" os movimentos lhe sejam conhecidos. Força é mesmo o seu ensinamento.

Depois, nada de sessões especiaes para esses movimentos, porém repetições frequetes durante a jornada exigindo cada vez mais uma melhor execução, aproveitando para isso todos os ensejos: reuniões de qualquer natureza, para os alinhamentos, a continencia e um pouco de marcha; começos e fins dos exercicios, para o manço d'armas. A rigor, podem-se igualmente, consagrar-lhes, alguns instantes no começo e no fim de cada sessão.

A partida para os exercicios e a volta ao quartel deverão todas as vezes, ser aproveitadas para a realização de progressos continuos e visiveis, nos movimentos em forma. Sendo preciso excitar-se-á o amor proprio e o estimulo entre as turmas.

Procedendo-se assim ter-se-á, sem prejudicar a finalidade, economisado instantes preciosos dos quaes a instrucção para o combate auferirá beneficios certos. Podemos dizer que este methodo, por cuja applicação devemos incessantemente bater-nos, dar-nos-á resultados apreciaveis, mas confessamos que será preciso lutar energicamente contra a velha rotina ainda muito cara a muitos instructores.

II

ORGANISAÇÃO DAS SESSÕES DE INSTRUÇÃO

a) Supressão do tempo morto

Durante as sessões todo o mundo deve trabalhar pois que o tempo perdido, com o serviço a curto prazo, não poderá mais ser recuperado. Não haverá mais, como outrora, peridos vãos que permittiam repetir a instrucção. Agora a vida militar se desenrola sem interrupção; pode-se

original a roda geratriz de um moinho em que a menor parada se traduz, para o moleiro, em uma perda irrecuperável de tempo e de dinheiro. Torna-se pois necessário trabalhar sem parar, e sobretudo trabalhar logicamente, preparando minuciosamente as sessões de trabalho a com o previsto mais avisadamente pelo resultado.

Como proceder para preparar o trabalho?

Parece que tudo é preciso "querer" e em seguida "determinar" e assegurar que o que se quer e o que se "determinou" seja executado. Não houver persuasão, as mais assisadas prescrições tombam dentro em pouco em exercício morto.

Só assim assentado, como "querer", como "determinar" o trabalho de uma sessão de instrução?

Tomemos, por exemplo, o commandante da companhia de recrutas que, tendo sob as suas ordens "programa mensal de instrução do commandante do Batalhão", estabelece o seu plano de trabalho para uma semana.

Entre os exercícios previstos:

duas sessões de tiro,

uma marcha de treinamento,

uma sessão de conhecimento e utilização do terreno, busca de objectivos, instrução da infantaria, etc.

Se ele quizer supprimir o "tempo morto", que em as sessões de tiro o trabalho seguinte: tiro de instrução n. 7 (por exemplo), lançamento de granadas inertes,

adestramento tecnico e tatico do atirador: utilização do terreno, observação, busca de objectivos, instrução da sentinella, etc.

Est trabalho só será possível se for convenientemente prescripto bem repartido e se o tempo a ele se prestar; deste modo podendo-se obter o decurso de duas sessões no stand, o trabalho que se julgava necessitar de uma sessão particular no exterior, ter-se-á feito uma economia no proveito doutra parte da instrução.

Ma para isto, insistimos, é preciso "querer", é preciso afastar dos nossos espiritos as antigas sessões de tiro intermináveis durante as quaes a grande maioria dos homens arrastava os sapatos por traz de 4 ou 5 atiradores em fila, quer esperando a sua vez, quer aguardando o fim da sessão. Não diremos novidade lembrando que muitos ha que ainda procedem assim.

Não nos venham dizer que, não se prestando a estas combinações ter-se-á bem ou mal, perda de tempo, como facto consummado, porque responderemos que competirá então ao commandante de companhia escalonar a chegada das fracções que venham atirar, de modo que após o tiro, cada uma se dirija ao trabalho no terreno mais proprio das immedições. Permittendo, porém, que o terreno não permita a execução do programma que indicamos, competirá ao commandante da companhia estabelecer um outro que melhor se adapte a este terreno: e fim é supprimir os "tempos mortos" em todas as circumstancias.

b) Utilização racional dos homens nas classes

Desejariamos poder affirmar que esta medida é de tal modo evidente que seria desnecessario fazer-lhe referencia a não ser a titulo de lembrança. Infelizmente numerosas constatações nos obrigam a assegurar que nem sempre isto acontece o que importa em submeter às mesmas repetições tanto aquelles que tenham comprehendido o assumpto como aquelles que não o tenham, retardando assim o progresso, impedindo um sadio estimulo.

c) Organização das classes

Convem, tambem ahi, procurar a melhor solução, não hesitando em lançar mão, numa mesma classe, daquelles que já tenham comprehendido para auxiliar os que se acham atrasados ou que não tenham comprehendido. Com o habito, um tal processo, que facilita bastante a tarefa do instructor, dá resultados que não são despreziveis.

Já tivemos ensejo de ajuizar da excellencia de tal methodo, notadamente para o adestramento tecnico do atirador, o que, embora não eliminasse as etapas, permittiu reduzir consideravelmente a duração dos exercicios preparatorios. Sabemos que muitos instructores, muito pessoas, não gostam deste methodo: é mister saber impol-o. Com a pratica e deante dos resultados obtidos, elles perdem geralmente a sua repugnancia.

Em certos casos poder-se-á constituir classes em que os homens serão agrupados por equivalencia de saber ou de força. Esta medida deve ser a regra para a organização das classes dos retardatarios e dos desajeitados que deverão ser objecto de uma attenção continua e vigiados com carinho dando-se-lhes os melhores instructores, pelo menos os mais pacientes. Estes instructores terão a obrigação de "apurar" o mais cedo possível o maximo dos seus alumnos, pondo-os em condições de passar para a classe superior.

d) Da variedade nos exercicios e do estabelecimento dos quadros de trabalho

Dissemos que convinha variar os exercicios. Esta variedade, esta prescrição regulamentar, não é discutivel, mas é necessario que a variedade decorra de um programma estudado que se proponha a attingir um fim em um determinado prazo. E' o fim essencial dos programmas do coronel e do cmt. de batalhão, mas o pormenor dessa variedade, a sua adaptação às circumstancias do momento, a sua realisação pratica, só devem encontrar-se no quadro de trabalho do capitão, cujas previsões, para um periodo limitado, são as unicas que podem permittir uma sequencia logica, no quadro fixado pelos seus chefes. E' por esta razão que o "quadro de trabalho" do capitão deve ser muito pormenorizado, bem completo, e que deve, para conseguir a sua applicação logica, conter, para os graduados, explicações e commentarios previstos pelo regulamento de infantaria.

Ainda ahi, "querer" e "determinar" são necessarios. Tivemos, com effeito, occasião de constatar que uma tal pratica, que não deixa de apresentar algumas difficuldades de que não nos occuparemos aqui, cae rapidamente em exerci-

Ante-projecto de lei submettido ao estudo da Commissão de Educação Physica pelo General Nestor Passos, Ministro da Guerra

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 1.^o A Educação Physica deve ser praticada por todos os residentes no Brasil. Ella é obrigatoria em todos os estabelecimentos de ensino, federaes, estaduais, municipaes e particulares, a partir da idade de seis annos, para ambos os sexos.

§ 1.^o Para os do sexo masculino, até á idade de sua incorporação nas forças armadas.

§ 2.^o Para os do sexo feminino, matriculados nas escolas primarias e secundarias e nas escolas profissionais, até á idade de vinte e um annos.

Art. 2.^o O ensino da educação physica será fiscalizado pela União.

Art. 3.^o As obrigações e deveres que se estabelecem na presente lei são da alçada do Conselho Superior de Educação Physica, com sede no Ministerio da Guerra, o qual, para tal fim, pôde dirigir-se ás diversas autoridades e funcionarios da Republica, menos Supremo Tribunal Federal, Senado Federal, Camara dos Deputados, ministros de Estado e presidentes e governadores.

Art. 4.^o É creado um Conselho Superior de Educação Physica, que terá por fim centralizar os trabalhos elaborados pelos órgãos técnicos, estudar os documentos providos do exterior, coordenar todos os elementos para a criação do Methodo Nacional de Educação Physica e, finalmente, vulgarizar por todos os meios e modos tudo que disser respeito ao assumpto.

Paragrapho unico. O Conselho Superior de Educação Physica funcionará na Escola Nacional Superior de Educação Physica.

Art. 5.^o Do Conselho Superior de Educação Physica farão parte obrigatoriamente os membros, nomeados pelo Presidente da Republica, representantes: um do Ministerio da Agricultura; um do Ministerio da Marinha; dois do Ministerio da Justiça, sendo um do Departamento Nacional de Saude Publica e um do Departamento Nacional de Ensino; um do Ministerio da Guerra; um da Prefeitura do Districto Federal e um da Confederação Brasileira de Desportos.

Art. 6.^o O Conselho Superior de Educação Physica terá tres comissões presididas, cada uma dellas, por um de seus membros, por designação do presidente do Conselho e assim designadas:

cios findo desde que não seja mantida com firmeza.

As explicações e os commentarios não bastam: importa que o quadro de trabalho seja dado em tempo afim de que todos os graduados tenham ensino de rever attentamente os "seus regulamentos". Um graduado instructor deve chegar ao exercicio em plena posse do que tiver de ensinar.

Por outro lado, uma lista minuciosa, por phases, dos movimentos a estudar, deverá ser dictada ou distribuida com antecedencia. Os instructores só poderão fazer alteração nesta lista se as circumstancias o exigirem; neste caso, tomarão nota e darão uma parte. O director do exercicio terá então de intervir afim de coordenar estas mudanças.

Esta medida se impõe tanto mais quanto actualmente muitos corpos vivem numa instabilidade constante sob o ponto de vista dos quadros, apesar das sabias prescrições do regulamento que prevê uma permanencia dos quadros de instructores. Porém estas prescrições são baseadas numa permanencia e num effectivo que ainda não foram regulados totalmente. Esta constatação, deploravel em si, não é menos certa em relação ás causas diversas contra as quaes os chefes de corpos se acham impotentes (T. O. E., novos reengajamentos, transferencias, instrucção

dos diferentes pelotões, dos reservistas, etc., etc.).

É por conseguinte necessario que, afim de fazer em parte face aos inconvenientes resultantes dessa situação, sejam tomadas todas as medidas que permitam compensar estes inconvenientes, com o fim de:

manter a permanencia e a continuidade da instrucção,

tornar possível um confronto efficaz, determinar as responsabilidades, possibilitar sem atropelos a substituição de instructores disponiveis ou que deixem a unidade.

Entre estas medidas, a que consiste em distillar, para cada sessão, a tarefa de cada um fixando de uma maneira precisa os limites de cada um parece-nos indispensavel. Poder-se-á, de conformidade com o temperamento individual e o valor de cada instructor, modificá-la ou complementá-la, mas o principio parece-nos indiscutivel.

Trabalho determinado em função das circumstancias e das inspirações do momento, não o pretexto de nunca se estar certo do que se poderá fazer no dia seguinte, deve ser prescripto definitivamente da infantaria, porque só poderá collimar na "matança" da instrucção e não no promettimento dos resultados que se tem o direito de esperar, mesmo com o diminuto tempo de serviço.

- a) das bases scientificas da educação physica;
b) technica e executiva;
c) de propaganda.

1º. Poderão ser creadas sub-commissões adhoc, que se corresponderão directamente com suas congéneres centraes.

2º. As commissões submeterão ao Conselho todas as suas decisões que serão ou não approvadas por elle.

Art. 7º. Fica creado um "Diploma", para os professores e instructores e um "Certificado de estudo", para os monitores de educação physica, quaes serão fornecidos pelas escolas Nacionais Superiores e Estaduaes de Educação Physica, e Gymnastica da Marinha e Centros Regionaes de Instrução Physica Militar, aos alumnos approvados em seus respectivos cursos.

1º. Todos os professores e instructores diplomados ficarão obrigados a um estagio que será consignado no diploma, em cada periodo de seis annos, sem o que o citado diploma perderá o seu valor.

2º. Ninguém poderá ministrar a educação physica ou treinar desportistas, passados dez annos da publicação desta lei, sem possuir o necessario diploma ou certificado.

Art. 8º. Passados dez annos da publicação desta lei, todos os brasileiros, menores de trinta annos, no momento de se inscreverem para os exames ou emprego publico federaes, estaduaes ou municipaes, deverão provar, por um certificado denominado "Certificado de Educação Physica", que têm cumprido a presente lei, exceptuando o que fica dito no art. 16º.

1º. A falta do certificado não eliminará, mas será levada em conta para a classificação final collocando o candidato abaixo de todos os habilitados que o possuírem.

2º. A falta do cumprimento do paragrafo anterior poderá occasionar a nulidade da classificação, caso haja reclamação da parte prejudicada.

Art. 9º. A Educação Physica será dividida para sua melhor fiscalização e regulamentação, em Educação Physica Escolar e Educação Physica Post-escolar. A primeira fará parte dos programas de ensino em todos os estabelecimentos de educação do paiz, sejam federaes, estaduaes, municipaes ou particulares. A segunda é de iniciativa particular, porém, sob a vigilancia e auxilio do Estado.

II

EDUCAÇÃO PHYSICA ESCOLAR

Art. 10. A Educação Physica Escolar é gratuita e obrigatoria para os alumnos de ambos os sexos e será ministrada:

1º. Nos estabelecimentos de ensino primario, publicos ou particulares.

2º. Nos estabelecimentos de ensino secundario, publicos ou particulares, e nas escolas normaes e profissionais.

3º. Nos cursos ou instituições especiaes de educação physica.

4º. Nas associações desportivas.

Art. 11. Os programas de todos os es-

tabelecimentos de ensino do paiz devem destinar uma hora diaria, no minimo, para a pratica da educação physica.

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino pertencentes ao Estado serão dotados paulatinamente, e á medida que os recursos o permittem, dos elementos technicos e materiaes necessarios á pratica da educação physica; aos de propriedade particular será concedido o prazo de cinco annos, a contar da publicação da presente lei.

Art. 13. A partir da publicação desta lei, não se abrirá nenhum estabelecimento de propriedade particular, que não possua os elementos e condições para a pratica da educação physica, de accordo com o regulamento respectivo.

Art. 14. A educação physica nos estabelecimentos de ensino, associações e cursos enumerados no art. 20, será ministrada por professores primarios, ou por instructores especiaes, todos, porém, legalmente habilitados com o diploma previsto no art. 7º.

Art. 15. Os professores de educação physica ministrarão os ensinamentos de accordo com os regulamentos e principios que o Conselho Superior de Educação Physica, com a approvação do Ministro, os indique, ficando em todo o mais sujeito á vigilancia administrativa, disciplinar e economica do serviço, em igual forma com o resto do professorado.

Art. 16. As dispensas, definitivas ou temporarias, da obrigação da educação physica, só poderão ser concedidas pelo Conselho Superior de Educação Physica, por motivo de incapacidade physica reconhecida, mediante exame medico, a requerimento da parte interessada ou do responsavel pela educação.

Art. 17. É instituida uma Caderneta Individual de Educação Physica para todas as pessoas submettidas ás obrigações da presente lei.

§ 1º. Esta caderneta, iniciada com a matricula do alumno, deverá ser escripturada na propria escola ou estabelecimento publico ou particular, associação desportiva, centro ou instituição de educação physica, pelo professor ou instructor e pelo medico. Ella acompanhará o alumno em toda a sua vida escolar, nas associações, cursos ou instituições de educação physica.

§ 2º. Attingida, pelo alumno do sexo masculino, a idade de incorporação nas forças armadas, a caderneta individual de educação physica será annexada á caderneta militar.

Art. 18. Pelos accidentes pessoas occorridos nas escolas e estabelecimentos publicos durante as sessões de educação physica, ministradas sob a direcção de instructores ou professores diplomados, a responsabilidade civil caberá ao Estado, com direito de acção regressiva.

Paragraphe unico. A acção contra o Estado prescreverá, passado um anno do accidente.

III

EDUCAÇÃO PHYSICA POST-ESCOLAR

Art. 19. A Educação Physica Post-Escolar é voluntaria e se fará, especialmente, mediante a pratica dos desportos, sob a fiscalização do Conselho Superior de Educação Physica.

§ 1º. Nas associações desportivas, cursos ou instituições de educação physica.

§ 2º. Nos corpos de tropa do Exército; no regimento naval, equipagens dos navios de guerra e no corpo de marinheiros nacionaes.

§ 3º. Nas forças auxiliares, tiros de guerra e navaes, reserva naval e centros de preparação de officiaes da reserva.

Art. 20. As associações desportivas e os corpos ou instituições de educação physica se submeterão, por seus estatutos, ás regras, e gozarão das garantias e vantagens determinadas nas leis e regulamentos, ficando sujeitos á fiscalização federal.

Art. 21. Todo o movimento desportivo da União será fiscalizado pelo Conselho Superior de Educação Physica.

Art. 22. As competições nacionaes e internacionais só poderão ser levadas a effecto com o assentimento do Conselho; as ultimas deverão ser previamente, submettidas pelo Conselho á approvação do Presidente da Republica, por intermedio do ministerio do Exterior.

Art. 23. Afim de garantir a segurança dos associados e o cumprimento das condições hygienicas e sanitarias estabelecidas pelas respectivas autoridades, não se permitirá a pratica dos desportos em estadios, gymnasios, piscinas, etc., que sejam de propriedade do Estado ou particular, sem prévia autorização do Conselho Superior de Educação Physica ou das autoridades que o mesmo designar.

Art. 24. O Conselho Superior de Educação Physica imporia, com a approvação do Ministro, as normas necessarias para a pratica scientifica dos desportos, velando pela saúde dos que a elles se dedicam.

Art. 25. O Conselho Superior de Educação Physica fomentará a pratica dos desportos, promovendo a formação de sociedades de caracter desportivo e facilitando, dentro do possivel, os elementos technicos e materiaes que sejam necessarios.

Art. 26. Todas as associações desportivas filiadas á Confederação Brasileira de Desportos, remetterão, por intermedio desta e no primeiro trimestre de cada anno, ao Conselho Superior de Educação Physica, um relatório succinto do seu movimento desportivo e uma cópia do ultimo exame physiologico de cada um de seus associados, que praticam a educação physica ou os desportos.

§ 1º. As associações desportivas, instituições e cursos de educação physica não filiados áquella entidade, o farão directamente ao Conselho.

§ 2º. Igual procedimento terão os estabelecimentos previstos no art. 10, remettendo, do mesmo modo, uma cópia do ultimo exame physiologico de seus alumnos e os resultados alcançados na educação physica.

Art. 27. Será interdito a todas as associações desportivas, instituições e cursos de educação physica, tomarem parte em quaesquer manifestações de caracter politico ou religioso.

Art. 28. As associações desportivas, cursos ou instituições de educação physica, deverão attender aos gastos que demandem sua existencia, com as entradas ordinarias e extraordinarias que

fixem seus regulamentos, sem prejuizo das subvenções ou auxilios que lhes possam dar os governos federal e estaduais.

Art. 29. Compete especialmente ao Conselho Superior de Educação Physica no que concerne á Educação Physica Post-escolar:

a) organizar os desportos de accordo com a regulamentação que dicte, podendo modificar sua organização actual, se assim estimar conveniente;

b) fiscalizar-o pelos processos que julgar mais acertado;

c) prestar informações sobre os pedidos de organização e funcionamento das associações desportivas, cursos ou instituições de educação physica;

d) solicitar do Ministerio da Justiça o encerramento da permissão para funcionamento das mesmas instituições, quando desvirtuarem os fins que se têm em vista ao concedel-as;

e) pronunciar-se acerca da conveniencia de outorgar concessões de terrenos ás mesmas instituições e pedir a caducidade das já outorgadas;

f) pedir a exoneração do membro do Conselho que seja indigno de occupar essa função e que não trabalhe desinteressadamente pelo mesmo;

g) premiar as associações que obtiverem melhor classificação nos grandes campeonatos nacionaes;

h) pronunciar-se acerca da dispensa de direitos aduaneiros para as importações de material destinado á educação physica e aos desportos;

i) promover biennalmente paradas regionaes de educação physica no Districto Federal e nas capitales dos Estados e, de quatro em quatro annos grandes paradas nacionaes de educação physica na Capital da Republica, em dias que fixará e que coincidam com uma das grandes datas nacionaes.

IV

DOS PROFESSORES, INSTRUCTORES E MONITORES DE EDUCAÇÃO PHYSICA

Art. 30. A preparação dos professores ou instructores, dos medicos e dos monitores de educação physica será assegurada:

§ 1º. Por uma **Escola Nacional Superior de Educação Physica**, com séde no Districto Federal, a qual terá por fim:

a) formar professores, instructores e monitores qualificados para a instrucção publica e particular, associações desportivas, cursos ou instituições de educação physica, o Exército, a Marinha, as Policias e os Bombeiros;

b) especializar medicos civis, militares e navaes;

c) organizar laboratorios para estudar os problemas da educação e do adestramento physico;

d) elaborar o regulamento geral de educação physica;

e) crear um methodo nacional de educação physica;

f) constituir o **Instituto de Educação Physica do Brasil**, no que concerne não sómente á

V

DOS FUNDOS DA EDUCAÇÃO PHYSICA

Art. 35. E' creada, junto ao Conselho Superior, a **Caixa de Educação Physica**, destinada ao desenvolvimento e custeio da educação physica nacional, e assim formada:

- a) de cinco por cento do producto liquido das entradas nos torneios, concursos e competições de educação physica ou desportivas;
- b) de parte das multas por infracção ás leis sobre jogos prohibidos;
- c) das verbas que constarem, para esse fim, dos orçamentos federaes, estaduais e municipais;
- d) de multas impostas pelo Conselho Superior de Educação Physica;
- e) de quantias que obtenha o Conselho Superior de Educação Physica, a qualquer título;
- f) de publicações sobre educação physica e desportes, vendidas pelo Conselho Superior de Educação Physica.

Art. 36. Os fundos da **Caixa da Educação Physica** podem ser empregados:

- a) em dotar os estabelecimentos de ensino do Estado dos elementos technicos e materiaes indispensaveis á educação physica;
- b) na aquisição ou construção de estúdios, campos de jogos, gymnasios, piscinas, etc.;
- c) para contractar technicos e empregados que sejam necessarios á melhor applicação da presente lei;
- d) nos gastos que originem o serviço do Conselho Superior de Educação Physica;
- e) em subvenções e premios ás associações desportivas, cursos e instituições de educação physica;
- f) em viagens de professores e estudantes da Escola Superior de Educação Physica ao estrangeiro, para aperfeiçoar seus conhecimentos de educação physica;
- g) em geral, ao fomento da educação physica e dos desportes.

Art. 37. Os fundos da **Caixa da Educação Physica** serão postos á disposição do presidente do Conselho Superior de Educação Physica, que os empregará de accordo com as propostas do Conselho, submettendo annualmente á approvação do Ministro. Os saldos dos fundos da Caixa de Educação Physica existentes em 31 de dezembro de cada anno, passarão para a receita do anno seguinte.

VI

PENAS

Art. 38. A infracção pelas associações desportivas, cursos ou instituições de educação physica, ao determinado nos arts. 7, 13, 14, 22, 23, 26, 27, 33 e 35, é punida com a multa de cem mil réis a cinco contos de réis.

Paragrapho unico. As multas serão proporcionaes á infracção commettida e progressivas, segundo o caso, applicadas sempre pelo Conselho Superior de Educação Physica.

Art. 39. O fechamento temporario ou definitivo, será imposto, por decreto baixado pelo Presidente da Republica, mediante proposta do Conselho Superior de Educação Physica, por in-

educação physica propriamente dita, mas tambem nos jogos desportivos, ao atletismo, á esgrima, á natação e, enfim, a todos os exercicios desportivos.

Art. 32. Por escolas estaduais de educação physica organizadas de modo semelhante á Escola Nacional Superior.

Art. 37. Por uma escola de gymnastica da Marinha.

Art. 38. Por centros regionaes de instrução militar.

Art. 31. A escola nacional superior de educação physica será regida por um regulamento que estabelecerá as seguintes bases geraes:

Art. 32. O curso comprehenderá:

1.º Cinco divisões:

- a) alumnos professores, masculinos e femininos;
- b) alumnos instructores do Exercito, Marinha, Policia e Bombeiros;
- c) alumnos medicos civis, militares e naval;

- d) alumnos monitores;
- e) alumnos mestres de esgrima.

2.º Cinco laboratorios:

- a) anatomia, physiologia e psychologia;
- b) chimica biologica;
- c) cinematographia e photographia;
- d) radiologia;
- e) anthropologia e morphologia humana.

3.º Os differentes cursos terão a duração:

- a) para os professores, professoras e instructores: dois annos;
- b) para medicos: tres mezes;
- c) para mestres de esgrima: dois annos;
- d) para monitores: um anno.

4.º Para a matricula nos cursos a, c, e d, do parágrafo anterior, é indispensavel que candidatos sejam maiores de 19 annos e menores de 30 annos, tenham um indice de robustez compativel com o esforço a dispende e, ao menos, para os professores, instructores e mestres de esgrima, o curso gymnasial ou se submitta a um exame de admissão.

Art. 32. A collaboração indispensavel do ensino na educação physica será assegurada:

Art. 33. Pela criação de cadeiras de physiologia applicada á eugenia nas Faculdades de Medicina.

Art. 37. Pela organização da fiscalização medica no ensino da educação physica nos estabelecimentos de ensino, publicos ou particulares, e nas associações desportivas, cursos, ou instituições de educação physica.

Art. 33. O medico e o professor ou instructor de educação physica são inseparaveis; por isso será prohibido ministrar a educação physica a qualquer fimo de desporto, sem a assistencia do medico especialista.

Art. 34. Os professores, instructores e monitores de educação physica nomeados em virtude desta lei não serão vitaliciados nos cargos; servirão em commissão pelo prazo de tres annos, salvo os casos especiaes de incompatibilidade, e não poderão continuar em exercicio sem nova nomeação.

DA PROVINCIA

Inspecção do Chefe do E.M. da 6ª R.M. ao 20º B.C.

DOCUMENTO N. 1

O Ten. Cel. Chefe do E. M. inspecionará o 20º B. C. no período de D a D + 7 de abril. Essa inspecção comprehenderá:

I — Dia D.

Às 6 h.,30 — Exercício no terreno para os officiaes, no qual será estudado, no quadro do pelotão, o G. C. na defensiva.

Esse exercício comportará um thema simples, elaborado pelo Cmt. do Btl., e que será entregue ao Chefe do E. M. nas condições adiante indicadas.

Director do exercício: o Cmt. do Btl.

Às 14h. — Exercício na carta para os officiaes, dirigido pelo Cmt. do Btl. e de accordo com o programma já estabelecido para a inspecção dos officiaes no corrente anno.

Às 16 h. — Reunião dos officiaes.

II — Dia D + 1

Às 6 h.,30 — Exercício no terreno para os officiaes: estudar-se-á um pelotão no quadro da Cia. O Cmt. do Btl. organizará o thema e escolherá o terreno de modo que se possa fazer um estudo do mecanismo da approximação e da tomada de contacto.

Director do exercício: o Cmt. do Btl.

Às 14 h. — Uma sessão de topographia em sala para os sargentos da 1ª Cia.

Duração maxima: 40 minutos.

Às 15 h.,30 — Reunião dos officiaes.

III — Dia D + 2

Às 6 h.,30 — Exercício de quadros no terreno para os sargentos da 1ª Cia.

Comportará um thema, que será organizado pelo Cmt. da Cia., que será também o Director do exercício.

VII

DISPOSIÇÕES TRANSITORIAS

Art. 40. O Governo poderá, prorogar pelo prazo que julgar conveniente, os prazos constantes dos arts. 7º, 8º, 12 e 34.

Art. 41. Enquanto não for creado o "Methodo Nacional de Educação Physica", fica adoptado em todo o territorio brasileiro, o denominado Methodo Francez, sob o titulo de "Regulamento Geral de Educação Physica".

Às 14 h. — Uma sessão de topographia em sala para os sargentos da Cia. Mixta, que se realizará de accordo com as prescripções estabelecidas para a sessão da 1ª Cia.

Às 15 h.,30 — Reunião dos officiaes.

IV — Dia D + 3

Às 6 h.,30 — Exercício de quadros no terreno para os sargentos da Cia. Mixta.

Estudar-se-á — no ambito d'um caso concreto formulado pelo Cmt. de Cia. — o emprego d'uma Sec. Mtrs. L. na offensiva.

Director do exercício: o Cmt. de Cia.

Às 14 h. — Ver o Documento n.º 1, que será entregue no mesmo dia, às 6 h., ao Btl.

Às 16 h. — Reunião dos officiaes.

V — Dia D + 4

Às 5 h.,30 — Apresentação da escola de instrução physica do pel. de candidatos a cabo.

Às 7 h.,30 — Uma sessão de instrução individual para o combate.

Essa sessão realizar-se-á no terreno e será executada pelo pel. de candidatos a cabo.

Ver, a respeito, as instrucções relativas a "inspecção do Chefe do E. M. ao 28º B. C. (Doc. n.º 1)".

Às 14 h. — Uma sessão em sala para o pel. de candidatos a cabo sobre assumpto escolhido pelo instructor.

Duração maxima: 30'.

Às 15 h. — Reunião dos officiaes.

VI — Dia D + 5

Às 5 h.,30 — Uma sessão de instrução physica para os sargentos.

(*) Ver os ns. 185, 186 e 187.

Art. 42. O Governo poderá contractar os technicos estrangeiros necessários á execução da presente lei.

Art. 43. Enquanto não for organizada a Escola Nacional Superior de Educação Physica, os seus cursos poderão ser feitos no Centro Provisorio de Educação Physica, mantido pelo Ministerio da Guerra, mediante regulamentação desta lei, estabelecida de accordo com os Ministerios interessados e na qual, além de outras condições necessarias, serão previstos o numero de alumnos e a gratuidade das matriculas.

Art. 44. O Exercito poderá fornecer instructores para as escolas publicas, a juizo do Ministro da Guerra, até que seja feito o recrutamento do pessoal civil, previsto no artigo 14.

Art. 45. Revogam-se as disposições em contrario.

Às 7 h.30 — Uma sessão de instrução individual de serviço em campanha para o pel de candidatos a cabo.

Vêr, a respeito, as instruções já citadas no parágrafo V.

Às 14 h. — Vêr o Documento n.º...., que se entregue no mesmo dia, às 6 h. ao Fiscal do Btl.

Às 16 h. — Reunião dos officiaes.

VII — Dia D + 6

Às 5 h.30 — Apresentação da escola de instrução physica da 1ª Cia.

Às 7 h. — Uma sessão de instrução individual para o combate.

Essa sessão será realisada por um dos pel. da Cia., designado pelo respectivo Cmt.

Às 14 h. — Vêr o Documento n.º....

Às 15 h. — Reunião dos officiaes.

VIII — Dia D + 7

Às 5 h.30 — Apresentação da escola de instrução physica da Cia. Mixta.

Às 7 h.30 — Um exercício de emprego d'um Sec. Mtrs. P.

Director do exercício: o Cmt. da Cia.

Às 14 h. — Vêr o Documento n.º....

Às 15 h. — Conferencia feita por um officiaes E. M. da Região sobre "OS METHODOS DE INSTRUÇÃO".

Às 16 h. — Apreciação geral do Chefe do E. M. sobre os trabalhos apresentados.

* * *

OBSERVAÇÕES

1ª — Durante a inspecção:

a) todas as licenças serão suprimidas, a não por motivos de força maior;

b) todos os empregados do Btl. deverão tomar parte nos exercícios;

c) a guarda do quartel deverá ser reduzida um mínimo;

d) o horario habitual do Btl. será modificado, de accordo com as necessidades impostas pela inspecção.

2ª — Todas as sessões de instrução e exercício acima indicados serão objecto d'uma cuidadosa preparação que, feita por escripto, deverá ser entregue ao Chefe do E. M. na véspera da realização de cada exercicio, às 14 horas.

O fim que se tem em vista, durante essas reuniões, é verificar o **methodo** seguido pelo instructor para ensinar aos homens os diversos ramos da instrução, particularmente a instrução de combate e serviço em campanha.

3ª — Tudo deve ser previsto, no que respeita aos meios materiaes, para que os trabalhos no terreno não sofram atrasos.

4ª — Todos os officiaes deverão comparecer aos exercicios acima especificados.

5ª — O Dia D. será o dia immediato ao da chegada do Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 2

Apreciação sobre o exercicio no terreno realisado na manhã de hoje

Para que o exercicio no terreno, hoje realisado, fosse levado a bom termo, seria necessario que se consultasse a documentação relativa á inspecção ao 28º B. C., onde o assumpto se acha explanado, em suas linhas geraes, nos documentos ns. 3 e 6, concernentes, respectivamente, á **instrução de combate** e á **instrução dos quadros**.

Não obstante o exercicio deu lugar a algumas observações que, a título exclusivo de ensinamento, passamos a assignalar.

Examinaremos successivamente:

a) a preparação do exercicio;

b) a sua conducta.

Preparação: — Um exercicio comporta sempre:

a) uma preparação intellectual;

b) uma preparação material.

No caso em apreço, a organização material do exercicio constituia questão de pequena monta, pois se tratava d'um exercicio de quadros sem tropa.

Outro tanto não seccedia com a sua **preparação intellectual**...

Esta era de absoluta necessidade; era absolutamente indispensavel...

De facto, todo exercicio deve ser objecto d'uma cuidadosa, escriptura, minuciosa preparação.

Só assim poderemos obter bons resultados; um bom exercicio de quadros, sobretudo de officiaes, não pode ser improvisado!...

Na preparação intellectual d'uma sessão de instrução dessa natureza, a primeira preocupação — a **preocupação dominante** — resume-se na judiciosa escolha dos diversos ensinamentos que devem ser postos em evidencia no decorrer do exercicio.

Do contrario, o instructor dará o seu exercicio sem na verdade **saber o que quer**.

Que quero eu?

Eis uma pergunta que um director de exercicio deve fazer a si proprio, antes de organizar a sua sessão de instrução.

Respondida essa **pergunta fundamental**, o Director poderá passar á determinação dos outros elementos de preparação:

1ª — a elaboração do thema;

2ª — a escolha do terreno.

A situação deve ser creada e o terreno escolhido, de modo que os ensinamentos visados resaltem d'um modo indiscutivel.

Em summa, o instructor deve sempre recorrer á demonstração; só assim elle poderá impor-se aos seus instruendos.

Dest'arte, não é qualquer situação tactica nem qualquer terreno, que se prestam á demonstração que se tem em vista.

Um thema não pode ser formulado a esmo e um terreno não pode ser escolhido ao acaso.

Se assim procedermos, recorreremos á inspiração do momento; improvisaremos...

Ora, o improvisado deve ser banido dos nossos **methodos de instrução**!...

No que respeita ao terreno, é indispensável que o Director faça um cuidadoso reconhecimento do terreno:

a) escolha do observatório ou dos observatórios successivos, d'onde bem se descortine o terreno onde se vai realizar o exercício;

b) reconhecimento perfeito dos itinerários que melhor conduzam a esses diferentes pontos de observação, etc.

Em uma palavra, um Director de exercício, deve ter, conforme a expressão em uso, o **terreno na cabeça**.

* * *

No exercício de hoje, seria mais conveniente que se imaginasse uma outra situação tática. Tratava-se de estudar um G. C. na defensiva.

Urgia, pois, que se creasse uma situação com todos os característicos de defensiva, isto é:

a) possibilidade de escolhermos o nosso próprio campo de batalha;

b) possibilidade de organizarmos um plano de fogos systemático, em consequência do tempo disponível e de perfeito conhecimento que temos do terreno.

Ora, no exercício que está sendo objecto de nossa observação, admittiu-se uma situação de fim de combate, onde não se podia pôr em jogo um dos elementos essenciaes da defesa — a **previsão**.

E' bem evidente que essa previsão não poderia existir no nosso G. C., no momento em que attingiu as vertentes S. E. do **Mo do Pombal**; pelo contrario, a sua situação era imposta pelas próprias vicissitudes do combate — o que, como se pode comprehender, não proporcionava um bom ambiente para o estudo dos variados e interessantes problemas, que comporta um grupo na defensiva.

Em summa, o exercício poderia ser mais rico em ensinamento se outra fosse a situação creada.

O thema tambem não fixava nitidamente os assumptos que seriam estudados no decurso da sessão.

De que se tratava?

E' indispensavel que um Director de exercício estabeleça, d'um modo categorico, a relação dos ensinamentos a ministrar.

E' esse o primeiro passo para que uma sessão de instrução produza bons resultados.

Conducta No documento n. 6 relativa á inspecção ao 28º B. C. estabeleceram-se as prescripções concernentes á conducta dos exercícios de quadros.

Tratava-se d'uma instrução ainda em inicio.

Portanto, o exercício que se devia organizar, corresponderia ao que convençionamos chamar **uma sessão de estudo**, isto é, uma sessão destinada a ensinar os quadros a raciocinar... ensinar-lhes o nosso methodo de Raciocinio que constitue a base mesma do que chamamos a nossa Doutrina de Guerra.

E... nessas sessões, principalmente, ter sempre em vista que uma instrução de quadros

— particularmente uma instrução de officiaes — deve visar o duplo objectivo, fixado, eloquentemente, pelo nosso R. I. Q. T.

a) formar o Chefe;

b) formar o instructor.

O Doc. n. 9 — ainda relativo á referida inspecção ao 28º — desenvolve esta **idéa fundamental**, de que tudo, num corpo de tropa, deve gravitar em torno d'uma instrução de officiaes dada com carinho, ardor e devotamento.

Inculcar no espirito dos nossos officiaes os **principios** e particularmente o **methodo** que constitue a Doutrina de Guerra — é um religioso dever dos chefes.

Mas... para que se possa obter esse magnifico resultado, é indispensavel que as sessões de instrução dos officiaes sejam **minuciosamente** organizadas, isto é:

a) preparadas com o maximo carinho;

b) conduzidas com extremo cuidado.

A organização d'um exercício não é, na verdade, cousa facil, embora se trate d'um G. C., pelo contrario, é uma tarefa difficil, delicada, que exige do Director uma particular habilitação, um tacto especial e, acima de tudo, o gosto pelas cousas da instrução, o ardor profissional, que tudo vence.

A organização de uma sessão de instrução é uma verdadeira arte!...

E... ensinar essa arte aos seus officiaes, de modo a tornal-os bons instructores, — eis um dos sagrados deveres do chefe.

Foi por isso que as recentes "Directivas", concernentes ao 2º periodo de instrução, collocam em primeiro plano a instrução dos quadros permanentes, particularmente a instrução dos officiaes, que dá vida, animação a um corpo de tropa e faz a base do seu prestigio.

Formemos os quadros, se quizermos ter tropa.

A missão do official moderno é complexa; o seu preparo deve, pois, merecer um especial cuidado.

De nada servem os ensinamentos colhiços nas nossas numerosas escolas se não os diffundirmos, na caserna, com o maximo ardor e entusiasmo.

Cuidemos, pois, da instrução dos nossos officiaes.

Só assim teremos chefes e instructores; só assim teremos officiaes á altura da sua incomparavel missão, de sua brilhante tarefa de **instruir e commandar**.

a) instruir a sua unidade;

b) commandar a sua unidade e o escalão immediatamente superior.

E', isso, a consagração perfeita do que preceitua, eloquentemente, o nosso R. I. Q. T.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé, Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 3

Apreciação sobre o exercício de quadros no terreno realizado na manhã de hoje.

O exercício no terreno para os officiaes, hoje realizado, causou boa impressão.

Entretanto, elle nos suggeriu algumas observações, já quanto á sua preparação, já quanto á sua conducta, que passamos a assinalar.

1º O thema que serviu de base ao exercicio foi concebido com simplicidade e bastante clareza, mas, na elaboração d'um thema, principalmente quando se trata d'um exercicio no terreno é conveniente fixar, d'um modo cathorico, a **situação inicial do exercicio**.

No nosso caso, seria muito interessante que se fixasse a situação exacta do pel. testa no momento em que recebeu as informações constantes do thema, ou então, que, no numero dos trabalhos a executar, se pedisse aos officiaes que estabdessem, no terreno mesmo, a referida situação.

Ter-se-ia, assim, uma base de partida bem nida para a nossa sessão de instrução.

Essa prescrição é imperativa e não deve ser esquecida na preparação dos nossos exercicios de combate.

2º E' indispensavel que, em um exercicio no terreno, sigamos sempre o methodo fecundo do **caso concreto**; todas as divagações devem ser evitadas; todas as generalidades devem ser systematicamente proscriptas.

Nada de palavras!

O dominio das palavras é nefasto e devemos não penetrar com extrema cautela!

E' de absoluta necessidade que o Director do exercicio não saia do ambiente do caso **concreto imaginado**.

De que se trata? Trata-se de applicar a um caso particular as prescrições regulamentares. Tão portanto, que não fôr applicação, que estivesse fora do caso em estudo, deve ser completamente abandonado.

E' o meio mais salutar e mais effizaz de evitarmos o vago e de cultivarmos uma qualidatitubilar preciosa — que é a precisão.

3º E' preciso que o Director não perca de vista o objectivo do seu exercicio.

Hoje, por exemplo, tratava-se de um exercicio de pelotão; as minucias do G. C. não de-niamter interessado o instructor.

E' indispensavel que o Director não saia foras do quadro dos trabalhos pedidos; jamais deve ser esviado o curso normal da sessão de instrução.

Para se obter esse resultado, ha um meio muito excellent: o instructor deve sempre es-tar no exercicio.

Essa prescrição não é banal nem tamponco uma inutilidade; pelo contrario, ella é uma necessi-dade.

A preparação mental do exercicio não serve por si mesma; a memoria nem sempre nos é fiel, e ás vezes, no ardor da exposição, muita coisa interessante nos passa despercebida.

O mesmo não acontecerá se o instructor tiver a preocupação de escrever, em um pedaço de papel:

- a) a lista dos ensinamentos que pretende ensinar;
- b) as diferentes phases em que se decomporá o exercicio, se fôr o caso;
- c) a lista dos incidentes destinados a pôr em evidencia os ensinamentos ou a mostrar os erros commetidos;

Em summa, a organização d'uma sessão de instrução é um trabalho de minucia, de paciencia, de gosto, de vontade.

E' uma arte!...

Tudo deve ser previsto, regulado em todos os pormenores e... **escripto**.

Essa ultima prescrição é, no nosso entender, de **caracter obrigatorio**.

Dest'arte, todos os instructores deverão, nos exercicios posteriores, annexar ao thema uma folha, onde, sob o titulo de "**desenvolvimento do exercicio**", deverão fazer um verdadeiro "**plano de exposição**" da sua sessão de instrução.

Assim procedendo, um Director de exercicio poderá falar com mais precisão, mais clareza, pelo simples facto de que tudo foi previsto, tudo foi meticulosamente preparado, meditado; não houve improvisação.

4º No ponto de vista da conducta do exercicio, seria conveniente que se exigissem, nos primeiros exercicios, que os officiaes raciocinassem e que o fizessem seguindo, rigorosamente, o nosso **Methodo de Raciocinio**, que como já temos dito varias vezes, constitue a base da nossa Doutrina de Guerra.

Esse proceder equivale a incutir nos nossos officiaes, desde os primeiros postos, a nossa Doutrina.

A **disciplina intellectual** generalisar-se-á; todos os espiritos formar-se-ão á luz d'uma mesma escola; todos encararão os problemas sob um mesmo angulo.

Em particular, é conveniente, sobretudo nas pequenas unidades, que habituemos os nossos quadros ao estudo minucioso do terreno, obrigando-os a encarar-o d'um **ponto de vista objectivo**; isto é, não perdendo de vista a missão a desempenhar.

A influencia do terreno é tyrannica, e, por isso, é elle um dos elementos essenciaes d'uma situação de guerra; a analyse do terreno é um assumpto importante, que deve sempre ser levado em consideração.

O **classico de que se trata?** não é uma banalidade; ao contrario, devemos obrigar os officiaes, principalmente no inicio, a fazerem essa famosa pergunta, que é o primeiro termo do **raciocinio tactico**.

Em consequencia, a conducta d'um exercicio de quadros deve ser orientada, nos primeiros tempos, de tal forma que todos sejam obrigados pelo Director a seguir a marcha systematica do nosso excellent methodo de raciocinio.

* * *

Resumindo, podemos afirmar que o exercicio de hoje que foi bom — seria optimo se se seguissem as seguintes prescrições:

- a) fixar a situação inicial do exercicio;
- b) não perder de vista o objectivo do exercicio;
- c) não fugir ao caso concreto, divagando e fazendo exposições theoricas que se não prendem directa e intimamente ao problema em estudo;
- d) escrever o exercicio, por mais simples que elle seja;
- e) conduzir o exercicio, de modo a obrigar os quadros a raciocinar.

(Assignado) P. O. Suetonio Lopes de Siqueira Camucé, Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 4

Apreciação sobre o exercício no terreno realizado na manhã de hoje

No exercício de quadros para os sargentos da 1ª Cia., hoje realizado, a situação creada e o terreno escolhido prestavam-se, na verdade, á demonstração que o instructor pretendia fazer.

Não obstante, a conducta do exercício merece alguns reparos, algumas observações, que passamos a enumerar:

1º Em um exercício de quadros é necessário que todos estejam perfeitamente ao par da situação.

Sendo assim, o instructor deverá verificar se todos os instruendos conhecem bem o thema do exercício.

E' conveniente, pois, que esse thema lhes seja distribuido com a indispensavel antecedencia.

E' uma questão importante, que jamais deve ser esquecida.

2º Todos os instruendos devem aproveitar o exercício.

Não é, pois, uma boa pratica, o dispersar os homens; muito ao contrario, todos devem reunir-se, em um ponto de observação judiciosamente escolhido, em torno do instructor, afim de que lhe ouçam a voz, acompanhem de perto o desenrolar da sessão de instrução, fiquem ao par de todas as explicações dadas pelo Director do exercício.

Se quizermos realizar um **exercício de quadros com tropa**, levemos a tropa para o terreno: um dos sargentos, por exemplo, terá o commando d'essa tropa; os demais, porém, deverão ficar perto — muito perto do instructor — afim de que nada lhes possa passar despercebido durante o exercício.

No exercício de hoje, não se observaram essas prescripções essenciaes e — o que é o principal — não se sabia bem se o instructor queria realizar um exercício de quadros com ou sem tropa!...

Como regra geral, todo exercício de quadros, com tropa deve ser obrigatoriamente precedido d'um exercício de quadros sem tropa.

3º Não nos esqueçamos de que, em uma instrução de quadros, devemos procurar inculcar nos nossos homens a nossa **Doutrina**; adextral-os na conscienciosa applicação d'essa Doutrina a casos concretos, variados e numerosos, — eis o que devemos ter em vista.

Sendo assim, ensinemos os nossos quadros a raciocinar.

Officiaes e sargentos devem ser educados á luz d'uma mesma escola.

Ora, o exercício de hoje poz bem em evidencia que os vossos sargentos não sabem raciocinar.

O instructor devia, pois, forçal-os ao raciocinio.

Aconselhamos, mais uma vez, uma attenta leitura do Documento n. 6, concernente á inspecção ao 28º B. C.

Que no exercício de quadros, que se vae

realisar amanhã para os sargentos sejam estritamente observadas; que o Director do exercício obrigue os homens a raciocinar, compellindo-os a analysar cuidadosa e successivamente os elementos essenciaes de toda situação de guerra, que são:

a missão — sua natureza;

o terreno — estudado sempre no ponto de vista objectivo;

o inimigo — suas possibilidades;

os meios — sua applicação em vista de objectivo fixado.

O Director não deve furtar-se a essa **marcha systematica**, peculiar a toda argumentação tactica.

O habito do raciocinio é o meio mais effiziente — melhor processo — de desenvolvermos os reflexos dos nossos quadros.

Sigamos, amanhã, esses conselhos e o novo exercício será bem succedido.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé, Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 5

O Cmt. do Btl. deverá apresentar-me, no prazo de 30 minutos, o programma relativo á instrução das transmissões.

As 14 h., de accordo com o Doc. n. 1, sei feita a inspecção d'esta instrução.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé, Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 6

Apreciação sobre o exercício de quadros no terreno realizado na manhã de hoje.

O exercício de quadros no terreno para os sargentos da Cia. Mtrs. Mixta, concernente ao emprego d'uma Sec. Mtrs. L. na offensiva, merece os mais francos applausos.

A sua preparação foi cuidadosamente feita.

O Director do exercício estava de posse do assumpto e o thema que serviu de base ao exercício foi elaborado com clareza e simplicidade.

O terreno escolhido prestava-se perfeitamente á realização da sessão de instrução e o instructor o tinha na cabeça.

De facto, só quando um terreno é bem conhecido, só quando o seu reconhecimento é feito com extrema minucia, é que bem se pode levar a bom termo um exercício qualquer.

O conhecimento exacto do terreno foi uma das causas do successo do exercício de hoje.

Se a **preparação** da interessante sessão de instrução que nos foi apresentada, fez jus aos mais calorosos elogios, a sua **conducta**, por mais forte razão ainda, é digna de uma referencia especial.

a) pela facilidade e clareza de exposição reveladas pelo joven Director do exercício;

b) pela preocupação que teve em não sahir do ambito do **caso concreto** imaginado, evitando divagações inuteis e vãs digressões theoricas;

d) pela preocupação manifesta de **não perder de vista o objectivo do exercício**, procurando não se afastar do que se achava previsto no quadro dos trabalhos a executar;

o) pela habilidade que demonstrou no modo de interrogar, compellindo o instruoendo a raciocinar;

f) finalmente — e nisso consiste o seu maior merito — pelo gosto que mostrou possuir pelas cousas da instrucção.

Viu-se, claramente, que o instructor, antes de organizar a sua sessão de instrucção, perguntou a si proprio:

Que quero eu?

Qual o meu objectivo?

Em summa, o Director da instrucção, sabia o que queria!

E o soube querer com calma, serenidade e seretudo energia.

Por isso, attingiu, com exito, o fim que tinha em vista.

De facto, todas as boas qualidades do official, já como Chefe, já como instructor — podem resumir-se na formula:

"SABER O QUE QUER E O QUENER EM ENERGIA"

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camê. Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 7

Apreciação sobre o exercicio no terreno realisado na manhã de hoje pelo pelotão de candidatos a cabo.

Notou-se, claramente, no exercicio hoje effectuado, que o instructor dispendeu um louvavel esforço no sentido de dar á sua sessão de instrucção um completo desenvolvimento.

Entretanto, o exercicio deu lugar a algumas observações, para as quaes chamamos uma particular attenção, afim de que nos exercicios ultimes, se evite a repetição de certas falhas, de certos senões, que, a titulo de ensinamento, passamos a enumerar.

1º. Todo exercicio de combate comporta uma situação tactica, muito simples e clara e positivamente estabelecida; a propria instrucção individual deve ser dada no quadro d'uma hypotese extremamente simples e que deve ser muito bem conhecida de todos os homens.

E' indispensavel que todos saibam de que se trata: do contrario, trabalharão no vazio. em uma idéa clara e precisa que lhes oriente a accão.

E' bem verdade que o instructor havia elaborado um pequeno thema para servir de base ao seu exercicio, mas esse thema devia ter sido entregue ao Chefe do E. M. com a antecedencia marcada nas instrucções para a inspecção (ver o 12º das Observações).

2º. O instructor andou bem, procurando materialisar as reacções adversas.

E' de facto, um cuidado que se deve ter na repetição desses exercicios, pois só assim poderemos dar aos homens a impressão do combate.

O fogo inimigo, sobretudo, deve ser muito bem representado.

Isto implica em que a sessão da instrucção seja material e intellectualmente preparada.

Não se pode conceber uma boa figuração dos fogos sem uma cuidadosa preparação dos exercicios.

Não é de improviso que se poderão representar as reacções inimigas, tanto mais que é in-

dispensavel que bem se fixe com antecedencia, o modo de representação (toques de corneta, ruídos de tambor, bandeirolas, etc.) e como e quando seirão desencadeados os fogos.

Vê-se, pois, que tudo isto é um trabalho de extrema minucia que não pode ser improvisado.

Em materia de instrucção, tudo que é improvisado tende, fatalmente, ao fracasso.

3º. O instructor procurou punir as faltas dos executantes, fazendo intervir o inimigo, criando incidentes, materializando, no proprio terreno, os erros commettidos.

E', esse, na verdade, o melhor meio, o mais salutar processo de corrigir as falhas.

4º. Emfim aconselhamos, mais uma vez, a leitura attenta do Doc. n. 3, relativo á inspecção ao 28º B. C. e o cuidadoso estudo do Anexo n. 1 do R. E. C. I., onde o assumpto concernente á instrucção de combate é tratado com o necessario desenvolvimento.

Sessão em sala realisada á tarde para o Pelotão de Candidatos a Cabo.

E' uma boa idéa fazer, em sala, uma preparação d'um exercicio que se pretende realisar ulteriormente no terreno.

Mas, para que essa preparação atinja o maximum desenvolvimento, para que d'ella se possa tirar o maior proveito possivel, é necessario que na medida das possibilidades, a sessão em sala seja tão visinha quanto possivel do exercicio no terreno.

E' ahi, então, que intervem, como um precioso elemento de instrucção, o taboleiro de arcaiz.

Representar, no taboleiro, o terreno do exercicio, e, em seguida, realisar a sessão d' instrucção, tal qual ella vae ser tratada no terreno.

Assim procedendo, a nossa preparação será sobria de palavras!

E' como já temos dito, a preocupação de economisar phrases é particularment louvavel quando se trata de formar homens d' accção.

A idéa de preparar em sala o exercicio não é boa; apenas a execução, deixou a desejar.

E' bom seguir sempre — em sala e no terreno o methodo fecundo do caso concreto.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camê. Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 8

O Cmt. do Btl. deverá apresentar-me, no prazo de 30 minutos, o programma relativo a pessoal do material bellico.

As 14 h., de accordo com o Doc. n. 1, ser feita a inspecção d'esta instrucção.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camê. Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 9

Apreciação sobre o exercicio no terreno realisado na manhã de hoje pelo pelotão de candidatos a cabo.

O exercicio de serviço em campanha, realisado hoje pelo pelotão de candidatos a cabo, causou boa impressão no duplo ponto de vista da elaboração do thema e de escolha do terreno que foi judiciosamente feita.

Entretanto convém reiterar a recomendação já feita no doc. n. 3, isto é, que é boa regra bem se fixar a **situação inicial do exercício**.

Seria também conveniente que o instructor escolhesse um unico assumpto, que constituiria o objectivo do exercicio, ou no caso de escolher varios assumptos, converia que esses assumptos fossem abordados successivamente, decompondo-se, então, a sessão de instrução em varias phases.

Compreende-se facilmente que se estudarmos simultaneamente as diversas missões individuais que o homem pode desempenhar no quadro d'uma patrulha ponta de V. G. — o exercicio terá um fraco rendimento, a instrução produzirá resultados pouco apreciáveis.

Por exemplo, enquanto parte da turma está recebendo a instrução do esclarecedor de ponta, está também completamente alheia ao que se está passando na outra parte, á qual está sendo ministrada a instrução do flanqueador e vice-versa.

Não! É indispensavel que toda a turma instruir receba uma mesma instrução.

De que se trata?

Trata-se, por exemplo, de formar o **esclarecedor de ponta**.

Urge, pois, que todos os homens aprendam desempenhar, no quadro de patrulha, essa importante e delicada missão.

É necessario que seriemos os assumptos; só assim obteremos bons resultados.

O exercicio de hoje deu margem a uma observação muito interessante: **o instructor fallou demais e exigiu que os homens fallssem muito...**

Ora, nos exercicios no terreno, não se trata e perguntar ao homem como faria tal ou qual coisa, como executaria tal ou qual movimento!

Trata-se de ensinar a agir!...

Sejamos sobrios de palavras!...

Do contrario, o exercicio degenera em uma divagação theórica que bem poderia ser dada em aula.

Tenhamos sempre a preocupação obstinada e **não saber do ambito do caso concreto**.

Essa prescripção é imperativa e jamais deve ser esquecida.

p * *

Não obstante, o joven Director do exercicio mostrou-se senhor do assumpto que estava instruindo e revelou uma calma, uma serenidade, uma circumspecção e uma firmeza que merecem uma especial menção.

* * *

Que estas observações sejam tomadas em consideração, e que bem possam orientar a sessão de instrução que se realizará, amanhã, para a pel. da 1ª Cia.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé, Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 10

O Cmt. do Btl. deverá apresentar-me, no prazo de 30 minutos, o programma relativo á instrução dos conductores.

As 14 h. de accordo com o Doc. n. 1, será feita a inspecção d'essa instrução.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé, Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 11

Apreciação do exercicio no terreno, realizado por um pelotão da 1ª Cia.

No exercicio hoje realizado, causou boa impressão:

a) o joven instructor ter elaborado com cuidado, clareza e simplicidade o thema;

b) ter escolhido um terreno favoravel ao bom desenvolvimento do exercicio;

c) ter fixado nitidamente os objectivos da sua interessante sessão de instrução;

d) ter abordado successivamente esses objectivos, decompondo o exercicio em duas phases bem nitidas;

e) ter judiciosamente escolhido bons observatorios, d'onde se pudessem apreciar convenientemente as diversas phases: duas phases, dois observatorios;

f) ter procurado animar o seu pequeno **campo de batalha**, figurando os fogos;

g) ter estabelecido, preciosamente, um certo numero de signaes convençionados, destinados á representação do fogo adverso;

h) ter recorrido á **demonstração**, fazendo com que os homens aprendessem **pelos olhos** o que proporcionou uma notavel economia de palavras.

Emfim, o instructor esforçou-se em seguir os conselhos dados, hontem, no Doc. n. 9.

Entretanto, o Director do exercicio não foi feliz no modo pelo qual pretendeu ensinar aos seus homens como se devia transpor uma barragem...

Urgia que as lacunas existentes nessa barragem — as gottas — fossem materializadas no proprio terreno.

Foi, isso, a consequencia do instructor não ter uma noção exacta do que vem a ser barragem de artilharia.

Convém, pois, que se tenham bem em vista os seguintes dados:

Frente que póde ser batida por uma Bta. 220 mts.

Frente que póde ser batida por um grupo 200x3 — 600 mtrs.

Densidade da barragem — 2 tiros por 15m e por minuto.

Velocidade — 8 tiros por peça e por minuto.

Duração — 5 minutos.

Desencadeamento — a pedido da infantaria mediante um foguete convencional.

* * *

Mas, em tudo isso, o que é confortador é o observar-se, claramente, que a fiel applicação do methodo que temos preconizado, conduz, na verdade, a excellentes resultados.

Foi o que o exercicio de hoje demonstrou, á evidencia.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé, Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 12

O Cmt. do Btl. deverá apresentar-me, no prazo de 30 minutos, o programma relativo á instrução dos padroleiros.

Às 14 h. será feita, de accordo com o Doc. n.º 1, inspecção d'esta instrucção.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 13

As sub-unidades (1ª Cia. e Cia. Mixta) deverão apresentar-me, no prazo d'uma hora, as seguintes individualidades de que trata o art. 10 do R. E. P. M.

P. O. (a) Suetonio Lopes de Siqueira Camucé Ten. Cel. Chefe do E. M.

DOCUMENTO N. 14

Avaliação do exercicio no terreno realizado, na manhã de hoje, pela Secção de Metralhadoras Pesadas da Cia. Mtrs. Mixta.

Para regosijo nosso, o exercicio no terreno hoje realizado — o ultimo do nosso programma de trabalhos — foi, na verdade, um optimo exercicio.

A presente inspecção, teve, assim um bello resultado.

O joven Director do exercicio merece, com toda a justiça, a seguinte felicitação:

a) por ter preparado cuidadosamente a sua unidade de instrucção, já creando uma situação de guerra interessante, já reconhecendo minuciosamente o terreno;

b) por ter conduzido o exercicio com cal-

ma e firmeza, demonstrando estar senhor do assumpto;

c) por ter recorrido á demonstração, fazendo com que os outros homens da Cia. assistissem o desenrolar do exercicio;

d) por ter fallado pouco, preferindo a acção á palavra.

* * *

Parece, pois, estar sufficientemente demonstrado que só um sáo methodo de ensino pode conduzir a resultados satisfactorios.

Não fóra isso, o exercicio que tivemos o prazer de apreciar hoje, não teria o successo que teve.

Todo o seu exito, de facto, foi a consequencia inevitavel de ter sido muito bem preparado e do instructor lhe haver imprimido um **caracter demonstrativo**.

Em uma palavra:

a) exercicio preparado;

b) dado pelo methodo do caso concreto;

c) exercicio demonstrativo.

Contiuemos, assim, a adoptar este methodo fecundo, cujo valor foi posto em evidencia — não só no exercicio de hoje — como nas sessões no terrenos realizadas nos dias 13 (Documento n.º 4) e 17 (Documento n.º 11).

Portanto... parece que todos nós, sem excepção, colhemos os fructos do nosso esforço, do nosso honesto trabalho de 8 dias de inspecção,

(assignado P. O. Suetonio Lopes de Siqueira Camucé, Ten. Cel. Chefe do E. M.

12º R. I. (Bello Horizonte)

Alm dos trabalhos prescriptos pelos Comandantes da Região e da Brigada, os quaes são de cabed no Regimento, esta unidade vae executar, dentro das prescripções regulamentares, o programma completo de trabalhos methodicamente progressivos, e que se realisam, na medida lo possivel, sobre a carta e sobre o terreno.

Alm de familiarisar officiaes e praças com a exam e solução dos multiplos problemas que resultam da adaptação sobre o terreno de situações taticas convenientemente creadas, o Comandante determinou a confecção, no Regimento, de plans relevos, que põem em evidencia, comprovando materialmente, as conclusões hauridas das cartas communs.

O primeiro destes trabalhos foi executado sobre massa de argila, acondicionada em caixa de madeira, o qual apresentou, entretanto, o inconveniente de fender-se por occasião da secagem.

O commandante resolveu, então, fossem elles executados com laminas de papelão e aperfeiçoados por fim com massa de gesso. Os resultados foram optimos.

Assim, executou-se, ali, um plano relevo das circumvisinhanças de Juiz de Fora. O trabalho resultou excellente e já tem servido para o desenvolvimento de muitos exercicios interessantes, como a aproximação desenfada ás vistas terrestres do horizonte inimigo.

Como esse genero de trabalho reveste-se de uma utilidade que nunca seria demasiado encarecer, aqui apresentamos algumas indicações que poderão aproveitar aos camaradas que, em outros corpos, desejem completar sua instrucção, sob esse importante aspecto.

Antes de tudo procede-se em papel que se preste a decalque, a uma ampliação da carta, ou trecho desta, cujo relevo se quer executar.

Para melhor execução do trabalho, convem, após a ampliação, interpolar uma, duas ou mais curvas de nível.

Constroe-se um taboleiro de madeira, bem aplainado, com as dimensões marginaes da carta ampliada, destinado a receber o relevo desejado.

Pode deixar-se, como excesso, uma pequena margem, num dos lados do rectangulo, com 20 ou 30 cm., para receber a legenda, indicações das escalas adoptadas na planimetria e altimetria (em regra diversas), orientação, etc.

O taboleiro deve ser collocado sobre uma mesa ou cavaletes convenientes.

Toma-se o plano desse taboleiro como referencia commum das cotas, correspondendo á mais baixa da carta. Decalca-se sobre elle a curva ou curvas de nível correspondente á primeira cota, acima do plano referencia; recortam-se as laminas de papelão respectivas, utilizando, para o necessario decalque sobre ellas, a ampliação previamente feita. Faz-se coincidir os bordos das

As manobras da 1ª D. I. e o excesso de publicidade

As manobras da 1ª Região Militar, pelas circunstâncias de se combinarem desta vez os esforços das forças de mar com os das de terra em desempenho de acção commum, tiveram, este anno, successo compensador, apesar do pessimo tempo que perseguiu inclementemente as operações, a ponto de alterar-lhes ou adiar-lhes os actos capitaes.

Mas não é aqui nosso intento commentar os trabalhos e resultados das manobras que, certamente, serão assumpto de estudos a serem empreendidos pelos technicos competentes que lhes assistiram o desenrolar. Cabe-nos hoje a tarefa de chamar a attenção dos camaradas e das autoridades militares para o abuso da divulgação commettido pela imprensa desta capital, noticiando os trabalhos a serem realizados e os já executados.

Desde o inicio das operações, publicaram os jornaes da capital, muito bem informados e informados até demais, em longos artigos devida ou inconvenientemente commentados e no aian muito louvavel — é o seu papel — de bem illustrar os seus leitores, não só noticias geraes sobre os exercicios a realizar pelas tropas (tema inicial, acção dos partidos, ensinamentos visados, etc.) mas também pormenores inherentes ao myster, pura e tecnicamente militares. E, diariamente, no transcorrer das manobras, enchiam-se as columnas dos periodicos narrando verdades aqui, invenções ali, entremeadas por vezes de notas ridiculas, hilariantes ou offensivas, no desejo de agradar a turba com "furos" originaes e desopilantes.

Parece-nos que os commentarios explorados pela imprensa a proposito das manobras são por demais serios e graves para serem glosados por todo o mundo. A ethica profissional aconselha sempre que os assumptos de caracter tecnico sejam tratados com ponderação e discreção, de modo a evitar a divulgação de juizos compromettedores e de informações cujo conhecimento possa prejudicar os objectivos desejados.

No caso em apreço, ha a observar ainda a praxe até aqui seguida. Estamos habituados a ver a maior parte dos assumptos technicos militares serem tratados em documentos que trazem a rubrica "reservados", restricção que limita a esphera de sua divul-

gação ao meio militar. Entre esses documentos a que se referem a Manobras de Quadros ou com Inpas recebem ainda quasi sempre a nota "confidencial", por onde se observa que as autoridades militares desejam que elles só sejam lidos pelos officios interessados nos trabalhos. Ora, justamente este anno, os jornaes se excederam publicando materia contida nos documentos officiaes das actuaes manobras e que, como accentuamos, sempre tiveram a rubrica de "reservados".

Em parte, desculpamos os jornaes que expunram semelhantes assumptos, porque cremos que fizeram a melhor das intenções e em honesta buscação de materia para as suas columnas. Comtudo, appellamos para o bom senso de todos no sentido de não mais se reproduzir tal cousa.

Conviria, entretanto, que se apurasse com a ram colhidas as noticias indiscretas, de modo a serem punidos os responsaveis por semelhantes publicações, que, podemos affirmar, foram feitas á revelia dos Estados Maiores encarregados de organizar as manobras.

O nosso reparo impunha-se, porque nada justifica semelhante abuso. Nem mesmo as vantagens da propaganda. Ao publico não pôde interessar a informação copiosa e pormenorizada que lhe ha fornecida, porque não n'as entente. E se são expostas e commentadas, os commentarios de leigos poderão gerar, como geram, interpretações falsas e prejudiciaes ao conceito que esse publico deve fazer da actuação das classes armadas. Além disso, e o que é muito mais importante, dahi pôde advir o perigo de se querer sempre prestar informações precisas e abundantes sobre tudo o que se tiver de realizar. Ora, nos negocios e com dobrada razão, na milicia, a base do exito é o *segredo*, o *segredo absoluto* dos empreendimentos.

E uma vez assim habituado a ser sempre informado, esse publico se molestará, quando em futuras occasiões, que não sejam méras manobras de SEPTIBA, não receber por ventura as abundantes, interessantes e interessantes informações a que se julga com direito.

pillas de laminas iguaes com as curvas de nivel correspondentes, decalcadas sobre o taboleiro pregando-se a taxa, de cabeça chata, uma sobre a outra, successivamente.

Assim, a cada curva de nivel corresponderá uma pilha de laminas iguaes, cujo numero, que é o mesmo para todas, será deduzido tendo em vista a equidistancia, a escala altimetrica adoptada e a espessura das laminas empregadas.

Esta escala pode ser 3, 4 ou 5 vezes maior que a planimetrica da ampliação, conforme a natureza do movimento médio do terreno a ser modelado.

Em zonas sensivelmente movimentada, basta, em regra, tomar uma escala dupla ou tripla; mas menos accidentada, porém, como communmente são as do Rio Grande do Sul (regiões de *cochilhas*), convém adopta-la cinco vezes maior que a horizontal.

O relevo, pois, se obtem com a adaptação successiva dessas pilhas — a qual, como se vê, exige que, sobre a lamina superior de cada pilha pregada, se decalque a curva de cota immediatamente superior, ultimada a superposição

dessas pilhas, é necessario preencher convenientemente os degrãos a que dão origem com massa de gesso de composição identica a empregada nas vidraças, de modo a adocal-os e assegurar a continuidade superficial do terreno.

Completa-se, depois, os demais accidentes naturaes e artificiaes mencionados na carta.

Os campos são pintados a tinta verde, as estradas de rodagem, cor de barro e os cursos d'agua, lagoas, de azul.

Os cortes das vias ferreas e de rodagem serão entalhados a canivetes e os aterros feitos á massa.

Os demais accidentes, como bosques, portes, viaductos, casas, localidades, pedreiras, etc., podem ser figurados com massa ou pedaços de madeira ou chumbo, em escala que pôde ser pouco maior que a planimetrica, tudo pintado com cores convenientes.

Do gosto artistico do executante muito dependerá o acabamento desse trabalho, que afinal constitue uma verdadeira maquette da região recolhida, muito util e interessante.

'S u g g e s t õ e s'

ASSUMPTOS OMISSOS

Atando a administração da Guerra empenhada na promulgação de alguns regulamentos, achamos oportuno lembrar a existência de vários assumptos dos quais cogitam nem o R. S. R. nem o R. S. V. Estabelecidos por ordem decrescente de sua importância.

ANIMAES NASCIDOS NOS CORPOS

Se ha disposição regulamentar a respeito dos filhotes nascidos nos corpos de tropa e estabelecimentos militares.

Injustificavel, portanto, a inserção no R. S. R. e R. S. V. de um artigo mais ou menos assim:

Art. ... — Os animaes nascidos nos corpos de tropa e estabelecimentos militares devem ser encasilhados que finde a desmancha e incluídos no respectivo estado effectivo assim que possam ser encasilhados.

§ 1º — Os veterinarios dispensar-lhes-ão cuidados especiais tendo em vista o fim a que se destinam.

INVERNADAS MILITARES

Seos de opinião que as invernadas do Exército nem ser dirigidas pelos veterinarios. Tendo tudo a zootecnia, a botânica forrageira e os hábitos elles os únicos que têm obrigação de saber n'qual campo de criação.

Em aviso andou o Uruguay ha pouco creando a *União de Veterinarios, Remonta e Campos Militares* dirigida por um official superior veterinario com habilitação aptidão e indiscutivel competencia.

Nos dos regulamentos citados seria de bom almejar a introdução de um dispositivo mais ou menos assim:

Art. ... — As invernadas, capineiras, capineiras e campos de pastagens serão dirigidos, sem prejuizo do serviço, pelo veterinario da corporação.

§ 1º — No caso em que houver dois ou mais veterinarios, o corpo de Director da Invernada será dirigido pelo official mais moderno.

§ 2º — Além de ser responsavel pela conservação da invernada e dos edificios que nella existirem,

o Director da Invernada dirigirá os serviços de limpeza dos campos, plantio de forragens, medicação de animaes, banhos carrapaticidas, toza e distribuição de forragem.

IMMUNIZAÇÃO DE MILHO

É um serviço economico de muita importancia. Foi feito pela primeira vez no Exército pelo 1º ten. Estanislau Gorniak, veterinario do 5º R. C. D.

Se um corpo, aproveitando a safra, compra grande quantidade de milho e manda o veterinario immunizar-o, na occasião de carencia estará forrageando sua cavallada com milho bom e barato.

Assim sendo, faz-se mister um artigo de regulamento mais ou menos como este:

Art. ... — Sempre que for possivel os corpos comprarão, por occasião da safra, a maior quantidade possivel de milho.

§ 1º — Esta forragem, que será immunizada pelo veterinario por um dos processos correntes, de preferencia o que consiste no emprego do polysulfeto de carbono, só será distribuida quando não houver outra mais nova.

EFFECTIVO DE ANIMAES

Os mappas de animaes, conforme temos observado, ora são assignados pelo ajudante, ora pelo comandante, ora pelo veterinario, ora pelo almoxarife.

Achando-se a escripturação de animaes a cargo do veterinario, conforme determina o actual R. S. R., é justo que se amplie essa incumbencia afim de evitar os embaraços que sempre surgem na execução do serviço.

Este dispositivo é opportuno:

Art. ... — Os animaes não distribuidos ás sub-unidades ou não designados para montada, constituirão carga do official veterinario.

§ 1º — Todos os papeis referentes a animaes serão assignados, pelo veterinario-chefe em serviço no unidade.

§ 2º — Na ausencia de veterinarios, esses papeis serão assignados pelo presidente da commissão de remonta do corpo.

CAPITÃO DE CAVALLARIA.

T O R P E D O

A MELHOR MACHINA PORTATIL
TECLADO UNIVERSAL

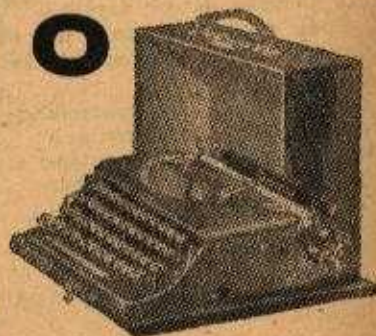
800\$000 em 10 prestações mensaes. — 700\$000
a dinheiro á vista.

CASA MERCEDES LIMITADA

TRAVESSA OUVIDOR, 19—RIO DE JANEIRO

Com direito a um curso gratis (3 mezes) na Escola

Mercedes — Rua Assembléa, 98-3º



Subsídios para os Quadros de Reserva

CAVALLARIA

INSTRUÇÃO INDIVIDUAL A CAVALLO

O fim desta instrução é preparar o homem para desempenhar a *cavallo* as funções que lhe possam tocar, em campanha; mas para isso, torna-se necessario dar-lhe resistencia physica, meios e conhecimentos, o que exige a divisão da instrução em partes.

EDUCAÇÃO PHYSICA — A pratica diaria da equitação e o volteio, feito durante sessões de Equitação, constituem uma educação physica bem violenta, muito embora seus fins particulares sejam outros.

INSTRUÇÃO TECHNICA — Dá ao cavalleiro os meios e os conhecimentos necessarios para ser seguro a cavallo, conduzi-lo e empregar as suas armas. Donde a sua divisão natural em *Instrução equestre* e *Instrução sobre o emprego das armas*.

INSTRUÇÃO DO SERVIÇO EM CAMPANHA — Dá-se ao cavalleiro os conhecimentos necessarios para ser vedeta, explorador, estafeta e balizador. Ha, porém, um certo numero de conhecimentos que serve ao mesmo tempo a qualquer uma dessas missões individuais. Donde a divisão dessa instrução em *Instrução preparatoria* (dá os conhecimentos e faz as applicações) e *Instrução propriamente dita*.

INSTRUÇÃO INDIVIDUAL A CAVALLO	Educação physica	
	Instrução technica	Instrução Equestre.
		Instrução sobre o emprego das armas a Cavallo.
	Instrução sobre o serviço em campanha	Instrução preparatoria. Instrução propriamente dita.

Vejamos a parte de Serviço em Campanha, porque, apesar de ser ella a razão de ser das outras, ainda exige o manuseio de varios livros para o seu completo estudo.

A *Instrução preparatoria* vae dar ao cavalleiro os conhecimentos sobre os meios de orientação, terreno, cavallo, saber olhar, interrogar e informar, e, além disso, ensinar-lhe a fazer as applicações desses conhecimentos.

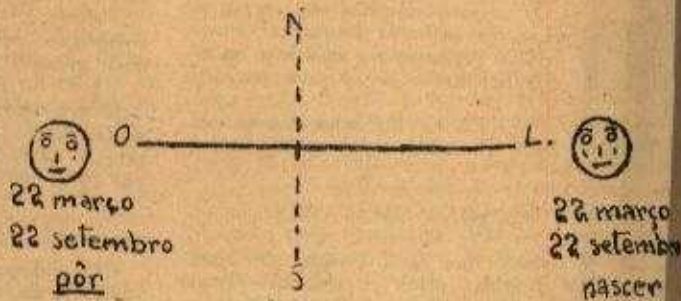
MEIOS DE ORIENTAÇÃO

1º — *Pelo Sol*. — Nascer e pôr do sol — Diz-se, geralmente, que o sol nasce a Leste e

se põe a Oeste; entretanto, isso poderá causar um erro de direcção, de 50 metros em 1.000 m percorridos, em certas épocas do anno. Os quadros e os cavalleiros de escol, pelo menos, devem conhecer a exactidão desse meio.

Em 22 de março e 22 de setembro o nascer dá realmente a direcção de Leste e o pôr a direcção de Oeste.

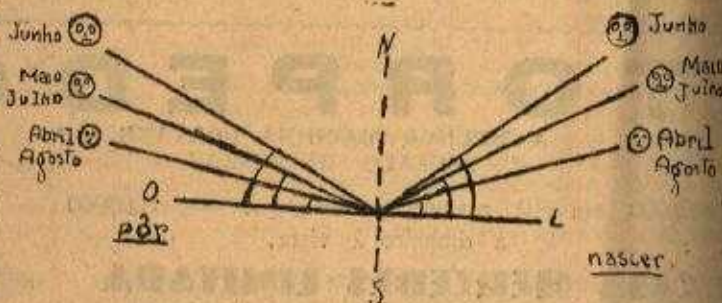
Entre 22 de março e 22 de setembro o sol nasce e se põe ao N. da linha Leste-Oeste, afastando-se cada vez mais dessa linha de 22 de março até 22 de junho e aproximando-se della de 22 de junho até 22 de setembro.



Entre 22 de setembro e 22 de março o sol nasce e se põe ao Sul da linha Leste-Oeste, afastando-se dessa linha de 22 de setembro até 22 de dezembro e aproximando-se della de 22 de dezembro até 22 de março.

Sabendo-se isso, basta saber qual é, portanto, o angulo que separa o sol nascente do verdadeiro leste, angulo que os manuaes do Observatorio dão todos os annos, pois que elle varia de dia para dia, de mez para mez, etc. Calculos feitos e tabellas fixadas nos alojamentos.

Si não se quizer dar os valores dos angulos em millesimos para serem decorados, bastará



dar na espada, no proprio ante-braco, o tamanho correspondente.

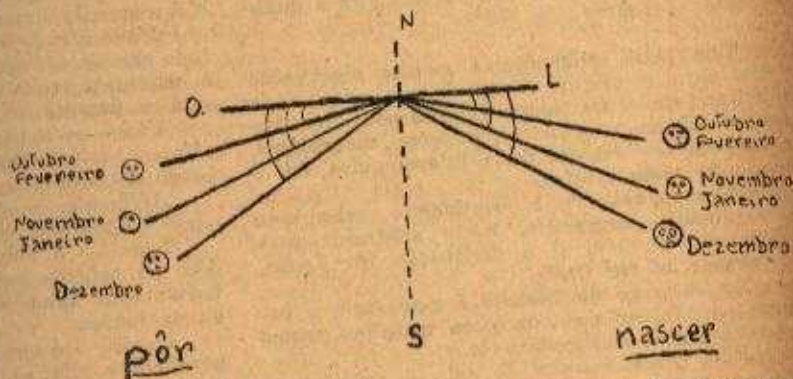
Tendo a medida, vira-se a frente para o sol nascente ou frente, toma-se a medida marcada

vista por uma extremidade o sol e na outra estará este ou Oeste. Determinada uma direcção as outras são sabidas.

dos ventos frios e que no Sul do Brasil vêm do lado do Sul.

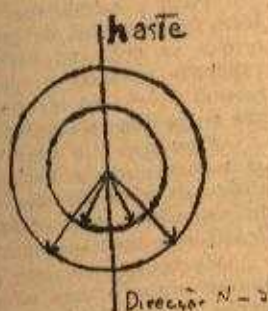
Passaros: — O João de Barros, passaro

Solo meio dia — A sombra de uma haste vertical enterrada no chão dá-nos ao meio dia a direcção N.-S. Finca-se a haste no chão e em torno della traçam-se 2 ou 3 circunferências concentricas e marcam-se os pontos nos qua a ponta da sombra toca as circunferências, desde 2 horas antes do meio dia. Obtido isso a direcção N.-S. será dada pela linha que divide



esses iguaes em duas partes iguaes. Convém notar-se quanto mais ao sul fôr a região em que estiver o homem tanto maiores serão os períodos em que a sombra da haste se dirige para o sul. Assim, nos Estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, a sombra está sempre dirigida para o sul. No Rio de Janeiro, somente no período mais ou menos de 10 de dezembro a 4 de janeiro, a sombra se dirige para o Norte.

Nos demais Estados entre 22 de março e 22 de setembro a sombra estará sempre dirigida para o sul. O período entre 22 de setembro e 22 de março é variavel com o lugar e a época.



Convém que nas Guarnições esses dados sejam obtidos de maneira exacta e fixados nos alojamentos.

Relógio — O meio não é seguro, podendo, muitas vezes, conduzir o homem a resultados errôneos, entretanto, não se deve ignorar-o, pois, em chapinha, não será a applicação de um, mais a de muitos meios ao mesmo tempo que dará uma orientação segura.

Colocar o relógio na horizontal, com o mostrador para cima e o 12 voltado para o sol, de modo que a linha 6-12 esteja paralela á sombra do proprio homem. A linha que dividir ao meio o angulo formado pela linha 6-12 e o ponteiro pequeno dará a direcção do Norte.

2º — *Pelos indícios.* — As observações praticas indicam meios, que sem serem dignos de toda confiança, são, entretanto, bons auxiliares, a saber:

Ação da humidade: — Geralmente os muros, paredes, cercas, pedras grandes, etc., são mais humidos do lado do sul e criam musgo desse lado, pelo menos em maior quantidade.

Formigueiros: — Geralmente as formigas constroem as entradas dos seus formos para o lado mais quente, evitando, portanto, a acção

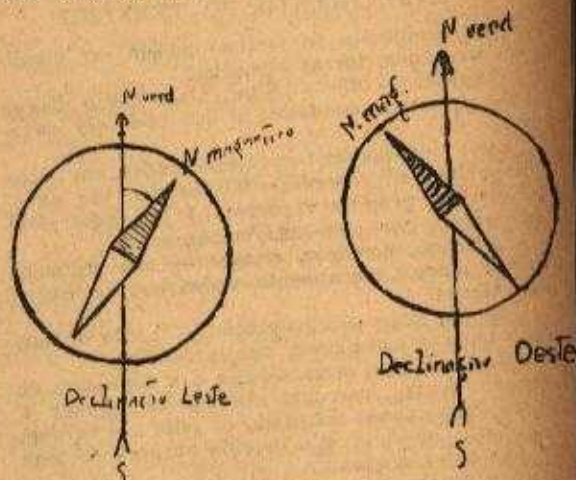
muito conhecido no Brasil, constrói o seu ninho com a abertura voltada para o N., sobretudo na região do sul, onde os ventos predominantes vêm do sul.

Arvores: — Geralmente a casca das arvores é mais desenvolvida do lado do Norte e mais regular. O seu tronco geralmente é mais grosso desse lado. Nas arvores isoladas isto se observa melhor.

Pelos ventos: — Sabendo-se que em determinada região o vento predominante vem de tal direcção, fácil é determinar, uma vez que esteja ventando, os pontos cardeaes.

Pelas informações: — Indagar onde é o nascente naquella região, pois geralmente o homem do campo sabe. Será conveniente nesse caso colher informações de varios habitantes.

Pela bussola: — A bussola tem a fórma de um relógio; possui um limbo com graduações e uma agulha sobre um pino. Essa agulha tem uma das pontas, a azul, imantada que está sempre dirigida para o N., donde a outra ponta fica dirigida para o sul.



Mas, só em alguns pontos da terra essa direcção N.-S. da agulha (direcção magnetica) coincide com a direcção N.-S.

Nos demais ha um desvio para um lado

ou para o outro que se diz *declinação magnetica* que, como já se disse, varia de lugar para lugar. Quando o N. magnetico está á direita do verdadeiro tem-se uma *declinação Leste* e quando está á esquerda — *Oeste*.

Tem aqui cabimento a mesma observação feita para o nascer e pôr do sol relativa ás tabellas. Em cada esquadro haverá uma pequena tabella com as declinações magneticas, sobretudo das regiões mais interessantes sob o ponto de vista militar.

Para se saber o N. verdadeiro, sabendo-se a declinação magnetica, basta subtrahir essa declinação de 360, si a declinação fôr Leste, e sommar, si fôr Oeste.

No emprego da bussola é necessario o homem se afastar de toda peça metallica, como espada, lanca, mosquetão, etc.

4º — *Pelo cruzeiro do sul*. — Prolonga-se o braço maior do cruzeiro cinco vezes na direcção da constellação da mosca e do ponto terminal baixa-se uma perpendicular á terra e assim se tem a direcção do Sul.

Quando os homens iniciam essa instrução o objectivo é que elles saibam seguir uma direcção dada pelos pontos cardeaes e collateraes, donde ser-se levado a dar o sol como nascendo a leste, depois então, pouco a pouco, porém, sobretudo, para os mais vivos, vão-se dando noções mais precisas. O aperfeiçoamento do soldado deve ser constante e só termina com a sua exclusão.

O razião que se tem para verificar si o homem apprendeu a se orientar é pedir-lhe uma demonstração sob fôrma muito simples.

Exemplos: Caminhe na direcção do N.

Frente ao Sul.

Indique com o braço a direcção

L.

Cada mudança de direcção de uma estrada é motivo para uma pergunta dessas, considerando cada vez o sol como nascendo em um ponto.

CONHECIMENTO DO TERRENO

Os accidentes do terreno podem ser divididos em aguas, terras e matas.

Aguas. — Rio — é um longo curso d'agua mais ou menos caudaloso e que pôde ser navegado.

Os rios podem ser classificados em duas categorias: a) *Grandes rios*: os que são navegáveis por grandes vapores; b) *Pequenos rios*: navegáveis por pequenas embarcações.

Ribeiras, correjos, arroios — são pequenos cursos d'agua, geralmente vadeáveis, no tempo das secas.

Fonte, nascente, manancial — ponto do terreno onde a agua brota constantemente.

Leito de um curso d'agua é a depressão do terreno dentro da qual correm as aguas; a parte mais cavada do fundo do leito é o talweg.

Salto, queda — é a descida abrupta do leito de um curso d'agua.

Corredeira — successão de pequenos saltos.

Emboadura, barra, desagudouro, fôz — é o ponto onde um curso d'agua se lança no mar ou noutro curso d'agua; quando a emboadura tem varios braços toma o nome de *Delta*.

Margem — é o terreno que ladeia um curso d'agua. Quando se dá a frente para fôr o curso d'agua, tem-se á direita a *margem direita* e á esquerda a *margem esquerda*.

Montante e juzante — Num curso d'agua tudo que estiver corrente acima de um ponto é a *montante*, tudo que estiver corrente abaixo está a *juzante*.

Vão — é a passagem que um curso d'agua offerece a um homem ou animal pisando o fundo do leito.

Affluente, confluyente, tributario — é um curso d'agua que se lança noutro curso d'agua.

Lago — é uma grande quantidade d'agua doce ou salgada cercada de terra por todos lados; essa agua provém ou de cursos d'agua ou de fontes.

Lagôa — é um lago de pequenas dimensões geralmente ella se liga, por um sangradouro, ao mar.

Banhado — é uma depressão do terreno onde se ajuntam aguas das chuvas ou provenientes da cheia dos cursos d'agua; ha sempre uma vegetação mais ou menos espessa. O fundo dos banhados, embora seja, geralmente, muito meavel é quasi sempre atoladiço.

Atolero — é o terreno encharcado no alto d'agua, de natureza molle e pegajoso.

TERRAS

Para o estudo das terras deve-se partir da idéa fundamental de que o **TERRENO NATURAL** é o que se acha no nivel médio do mar e que o **TERRENO ELEVADO** o que se acha acima do mesmo nivel. No terreno elevado as partes baixas entre duas elevações chamam-se: **DEPRESSÃO**.

Planície — é uma porção do terreno mais ou menos plana e horizontal. Situada á grande altura do nivel do mar, recebe o nome especial de *planalto* e, em pequena altura, chapada. No Brasil em geral denomina-se *campos*.

Montanha — é uma grande massa de terra que se ergue a uma altura bem notavel. Raramente as montanhas se apresentam isoladas, geralmente ou se ligam grupadas em torno de um ponto central, formando um massiço, ou se ligam enfileiradas formando as *serras*.

Monte — é uma elevação de grande altura e bem destacada nas montanhas ou planaltos. Geralmente tem a fôrma de um cone emboado.

Morro — nome generico que se dá a toda elevação que não chega a ser uma montanha. O morro que tem a fôrma alongada e cujas vertentes têm um declive suave (acesso facil a um homem ou cavalleiro) recebe o nome de *colina*.

Convém dizer que no Rio Grande do Sul, por ser uma região interessante, *corro* corresponde ao *morro* e *cochilha* á *colina*.

Ponto culminante — é o mais alto de uma serra.

Raiz ou fralda — é o começo da subida da serra.

Garupa — é um saliente que tem a fôrma approximada da garupa de um cavallo (2 ancas).

Espigão — é uma garupa que termina em ponta.

Apexão — é a garupa que tem no seu topo uma pequena proeminência.

Recorte, da parte superior de uma montanha ou serra recebem nomes conforme as formas que affectam: *cabego* (forma arredondada), *picos* (forma afunilada), *agulhas* (picos muito agudos) e *bicos* (picos recurvados).

Uma elevação os lados denominam-se *vertentes* ou *encostas*, a base *sopé*, a linha divisora das águas, *crista topographica*.

Pista militar — é, numa elevação, a linha interinada pelos pontos, (*) dos quaes se vê o terreno entre esses pontos e a base da derrota.

Olo — é uma depressão mais ou menos renhida na linha de crista.

DEPRESSÕES:

Valle — é uma depressão mais ou menos profunda formada pelo encontro de duas vertentes. As vertentes são os flancos do valle.

Infiladeiro — é uma passagem mais ou menos estreita e larga entre duas elevações.

Arganta — é um desfiladeiro apertado, cujos flancos são íngremes.

Saga — é uma valla aberta pelas águas da chena.

MATTAS:

Matto, Floresta — é uma porção de terreno coberto de uma vegetação alta e abundante.

Capão, Bosque — é uma porção isolada, no meio de uma vegetação alta.

Parque — é um grupamento de arvores frutíferas.

Matto — denominação generica dada a uma porção de terreno coberto de uma vegetação mais ou menos espessa, porém baixa. Quando o matto tem da extensão limitada, denomina-se *capoeira*, quando a vegetação está muito entrelaçada, *bruto*.

Cheira — é um lugar limpo no meio de um matto, matto, etc.

Meiga — vegetação rasteira e brava que dá nos campos.

Matto — é um grupamento mais ou menos espesso de uma vegetação rasteira.

ACCIDENTES ARTIFICIAES:

Dizem-se artificiaes os accidentes, que se encontram no terreno, resultantes do trabalho do homem.

Estrada — é uma denominação generica dada a toda especie de caminho. Ella pôde ser classificada como: estrada de *rodagem*, *caminho para cargueiros*, *pista para cavalheiros* ou *pedestres* e *estrada de ferro*.

Estrada de rodagem — é uma estrada sobre a qual podem passar viaturas. Chama-se *carro-caval* quando permite a passagem a viaturas de 2 ou 4 rodas a tracção animal e *para automoveis* quando nella podem rodar automoveis.

Caminho para cargueiros — é a estrada que só dá accesso a cargueiros.

(*) Mais elevados.

Pista para cavalheiros e pedestres — é a estrada que permite, só, a passagem de cavalheiros e pedestres.

Estrada de ferro — é uma estrada na qual o vehiculo roda sobre 2 trilhos por tracção animal, electrica ou a vapor. O terreno onde assentam as suas linhas chama-se *leito*. *Linha* é a denominação dada aos dois trilhos sobre os quaes roda o mesmo vehiculo. *Bitola* é a largura entre os dois trilhos de uma linha: *larga*, quando é de 1^m,60; *estreita*, quando é de 1^m,00. *Crema-lheira* — é uma peça de aço ou ferro, em forma de dentes, collocada entre os trilhos de uma linha nas estradas de serra. *Estação* — é um lugar preparado para o embarque e desembarque de cargas e passageiros. *Passagem de nivel* — é o ponto onde uma estrada de rodagem corta o leito da linha. *Trem, comboio, composição* — é o conjunto formado pela locomotiva e os wagons ou carros.

Ponte — é uma construcção feita para ligar duas partes do terreno separadas por um curso d'água. Pôde ser de *aço, ferro, pedra, madeira trabalhada*, ou *madeira bruta*. Quando a ponte só dá passagem a animais ou homens, diz-se *uma pinguêla*.

Viaducto — é uma construcção feita para ligar duas partes altas do terreno e separadas por uma depressão.

Côrte — é a abertura feita de alto a baixo através uma elevação. Os lados do córte são *barreiras*.

Pontilhão — é, num leito de estrada de ferro, a passagem sobre uma valla, quando a linha está assente sómente em dormentes amparados por vigas.

Tunnel — é uma passagem subterranea.

Casa — é uma construcção destinada á habitação do homem. Quando é pequena e coberta de palha diz-se *runcho, palhoça, cabana, choça, choupana*. Quando grande e sumptuosa, edificio.

Aldeia — *povoado* — é um agrupamento de casas sem uma organização administrativa.

Villa — é um agrupamento de casas, já bem consideravel, que tem uma organização, embora não definitiva.

Cidade — é um agrupamento de casas muito consideravel com uma organização definitiva e completa.

Linha telegraphica ou telephonica — é uma extensão de fios, sobre postes, destinados a ligarem um ponto a outro.

Cerca — é uma divisão entre dois pedaços de terra quaisquer. Ella se diz de *arame, viva* (da propria vegetação), de *madeira*, de *ferro* (estradas de ferro).

Muro — é uma construcção de tijolos e pedras feita com fim identico ao da cerca.

Campanario — é a abertura onde estão collocados os sinos na torre de uma igreja.

Torre — é uma especie de edificio muito elevado com a forma arredondada ou quadrada.

Estando terminado o estudo dos accidentes do terreno e dos que podem ser encontrados sobre elle, vejamos de modo breve o terreno quanto á natureza das terras, vegetação, differença de nivel e viabilidade.

Natureza — arenoso (maior ou menor quantidade de areia), *duro* (muito consistente),

molle (pouca consistencia), *atoladigo* (que atola), *lamecento* (cheio de lama), *empedrado* (cheio de pedras miudas), *Rochoso* (de rocha).

Vegetação — *coberto* (cheio de vegetação), *descoberto* (desprovido de vegetação).

Diferença de nível — *Plano* (todo no mesmo nível), *ondulado* (com pequenas ondulações), *acidentado* (cheio de collinas e morros), *montanhoso* (cortado de montanhas).

Viabilidade — *Livre* (quando não offerece obstaculos á marcha em qualquer direcção), *cortado* (cheio de vallas, cercas, casas) e *intransponivel* (que possui obstaculos intransponiveis).

O conhecimento do terreno é ministrado ao homem praticamente desde o inicio da instrucção, especialmente durante os percursos no exterior e na instrucção para o combate. E' o proprio terreno quem melhor define os seus accidentes, pois o objectivo é que, o homem olhando-o, diga-os e ouvindo o nome dos accidentes, encontre-os no terreno. Póde-se utilizar, como auxiliar, o taboleiro de areia.

Passemos agora ao estudo do valor dos accidentes, que acabamos de definir, sob o ponto de vista da observação, visibilidade, efficacia do tiro, viabilidade, rapidez de marcha, pontos de referencia.

Neste estudo tem-se em vista fornecer dados que possam servir de base á reflexão de cada um para a utilização do terreno.

Cursos d'agua — si a sua direcção geral é a mesma que a da marcha e é navegavel, permite o transporte rapido com economia de for-

ças physicas, o reabastecimento, as ligações, dependendo da quantidade de meios disponiveis e da situação. Si a sua direcção geral é perpendicular á da marcha é *desvantajoso*, si se tem de atravessal-o é *vantajoso*, si se tem de ir contra o inimigo de atravessal-o, dependendo essa vantagem ou desvantagem da sua maior ou menor largura, numero de pontos de passagem, das pontes ou a vao e correnteza. Vantagem sempre de se ter agua.

Elevação — Em regra bom ponto de observação, a *razancia de tiro* é nenhuma, quando o campo de tiro é a propria vertente, *abriga* contra os tiros e cobre das vistas, *restres* quando o homem collocado atrás elle *difficulta* ou *augmenta* o caminho conforme tem de subil-a ou contornal-a, é um *ponto de referencia*. Dados variaveis com a altura do terreno em redor do observador.

Vegetação — *Difficulta* a observação, *obsta* contra as vistas terrestres e aereas, *difficulta* as ligações, *diminue* o rendimento das armas, *difficulta* a marcha.

Casa — Em grupo, *constitue abrigo*, *abriga*; *difficulta* as ligações e a observação e *obsta* a marcha por direcções determinadas. *Isolada* — é um *excellent* ponto de referencia.

Arvores isoladas, moita, orla de buço, matto, estrada e crista, *constituem* pontos de referencia.

Cerca, valla — *constituem*, além de um ponto de referencia, um obstaculo de importancia variavel.

Alliança Commercial de Anilinas Ltda.

RIO DE JANEIRO

Rua D. Gerardo, 42-2º

Ende. Electr. CORANIL

Caixa Postal, 342

EXCLUSIVA DISTRIBUIDORA NO BRASIL DOS SEGUINTE PRODUCTOS DA:

L. G. FARBENINDUSTRIE A. G., ALLEMANHA

PRODUCTOS CHIMICOS para a fabricação de explosivos e artigos pyrotechnicos:

NITRATOS — de ammonia 99,5 % NH_4NO_3 , de baryo em pó, de potassio 99,5/99,9 % KNO_3 , de sodio 98 % NaNO_3 , de stroncio em pó;

CARBONATOS — de baryo 98/100 % BaCO_3 , de stroncio 99/100 % SrCO_3 ;

CHLORATOS — de potassio 99/100 % KClO_3 , de sodio 99/100 % NaClO_3 ;

ACIDOS — nitrico 96/98 % HNO_3 , nitrico em mistura com acido sulfurico (acido HS)

AMMONIAS — liquida 28,42 % e 35,28 % NH_3 , anhydrica 99,9 % NH_3 ;

CENTRALITES — I com ponto de solidificação 71°C e ponto de fusão 71,5°C;

II com ponto de solidificação 120°C e ponto de fusão 121°C;

DIPHENYLAMINAS — commercial, tech. puro e chim. puro com pontos de solidificação entre 52-52,7°C e de fusão entre 53-54°C

BINITROTOLUENO — com ponto de solidificação 66,5/69°C, Dimethylanilina;

NITROBENZOL, NITRONAPHTALINA — ref. crist.; **GRAPHITE** — pó, 98 % C;

ENXOFRE — em canudos, em pedras e em pó; **PHOSPHORO** — vivo em bastões;

CERA MONTANA — crúa e alvejada; **CHLORURETO DE AMMONIA** — para soldar, etc., etc.

Filias em: **S. Paulo - Porto Alegre - Bahia - Recife**

BIBLIOGRAPHIA

Receemos e agradecemos:

NACIONAES

BrasGráfico. Junho, Rio de Janeiro.

Influencia do desenho sobre o desenvolvimento psychico — O progresso das artes graphicas no Brasil — O ensino profissional.

NovaRevista. Maio, Junho e Julho. Ouro Preto.

Voto sobre os compressores de ar — Plano de Viagem Ferrea no E. M. G. — Estudos de Mathematica.

Uma aritima. Agosto, Rio de Janeiro.

Uma grande facanha — Homenagem á officalidade submersivel Humaytá — Centro de estudos officiaes de reserva do Exercito, O For de Copacabana, Rio de Janeiro.

Pegada particularidades da historia do Brasil — herage pelo som — André Vidal de Negreiros — A fortificação permanente em operaçao da terra Mundial — Telemetria e telemetria de cos.

Revista Escola Militar. — 1º Trimestre de 1913. Recife.

Canas — A arma principal — Granadas — Canas — cruzada Physica.

ESTRANGEIRAS

America

ARGENTINA

Revista Juridica y de Ciencias Sociales. Junho e Agosto.

A Argentina impessoal — Contradições de Anelli — Me projecto de reformas ao Codigodo de

Boletim do Centro Estudantes do Derecho y Ciencias Sociales. Junho e Julho.

Primeira palavras. — Noticiario.

BOLIVIA

Revista Militar. Julho e Agosto.

Novi direçao — Necessidade de preparar-nos para uma possivel prova e as vantagens do serviço militar obrigatorio — Forças militares de alguns países sul-americanos. — As vantagens que nos trarão um Serviço Geographico — O estadista e o conductor do Exercito.

CHILE

Memorial del Ejercito de Chile. Julho, Agosto e Setembro.

De que forma deve ser dada a instrucção de combate na infantaria em nossos corpos de tropa, para que o pessoal obtenha o melhor resultado possível — Academia de Tactica, dada a seus

officiaes, pelo commandante de uma unidade isolada de artilharia — A Escola de Cavallaria dos Estados Unidos — Os feridos evacuados pelo ar — Guia para a instrucção de transmissões nos Grupos de Artilharia de Campanha do Exercito Brasileiro (Traducção de um trabalho do Capitão de Artilharia Frederico Rondon) — Um aspecto interessante da passagem de um rio em face do inimigo — A secção de fuzileiros no ataque — A divisao de cavallaria.

COLUMBIA

Revista Militar del Ejercito. Junho-Julho, Agosto-Setembro.

O Exercito e a agricultura — A primeira batalha do Marne — O Commando e o Estado Maior — Notas sobre a preparaçao militar nas escolas — Methodos para dirigir a tropa durante o assalto.

EQUADOR

El Ejercito Nacional. n. 45.

O Castello de Inga-Pirca (Interessante monographia historica sobre os Incas) — Methodo para o estudo e a resolução de um thema tactico — O polygono ideal, segundo a casa Krupp.

El Libertador. Orgão da Sociedade Boliviana no Equador

Estado actual da Prehistoria Equatoriana Publicaçao da propaganda do Estado.

PARAGUAY

Revista Militar del Ejercito y Marina. Julho e Agosto.

Origem e gráo de exactidão do millesimo do artilheiro — Escola de sub-officiaes nos regimentos — A preparaçao do alto commando — A cryptographia — Ensinamentos das ultimas manobras francezas.

PERU

Revista del Circulo Militar. Junho e Julho.

A Escola Superior de Guerra de Paris — Protecção aerea de um batalhão em combate, em marcha ou em reserva — A missão dos edidos militares — Alguns dados historicos sobre a espada — Notas sobre mobilisação.

Revista de la Escuela Militar. Maio-Junho.

Elementos de Tactica Geral (Traducção do Aliehaut, T. Geral) — A cavallaria allemã — O Jogo de polo.

URUGUAY

Alerta. Setembro.

A disciplina — A instrucção individual — O caracter.

Revista Militar y Naval. Julho e Agosto.

Reforma do plano de estudos da Escola Militar — Emprego da Cavallaria — Serviço de informações da Artilharia — O serviço de informações na guerra mundial — O tiro anti-aereo — A agonia de um encouraçado. — Batalha de Tsushima.

HONDURAS**Revista del Centro Militar.** Maio-Junho.

Episodios de heróis — Artigos militares — Moral Militar — Espirito de disciplina.

MEXICO

Aerea. Dezembro 12- 928 e 1º Trimestre de 1929.

A Aviação, arma poderosa dos paizes de-beis — A topographia aerea — O problema da segurança da aviação — Instalação dosappare-lhos de radio a bordo dos aviões — A politica aerea-das grandes potencias.

El Intendente. De Fevereiro a Agosto de 1929.

America e a guerra mundial — Quando mor-reu o Almirante von Scheer, Sir David Beatty declarou ter sido elle o unico vencedor da ba-talha da Jutlandia. — Promoção — O que cus-tou aos Estados Unidos a guerra mundial.

El Soldado. Julho e Agosto.

A moral individual — Uma pagina de his-toria nacional — Da iniciativa — As promoções.

Revista del Ejercito y de la Marina. Julho e Agosto.

O Chile e o seu Exercito — Algumas reflê-xões sobre a infantaria dos pequenos exercitos — D que é um campo de tiro no Exercito Inglês — O serviço de remonta no Exercito Italiano.

SÃO SALVADOR**Revista del Ministerio de Guerra.** Maio.

Oração do Soldado Salvadorenses — Níveis; sua construção, uso e ajustamento — Armamento da Cavallaria.

Revista del Circulo Militar. Maio e Junho.

O combate da infantaria moderna — A avia-

"As promoções devem exprimir sempre o resultado de verdadeira depuração entre as capacidades de cada posto, visando a eficiencia dos quadros do posto immediato e a do alto commando."

Dr. Heitor Elchille

CLINICA MEDICA -- TUBERCULOSE, ASTHMA

RES. LAFAYETTE, 104

TEL. IP. 0304

CONS. ASSEMBLÉA, 6

TEL. C. 1269

ção militar hespanhola — A arma de acopamento da infantaria — O Marechal Hindenburg a cavallaria — As offensivas allemãs de 188

Europa**HESPANHA****Boletin Militar.** Junho.

Exemplos historicos — Regulamentação de tiros pelos arrebentamentos altos — Um plano da motorização do exercito.

La Guerra y su Preparacion. Maio e Junho.

Observações sobre o combate da linha sob o ponto de vista do ensino — Nacionaliza-protecção e impulsão das industrias mobiliza-para a guerra na Italia — A Russia vermelha e o desarmamento — Características que deve possuir o official de estado-maior — O batalhão de infantaria — A guerra chimica e a sua preparação.

Memorial de Infantaria. Agosto e Setembro.

Algumas reflexões sobre o combate moderno — O emprego tactico de um batalhão de infantaria de combate — Localização de objectivos e o som — O desenvolvimento da aviação — Proibição de acrobacias nos exercicios de activos de aviação em França.

Revista de las Españas. Junho-Julho.

Simon Bolivar, o politico — O Circulo de Bellas Artes de Madrid — Informações culturais e economicas hispano-americanas.

PORTUGAL**Revista Militar.** Julho-Agosto.

Potencial de guerra sul-americano — Os minhos de ferro na grande guerra — Camuflagem militar.

Livraria, Papelaria, Lithographia
:: :: e Typographia :: ::

FUNDADA EM 1845

Endereço Telegr. : PIMENTAMELLO — Rio

Telephone — Norte 7828

LIVROS, REVISTAS E QUAESQUER
TRABALHOS DE ARTES GRAPHICAS

PIMENTA DE MELLO & Cia.

34, RUA NOVA OUVIDOR, 34

(Proximo á Rua Ouvidor)

Caixa Postal, 860

OFFICINAS:

419, RUA VISCONDE ITAUNA, 419

(Edificio Proprio)

Telephone — Villa 5996